

Thaís Fernandes

**A LITERATURA LATINA NO BRASIL: UMA HISTÓRIA DE
TRADUÇÕES**

Tese submetida ao Programa de Pós-
Graduação em Estudos da Tradução da
Universidade Federal de Santa
Catarina para a obtenção do Grau de
Doutora em Estudos da Tradução
Orientadora: Prof.^ª Dr.^ª Claudia
Borges de Faveri

Florianópolis
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Fernandes, Thaís

A literatura latina no Brasil : uma história de
traduções / Thaís Fernandes ; orientadora, Claudia
Borges de Faveri, 2017.

205 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão,
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução,
Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Estudos da Tradução. 2. História da tradução. 3.
Literatura clássica latina. 4. Tradução de
literatura clássica. I. Faveri, Claudia Borges de .
II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. III.
Título.

Thaís Fernandes


**A LITERATURA LATINA NO BRASIL: UMA HISTÓRIA
DE TRADUÇÕES**

Esta Tese foi julgada adequada para obtenção do Título de “Doutora em Estudos da Tradução”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução.


Florianópolis, 3 de agosto de 2017.

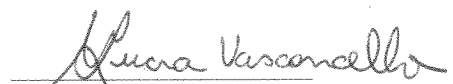
Prof.^a Dr.^a Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão
Coordenadora do Curso

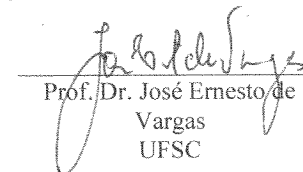
Banca Examinadora:


Prof.^a Dr.^a Claudia Borges de
Faveri
Orientadora – UFSC


Prof. Dr. Márcio Thamos
UNESP (videoconferência)


Prof.^a Dr.^a Zilma Gesser
Nunes
UFSC


Prof.^a Dr.^a Maria Lúcia
Vasconcellos
UFSC


Prof. Dr. José Ernesto de
Vargas
UFSC


Prof. Dr. Mauri Furlan
UFSC

Dedico esta tese às minhas avós,
Helena (*in memoriam*) e Evelyn (*in
memoriam*).

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profa. Dra. Claudia Borges de Faveri, pelo carinho, paciência e dedicação com que me orientou nesses quatro anos.

Aos professores que aceitaram o convite para minha banca, Profa. Dra. Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos, Profa. Dra. Zilma Gesser Nunes, Prof. Dr. José Ernesto de Vargas, Prof. Dr. Márcio Natalino Thamos e Prof. Dr. Mauri Furlan, agradeço a leitura, as críticas e sugestões à minha pesquisa. Agradeço especialmente à Profa. Zilma e ao Prof. Mauri, que fizeram parte de minha banca de qualificação, pela leitura atenta e pelas sugestões que muito acrescentaram ao meu trabalho.

Aos meus pais e minhas irmãs, meu porto seguro.

Ao Brunno (*my partner in crime*) e à Vanusa, a família que eu escolhi, obrigada pelo carinho, pelas refeições quentinhas e por tornarem essa jornada mais leve.

Às amigas de longe, Ana Cristina e Lavínia, que compartilharam comigo as dores e delícias da vida (acadêmica). Aos amigos de perto, Fabio, Fernando, Juliana e Lygia, irmãos que a vida me deu, obrigada pelas risadas, pelas taças de vinho e pela torcida.

Aos servidores e técnicos administrativos da UFSC, especialmente aos servidores da Biblioteca Universitária e do Restaurante Universitário.

Aos professores, funcionários e colegas da PGET, agradeço pelo convívio e pelas contribuições à minha pesquisa.

À Profa. Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos, pela disciplina *História literária; história da literatura*, ofertada na Pós-Graduação em Literatura, da UFSC, que muito contribuiu para minha tese.

À Coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior (CAPES), pela bolsa concedida durante todo o período de minha pesquisa.

*Os clássicos mudam muito de opinião para
agradar aos que os interpretam.*
(Millôr Fernandes, 2004).

RESUMO

O duplo objetivo desta tese foi elaborar um catálogo das traduções de livros impressos de literatura latina publicados no Brasil entre 1808 e 2014 e, a partir deste, fazer um estudo descritivo dessas traduções, nos termos da teoria proposta por Itamar Even-Zohar (1990) e Gideon Toury (1995, 2012). Primeiramente, definiram-se quais autores e obras compõem o conjunto que se denominou como o cânone da literatura latina. Em seguida, iniciou-se o estudo do sistema de literatura latina traduzida no Brasil a partir de uma pesquisa sobre as traduções publicadas no país entre 1808 e 2014. Essa pesquisa teve como fonte os acervos *online* de bibliotecas universitárias e da Biblioteca Nacional, os bancos de dados *Worldcat* e *Index translationum* e o *Repertório brasileiro de língua e literatura latina* (2006), de Tuffani. A partir dessas fontes, elaborou-se um catálogo contendo as seguintes informações: as obras traduzidas, seus autores, seus tradutores, as editoras que as publicaram, a data da primeira edição, se as edições eram bilíngues ou não, se estavam vinculadas a alguma coleção e se eram traduções indiretas, bem como as reedições de cada tradução. Os dados dispostos no catálogo foram analisados nos capítulos de fundamentação teórica e de contextualização histórica desta tese, apontando-se relações entre o sistema literário brasileiro e o sistema de literatura latina traduzida no Brasil. Demonstrou-se, através da análise dos dados, que o sistema de literatura latina traduzida no Brasil sofreu, ao longo do período pesquisado, influências literárias, culturais, históricas e/ou políticas, sendo que ora um, ora outro fator se sobressaiu. Comprovou-se que, como postula a teoria descritiva, a compreensão do contexto de chegada é fundamental para o estudo das traduções e que estas são responsáveis pela manutenção da cultura latina no sistema literário brasileiro.

Palavras-chave: História da tradução. Literatura latina. Tradução de literatura latina no Brasil.

ABSTRACT

The double objective of this thesis was to elaborate a catalog of the translations of Latin literature published in Brazil between 1808 and 2014 and, from this, to make a descriptive study of these translations, according to the theory proposed by Itamar Even-Zohar (1990) and Gideon Toury (1995, 2012). Firstly, it was defined which authors and works compose the set that was denominated the canon of Latin Literature. Then, the study of the system of Latin literature translated in Brazil was started with a research on translations published in the country between 1808 and 2014. This research had as its source the online collections of university libraries and the Biblioteca Nacional, the databases *Worldcat* and *Index translationum* and *The Brazilian Repertory of Latin Language and Literature* (2006), by Tuffani. From these sources, a catalog was prepared containing the following information: the translated works, their authors, their translators, their publishers, the date of the first edition, whether the editions were bilingual or not, if they were linked to a collection and if they were indirect translations, as well as the reissues of each translation. The data presented in the catalog was analyzed in the chapters of theoretical foundation and historical contextualization of this thesis, pointing out relations between the Brazilian literary system and the Latin literature system translated in Brazil. It was demonstrated through the analysis of the data that the Latin system of literature translated in Brazil suffered, during the period studied, literary, cultural, historical and/or political influences, and sometimes one or another factor stands out. It was verified that, as the descriptive theory postulates, the understanding of the target context is fundamental for the study of the translations and that these are responsible for the maintenance of the Latin culture in the Brazilian literary system.

Keywords: Translation history. Latin Literature. Translation of Latin Literature in Brazil.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Cânone da literatura latina por Bayet (1997), Cardoso (2003) e Paratore (1997).....	23
Tabela 2. Traduções de literatura latina publicadas entre 1808 e 1831.....	33
Tabela 3. Traduções indiretas de literatura latina publicadas no Brasil entre 1808 e 2014.....	49
Tabela 4. Tradutores de literatura latina que publicaram traduções no Brasil no século XIX.....	54
Tabela 5. Tradutores que publicaram traduções de literatura latina no Brasil entre 2000 e 2014.....	54
Tabela 6. Traduções de literatura latina por tradutores brasileiros e portugueses, publicadas na França entre 1808 e 1930.....	75
Tabela 7. Instalação dos primeiros prelos oficiais no Brasil.....	76
Tabela 8. Historiografias literárias brasileiras consultadas nesta tese.....	87
Tabela 9. Traduções de literatura latina publicadas no século XIX que foram reeditadas nos séculos XX e XXI.....	103
Tabela 10. Número de publicações de traduções de Agostinho por período...	109
Tabela 11. Lista dos autores de literatura latina citados em Bayet (1996), Cardoso (2003) e Paratore (1997).....	162

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Número de traduções de literatura latina publicadas nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras décadas do século XX.....	35
Gráfico 2. Número de traduções de literatura latina publicadas por editora entre 1808 e 2014.....	46
Gráfico 3. Gêneros literários das obras de literatura latina traduzidas no Brasil entre 1808 e 2014, contando apenas uma tradução de cada obra	57
Gráfico 4. Gêneros literários das obras de literatura latina traduzidas no Brasil entre 1808 e 2014, contando todas as traduções que cada obra recebeu.	58
Gráfico 5. Traduções publicadas pela editora Vozes.....	80
Gráfico 6. Número de traduções de literatura latina publicadas entre 1920 e 1969.....	81
Gráfico 7. Traduções publicadas pela editora Paulinas	84
Gráfico 8. Número de traduções de literatura latina publicadas por década ...	106
Gráfico 9. Número de traduções de literatura latina por autor	108
Gráfico 10. Número de publicações das obras latinas mais traduzidas no Brasil entre 1808 e 2014.....	111
Gráfico 11. Período literário das obras de literatura latina traduzidas no Brasil entre 1808 e 2014.....	112

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO	21
CAPÍTULO 2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO- METODOLÓGICA E ANÁLISE DOS DADOS	30
2.1 SOBRE POLISSISTEMAS, SISTEMAS E A DESCRIÇÃO DE TRADUÇÕES.....	30
2.2 UM MÉTODO PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA DA TRADUÇÃO.....	64
CAPÍTULO 3 – A LITERATURA LATINA TRADUZIDA NO CONTEXTO EDITORIAL E LITERÁRIO BRASILEIRO	69
3.1 AS TRADUÇÕES DE LITERATURA LATINA NO MERCADO EDITORIAL BRASILEIRO	69
3.2 A LITERATURA LATINA E SUA TRADUÇÃO NAS HISTORIOGRAFIAS LITERÁRIAS BRASILEIRAS	86
CAPÍTULO 4 – CATÁLOGO DAS TRADUÇÕES DE LITERATURA LATINA PUBLICADAS NO BRASIL ENTRE 1808 E 2014.....	114
AGOSTINHO.....	115
AMBRÓSIO.....	119
APULEIO.....	120
AULO GÉLIO.....	120
CATULO.....	120
CÉSAR.....	121
CÍCERO.....	121
CIPRIANO.....	125
CORNÉLIO NEPOS.....	125
CORPUS IURIS CIUILIS.....	125
EGÉRIA.....	126
EUTRÓPIO.....	126
FEDRO.....	127
FRONTINO.....	128
GREGÓRIO MAGNO.....	128
HORÁCIO.....	128
JERÔNIMO.....	130
JUVENAL.....	130
LEÃO MAGNO.....	130
LUCANO.....	131

LUCRÉCIO	131
MANÍLIO	131
MARCIAL	131
OVÍDIO	131
PETRÔNIO	134
PLAUTO	135
PROPÉRCIO	136
QUINTILIANO	136
QUINTO CÍCERO	136
SALÚSTIO	136
SÊNECA	136
SUETÔNIO	139
SULPÍCIO SEVERO	140
TÁCITO	140
TERÊNCIO	141
TERTULIANO	141
TIBULO	141
TITO LÍVIO	141
VARRÃO	141
VEGÉCIO	141
VIRGÍLIO	142
VITRÚVIO	145
VULGATA	145
COLETÂNEAS	146
CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	149
REFERÊNCIAS	156
REFERÊNCIAS DOS CATÁLOGOS CONSULTADOS	160
ANEXOS	162
APÊNDICE A – TABELA DAS TRADUÇÕES DE LITERATURA LATINA PUBLICADAS NO BRASIL ENTRE 1808 E 2014	175
APÊNDICE B – TABELA DAS COLETÂNEAS COMPOSTAS DE DIFERENTES AUTORES LATINOS PUBLICADAS NO BRASIL ENTRE 1808 E 2014	200
APÊNDICE C – TABELA DAS OBRAS DE LITERATURA LATINA TRADUZIDAS NO BRASIL ENTRE 1808 E 2014	203

CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO

*Nosce te ipsum*¹.

A distância temporal entre nossa sociedade e a dos romanos, a ausência do ensino do latim nas escolas e, atualmente, em muitos cursos de Letras, nas universidades brasileiras, são algumas das razões pelas quais nosso conhecimento e estudo da literatura latina se dê, majoritariamente, através de textos traduzidos. Poucos leitores brasileiros são capazes de ler um texto em latim. E, apesar da literatura latina apresentar um número limitado de obras, por ser escrita em uma língua do passado², que não tem mais uma comunidade falante e produtora de textos, somente uma parte desse conjunto foi traduzido para o português brasileiro. Os estudos sobre a tradução de obras latinas no Brasil, portanto, constituem um importante expediente, não somente para a compreensão dessa história ainda em sua maioria ignorada, como também, em uma perspectiva mais ampla, para reforçar os estudos latinistas em nosso país. O objetivo desta tese é duplo: elaborar um catálogo das traduções de literatura latina publicadas no Brasil entre 1808 e 2014 e, a partir deste, fazer um estudo descritivo dessas traduções, nos termos da teoria proposta por Itamar Even-Zohar (1990) e Gideon Toury (1995, 2012). A data de 1808 como marco inicial de nossa pesquisa foi escolhida por ser o ano da instalação da Impressão Régia em nosso território.

Em primeiro lugar, é importante precisar nosso *corpus*, ou seja, quais autores e obras definimos nesta tese como literatura latina. A primeira questão a ser abordada, conforme já apontado por Furlan

¹ Versão latina para inscrição encontrada no Templo de Apolo, em Delfos.

² Em *Uma estranha língua? Questões de linguagem e de método*, Alceu Dias Lima afirma que a expressão ‘língua morta’ é uma figura que se refere à fala, mas que é muitas vezes generalizada e atribuída ao todo da língua. Por isso, ele dá preferência à expressão ‘língua do passado’, em detrimento de ‘língua morta’. Ainda segundo o autor, “é só quando, desconhecendo a oposição complementar língua vs fala, se apresentam autores como se fossem já a própria língua, uma língua feita de lugares-comuns, por mais que lapidares, que se faz do latim uma língua morta! Entenda-se: morta, particípio de matar, não de morrer. Morta há de ser aí tomado na sua força transitiva, tendo como agente o ensino de latim da tradição. Morta, sinônimo de matada, não de falecida.” (Lima, 1995, p. 25).

(2005)³, diz respeito ao gênero literário, pois sua concepção na Antiguidade é diferente da que temos hoje. Segundo Furlan (2005), “*grosso modo*, o gênero literário vinculava-se então ao estilo e ao escritor” (grifo do autor, p. 02), sendo o estilo determinado pela matéria ou assunto de que tratava o texto. Já os escritores

[...] eram divididos em *oratores* e *historici*. A categoria dos *oratores* se subdividia em duas; os oradores como tal e os poetas. No entanto, eram normalmente citados numa forma ternária: *historici, oratores, poetae*. Cada categoria requeria um estilo distinto. *Historici*, por sua vez, se referia não apenas aos ‘historiadores’, *stricto sensu*, mas a qualquer escritor que tratava seu tema de uma forma instrutiva, desapaixonada, caracterizada pelo desejo de informar. De maneira que a este grupo pertenciam os filósofos e tratadistas de qualquer assunto. Quanto aos *oratores* e *poetae*, a linha que os separava era determinada pela quantidade e pelo tipo de ornamentação empregados; era mais de ordem técnica que de substância.” (FURLAN, 2005, p. 02).

Compreendida a concepção de gênero literário na Antiguidade, percebemos que, caso adotássemos a concepção de literatura como textos ficcionais ou criativos⁴, teríamos que descartar de nosso catálogo textos fundamentais, como tratados de Cícero e Sêneca, a história de Roma de Tito Lívio, entre tantos outros. Além disso, grande parte desses textos que hoje talvez considerássemos como não-literários foram traduzidos para o português brasileiro, conforme veremos no capítulo

³ FURLAN, Mauri. Quem traduzirá literatura latina no Brasil? In: Simpósio do Grupo de Pesquisa Literatura Traduzida, 2., 2005, Florianópolis. **Comunicação**. Florianópolis: UFSC, 2005. Disponível em: <<http://goo.gl/v2xhM>>. Acesso em: 30 abr. 2014.

⁴ Sabemos que a compreensão da literatura como conjunto de textos ficcionais e criativos é imprecisa e genérica, mas não é nosso objetivo aprofundar a discussão sobre o conceito. Deixamos, como tentativa de esclarecer um pouco mais essa ideia de literatura, o conceito de José Veríssimo, exposto em *História da literatura brasileira* (1969): “Literatura é arte literária. Somente o escrito com o propósito ou a intuição dessa arte, isto é, com os artifícios de invenção e de composição que a constituem é, a meu ver, literatura.” (p. 10).

quatro desta tese. Assim, optamos pela definição de literatura dos antigos para delimitar nosso *corpus* de pesquisa.

A segunda questão a ser discutida para a definição do *corpus* é o período em que foram escritos os textos. Pensando de uma forma mais abrangente, podemos afirmar que encontramos textos escritos em latim desde o século III a.C. até o século XVIII de nossa era. Seria inviável pesquisar as traduções de todos esses textos. Escolhemos, então, delimitar temporalmente nosso estudo, buscando apenas as traduções dos textos escritos entre o século III a.C. até o século V d.C., ou seja, até o momento no qual, convencionalmente, chega ao fim o império romano do Ocidente.

Finalmente, fixados os critérios de gênero literário e período, passamos à definição sobre quais autores latinos compõem nosso *corpus*. De acordo com Furlan (2005), conhecemos os nomes de 772 autores latinos. Desse total, 276 são citados por outros autores, porém seus textos não chegaram até nós; de 352 autores conhecemos apenas fragmentos de textos, restando somente 144 autores cujas obras foram preservadas integralmente ou com poucas lacunas. A partir deste conjunto, definimos um cânone da literatura latina, apoiando-nos, para isso, na obra de três autores: *História da literatura latina*, de Ettore Paratore (1997), *Literatura latina*, de Jean Bayet (1997) e *A literatura latina*, de Zelia de Almeida Cardoso (2003). Após estudo dessas obras de referência, chegamos a uma lista dos 71 escritores latinos considerados mais importantes pelos três autores pesquisados⁵, conforme mostra a Tabela 1 abaixo:

Tabela 1. Cânone da literatura latina por Bayet (1997), Cardoso (2003) e Paratore (1997).

A. Cornélio Celso	Fedro	Pompeu Trogo
Ácio	Floro	Pompônio Mela
Agostinho	Frontão	Propércio
Ambrósio	Frontino	Prudêncio
Amiano Marcelino	Horácio	Quintiliano
Apuleio	Juvenal	Rutílio Namaciano
Arnóbio	Lactância	Salústio
Asínio Polião	Ligdamo	São Jerônimo

⁵ A Tabela 11 com todos os autores citados por Bayet (1997), Cardoso (2003) e Paratore (1997) pode ser encontrada nos Anexos desta tese. Bayet (1997) menciona, no total, 172 nomes, Cardoso (2003), 48 nomes e Paratore (1997) cita 497 escritores.

Augusto	Lívio Andronico	Sêneca, o Filósofo
Aulo Gélio	Lucano	Sêneca, o Retor
Boécio	Lucílio	Sílio Itálico
Catão	Lucrécio	Suetônio
Catulo	Manílio	Sulpícia
Cecílio Estácio	Marcial	Tácito
César	Marco Veleio Patérculo	Terêncio
Cícero	Minúcio Félix	Tertuliano
Cipriano	Névio	Tibulo
Claudiano	Ovídio	Tito Calpúrnio Sículo
Columela	Pacúvio	Tito Lívio
Cornélio Galo	Pérsio	Valério Flaco
Cornélio Nepos	Petrônio	Valério Máximo
Cúrcio Rufo	Plauto	Varrão
Ênio	Plínio, o Jovem	Virgílio
Estácio	Plínio, o Velho	

Entre os autores citados na Tabela 1, encontramos alguns cujas obras nos são desconhecidas ou se constituem somente de pequenos fragmentos, como Lívio Andronico, Cecílio Estácio e Sulpícia, apenas para mencionar alguns. No entanto, sua importância para a literatura latina, atestada pelos autores latinos posteriores a eles, e a recorrência da menção a seus nomes nos manuais justifica sua presença no cânone. Assim, nosso *corpus* de pesquisa se constitui dos autores listados na Tabela 1, excetuando-se aqueles cujos textos não sobreviveram até nós.

Nossa pesquisa se insere na área de história da tradução, cujo estudo não é novo. Tradutores, desde muito tempo, refletem sobre sua arte e investigam sua história. Woodsworth (1998, p. 100), em verbete produzido para a *Routledge encyclopedia of translation studies*, destaca o trabalho de Huet, publicado em 1661 e intitulado *On the best way of translating*, como um dos exemplos de obra em que o autor discute e compara ideias de tradutores de diferentes períodos históricos. Porém a mesma Woodsworth (1998) admite que, apesar de devermos levar em consideração essas tentativas anteriores de historiar a tradução, uma *história das histórias* ainda precisa ser escrita, e é este o trabalho dos pesquisadores contemporâneos. Isso porque as tentativas anteriores e as atuais de historiar a tradução são diferentes. As experiências mais recentes pretendem apresentar uma história da tradução mais imparcial, estruturada e sistemática. Desde os anos de 1980, especialmente, os pesquisadores de tradução estão se voltando para a escritura da história da sua disciplina, tarefa que, para Berman, é a mais urgente de uma

verdadeira teoria moderna da tradução (BERMAN, 1984, p. 12). Contribuir com uma parte, embora pequena, dessa história é o que constitui o horizonte de nossa pesquisa.

Para tal, servimo-nos, como suporte teórico, da teoria dos polissistemas, conforme elaborada por Itamar Even-Zohar (1990); dos Estudos Descritivos da Tradução, conforme pensados por Gideon Toury (1995; 2012) e José Lambert (2011); e das reflexões de Antonio Candido (2000) sobre a literatura como sistema e sobre a influência da literatura estrangeira na formação da literatura brasileira.

A teoria dos polissistemas começou a ser elaborada por Even-Zohar a partir dos anos de 1970 e foi sendo desenvolvida por outros teóricos dos Estudos Descritivos da Tradução. Essa teoria nos permite descrever as traduções com base nas relações entre sistemas de línguas diferentes. Ao adotar a visão dos descritivistas, assumimos que as traduções são fatos da cultura que as hospeda (TOURY, 1995, p. 24) e que a metodologia para sua descrição deve ser orientada para a cultura de chegada. Afinal, de acordo com Toury (1995, p. 12), as traduções sempre são produzidas para suprir certas necessidades ou ocupar determinados espaços na cultura de chegada. Nessa perspectiva, as normas, modelos e estratégias usadas pelos tradutores e demais agentes envolvidos nos processos de tradução não podem ser entendidas isoladamente, ou seja, fora do contexto literário e cultural no qual traduções e tradutores estão inseridos.

Candido (2000), assim como a teoria dos polissistemas e os Estudos Descritivos da Tradução, leva em conta a noção de *sistema* no estudo da literatura, a qual “[...] requer um método que seja histórico e estético ao mesmo tempo, mostrando, por exemplo, como certos elementos da formação nacional (dado histórico-social) levam o escritor a escolher e tratar de maneira determinada alguns temas literários (dado estético).” (p. 16). Além da relação entre o contexto histórico-social e a literatura, o autor também aborda a influência das literaturas estrangeiras na formação da literatura brasileira. A leitura de Candido (2000) nos auxiliou a levantar hipóteses sobre as relações entre o sistema literário brasileiro e o sistema de literatura latina traduzida.

Nosso estudo se iniciou com uma pesquisa das traduções de literatura latina publicadas no Brasil entre 1808 e 2014, a partir da qual visamos estabelecer um quadro, o mais completo possível. Procuramos encontrar as seguintes informações: os títulos traduzidos, seus autores, seus tradutores, as editoras que os publicaram e a data da primeira edição. Também buscamos saber se as edições são bilíngues ou não, se são traduções diretas do latim ou indiretas (neste caso, também tentamos

descobrir a partir de qual língua a tradução foi feita) e se estão vinculadas a alguma coleção da editora em questão. Por fim, anotamos todas as reedições que encontramos das obras, com o intuito de saber se essas traduções ainda fazem parte do mercado editorial brasileiro ou se tiveram apenas uma edição.

Iniciamos nossa pesquisa no acervo da biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina e continuamos em catálogos e bancos de dados *online*. O primeiro banco de dados consultado foi o *Worldcat*⁶, que permite a consulta *online* aos acervos de bibliotecas do mundo todo. Apesar de o *Worldcat* possuir uma grande quantidade de dados, não há muitos filtros na ferramenta de busca e os resultados obtidos não são, portanto, completos: faltam informações como o nome do tradutor ou o ano da primeira publicação.

Consultamos igualmente o *Index Translationum*⁷, um banco de dados mantido no portal da UNESCO, que contém informações a respeito de livros traduzidos e publicados em mais de cem países membros desse organismo. Ainda que possua boas ferramentas de estatística e de busca, através das quais é possível, por exemplo, selecionar a língua de partida e a língua alvo da obra a ser pesquisada, seus dados não são atualizados com frequência, o que torna seu catálogo bastante incompleto.

Também consultamos os catálogos *online* das editoras que apareceram em nossas pesquisas preliminares, a fim de conferir as informações já obtidas e encontrar outras publicações que porventura não estivessem catalogadas nos bancos de dados anteriormente consultados. Finalmente, examinamos o acervo *online* da Biblioteca Nacional, cotejando as informações obtidas nas outras fontes.

Toda a pesquisa acima descrita exigiu muito tempo e esforço, por muitas vezes encontramos dados que se contradiziam nas várias fontes de pesquisa e foi preciso recorrer, então, a outras fontes, como artigos, teses e manuais de literatura latina, para confirmar informações. Além disso, a ausência de filtros dessas ferramentas de busca também dificultou a consulta. Nenhum dos bancos consultados faz diferença, por exemplo, entre o português brasileiro e o europeu, portanto, tivemos que verificar a cidade onde foi publicada cada obra ou a nacionalidade do tradutor para decidir se o dado seria incluído ou não em nosso catálogo.

⁶ WorldCat. Disponível em: <https://www.worldcat.org>. Acesso em: 20 jan. 2015.

⁷ UNESCO. Index Translationum. Disponível em: www.unesco.org/xtrans. Acesso em: 15 fev. 2015.

A busca foi feita pelo nome do autor, o que constituiu outro obstáculo, pois nomes como Cícero e César geravam uma lista numerosa de autores brasileiros e portugueses com esses mesmos nomes e precisávamos verificar o nome da obra para ter certeza de que se tratava dos autores latinos.

Quando nossa pesquisa, de busca pelas traduções latinas no Brasil, estava pronta, encontramos o trabalho de Eduardo Tuffani, professor da Universidade Federal Fluminense, intitulado *Repertório brasileiro de língua e literatura latina* (2006). Este livro é o resultado de uma pesquisa feita durante um intervalo de 12 anos sobre a produção nacional em língua latina e as traduções de literatura latina, abrangendo o período de 1830 a 1996. O levantamento dos dados foi feito nos principais centros de estudos da área e as obras elencadas referem-se a autores datados até o século VIII, sendo que “[...] o elenco é sobre Latim e só engloba títulos respeitantes a Filosofia, História e Direito Romano se também têm entrada em obras, autores e gêneros literários [...]” (TUFFANI, 2006, p. 16), dando-se prioridade aos textos integrais. Cotejamos os dados da pesquisa de Tuffani (2006) com as informações colhidas em nossa busca, acrescentando à nossa lista as traduções encontradas por ele e que não estavam nos bancos de dados nos quais pesquisamos.

Em nosso catálogo, não foram contabilizadas as traduções publicadas em dissertações, teses e periódicos, nem publicações de livros eletrônicos, pois isso demandaria um tempo muito maior de pesquisa. Esse tipo de publicação (excluindo-se os livros eletrônicos) não faz necessariamente parte do mercado editorial, pois tem um propósito eminentemente acadêmico. Por essas razões, nossa busca se restringiu às traduções publicadas em formato de livro impresso, a partir de 1808 até 2014.

Concluída a pesquisa documental, começamos a observação e quantificação dos dados. Chegamos a um total de 318 traduções de textos latinos traduzidos e publicados em livro impresso em nosso território durante o período de 1808 a 2014. Desse total, temos 16 coletâneas. Os resultados nos mostraram que grande parte do conjunto de autores latinos conhecidos – Cícero, Sêneca, Ovídio, Virgílio, entre outros – possui ao menos uma tradução para o português e que o número de publicações de literatura latina vem aumentando a cada década.

Também foi possível perceber, através da análise dos dados, que o perfil atual do tradutor de literatura latina é de pesquisadores e professores universitários, em sua maioria. Ou seja, parece que a literatura latina tem um público-leitor cada vez mais especializado e

perdeu prestígio nos catálogos das grandes editoras. Encontramos também uma presença bastante forte de editoras ligadas a congregações religiosas, sendo que as três editoras que mais publicam literatura latina no Brasil são desse tipo. Essas editoras acabam por dar preferência às obras filosóficas e aos autores do período cristão da literatura latina. Podemos relacionar esse perfil editorial ao elevado número de traduções encontradas de Agostinho⁸, por exemplo. Colocando-nos na perspectiva da teoria dos polissistemas e do paradigma descritivo, pretendemos observar algumas das relações existentes entre os dados e os diferentes contextos (social, histórico, literário etc.).

Nosso método, em resumo, constitui-se de quatro etapas: a primeira delas foi a definição do cânone da literatura latina e do *corpus* de pesquisa. Em seguida, foi feito o levantamento dos dados, nos bancos de dados e acervos *online*, a respeito do sistema de literatura latina traduzida no Brasil entre 1808 e 2014. A terceira etapa foi a construção do catálogo de traduções. Por fim, fizemos a observação e quantificação dos dados, a partir dos autores que formaram nossa base teórica.

Esta tese é composta de 5 capítulos, sendo este o primeiro. No segundo capítulo, apresentamos o arcabouço teórico da tese: a teoria dos polissistemas, os Estudos Descritivos da Tradução e as ideias de Antonio Candido (1989; 2000) sobre a formação da literatura brasileira e sua relação com as literaturas estrangeiras. Neste mesmo capítulo, trazemos alguns dados de nosso catálogo, analisando-os sob a ótica dos teóricos estudados. No terceiro capítulo, contextualizamos historicamente a organização do mercado editorial brasileiro e a tradução literária no país, a partir da leitura de historiografias da literatura brasileira, com o objetivo de perceber como os autores das historiografias apresentam a tradução, no geral, e, mais especificamente, o que dizem e o que não dizem sobre a influência da literatura latina e sua tradução na literatura brasileira. Ainda no capítulo três, buscamos relacionar os dados de nossa pesquisa com os movimentos literários brasileiros, conforme descritos pelas historiografias, e com o mercado editorial. O catálogo das traduções de literatura latina publicadas no Brasil entre 1808 e 2014, fruto de nossa pesquisa, encontra-se no capítulo quatro desta tese. Finalmente, no capítulo cinco, apresentamos

⁸ Os dados nos mostraram que Agostinho é o autor latino mais traduzido no período pesquisado. Suas obras são publicadas, em sua maioria, pelas editoras Paulinas, Editora Vozes e Paulus, as três editoras com maior volume de publicações de literatura latina no Brasil, respectivamente.

nossas considerações finais a respeito do sistema de literatura traduzida no Brasil e algumas perspectivas para estudos futuros.

CAPÍTULO 2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA E ANÁLISE DOS DADOS

“Tudo depende do papel dos escritores na formação do sistema.” (CANDIDO, 2000, p. 28).

Este capítulo é dividido em duas partes, nas quais apresentamos o arcabouço teórico da tese. Primeiramente, fazemos uma exposição da teoria dos polissistemas, conforme foi pensada por Itamar Even-Zohar (1990), dos Estudos Descritivos da Tradução e do pensamento de dois de seus principais representantes, Gideon Toury (2012) e José Lambert (2011). Em seguida, apresentamos algumas ideias de Antonio Candido (2000) sobre o conceito de literatura como sistema e a relação da literatura brasileira com as literaturas estrangeiras. Na segunda parte, indicamos um método para o estudo da história da tradução, conforme pensado por Anthony Pym (1998).

Ainda neste capítulo, desenvolvemos, à luz dos aspectos teóricos aqui apresentados, elementos de nossa análise do catálogo das traduções, que se encontra no capítulo quarto desta tese. Ao articular, tanto neste capítulo quanto no seguinte, teoria e análise de dados, nosso objetivo é mostrar, de maneira mais evidente, como a teoria nos ajudou a olhar para nossos dados e como diferentes perspectivas podem ser adotadas em um estudo descritivo desta natureza.

2.1 SOBRE POLISSISTEMAS, SISTEMAS E A DESCRIÇÃO DE TRADUÇÕES

A teoria dos polissistemas começou a ser delineada por Itamar Even-Zohar em seus trabalhos entre os anos de 1969 e 1970. O uso do termo “polissistema” em detrimento de “sistema” visa diferenciar a teoria dos sistemas estáticos daquela dos sistemas dinâmicos. Even-Zohar atribui a primeira à Escola de Genebra e a segunda aos Formalistas Russos e Estruturalistas Tchecos, afirmando que a teoria dos polissistemas está pautada na compreensão de sistema formulada pelos grupos do leste europeu. José Lambert, pesquisador cujo trabalho discutiremos mais adiante, resume as origens e o contexto de surgimento da abordagem polissistêmica de Even-Zohar:

[d]urante o início deste período e por muitos anos ainda, a tendência continental europeia do estudo literário foi, em geral, reduzida à *Theory of Literature* de Tzvetan Todorov e aos trabalhos de René Wellek e Roman Jakobson. Contrário a essa visão reducionista e histórica, Even-Zohar defendia uma abordagem abrangente/holística e programática. Ele alegou que seus próprios conceitos retornavam aos dos Formalistas Russos, especialmente a alguns textos de Tiniánov e de Jakobson, e que eles eram incompatíveis com qualquer abordagem estática ou a-histórica, entre outras, juntamente com a visão linguística (pós)-saussuriana de ‘sistemas’. Além disso, ele sistematicamente empregou abordagens da sociolinguística (Weinreich, Labov) e da semiótica (Lotman, Bakhtin) modernas, tomou emprestadas algumas tendências empíricas do behaviorismo e direcionou as suas teorias no campo da pesquisa semiótica e cultural ao invés de limitar-se aos estudos literários. (LAMBERT, 2011, p. 184).

A teoria dos polissistemas trouxe algumas inovações aos estudos literários, de acordo com Lambert (2011), entre elas, a compreensão de que o estudo e a pesquisa em literatura são distintos da literatura como atividade ou crítica. Além disso, Lambert (2011) destaca que o objetivo da teoria polissistêmica é “[...] observar, descrever e analisar manifestações literárias para poder revelar seus princípios subliminares (normas, modelos, sua natureza primária/secundária, sua posição central/periférica etc.).” (p. 186).

Even-Zohar (1990) alterna o uso de dois termos – sistema e polissistema – ao longo de sua obra. O autor explica que o emprego do termo “polissistema” significa mais do que uma convenção terminológica, mas a concepção de sistema como algo dinâmico e heterogêneo, em oposição a uma abordagem sincrônica e estática. Um sistema e um polissistema possuem as mesmas propriedades. No entanto, a ideia de usar o prefixo “poli-” é diferenciá-lo do sistema fixo da Escola de Genebra e entendê-lo como uma estrutura aberta e dinâmica, que é constantemente modificada pelas relações entre os vários sistemas que compõem o polissistema. Por exemplo, a literatura brasileira seria um polissistema e, dentro deste, haveria um sistema da literatura traduzida que, por sua vez, conteria os sistemas das várias

línguas traduzidas, como o sistema da literatura latina traduzida no Brasil. Todos esses sistemas estão relacionados, influenciam e são influenciados uns pelos outros.

Para Even-Zohar (1990), adotar a teoria dos polissistemas significa elaborar uma rede de hipóteses interdependentes e estabelecer relações entre os vários sistemas. Para que essa teoria não se torne parcial, débil e inútil (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 05), é preciso que o estudioso não a utilize como uma ferramenta de classificação de textos e autores, mas que ele perceba correlações entre o repertório – entendido por Even-Zohar como um conjunto de leis e elementos que regem a produção dos textos de um determinado sistema (1990, p. 17) – e o sistema, entre produção, produtos e consumo, atentando não somente para as conexões entre estes, como para as desconexões também. Lidar com todas essas variáveis e, conseqüentemente, com um sistema aberto é mais difícil do que lidar com um sistema fechado, admite Even-Zohar. No caso da literatura, isso significa estudar, ao mesmo tempo, dois ou mais sistemas literários, o sistema da literatura nacional e o da literatura traduzida, por exemplo. Even-Zohar entende sistema literário como:

a rede de relações que hipoteticamente existe entre certo número de atividades chamadas ‘literárias’ e, conseqüentemente, as próprias atividades observadas através dessa mesma rede. Ou: o conjunto de atividades, ou qualquer parte deste, para o qual relações sistêmicas possam ser aventadas para fundamentar a opção de considerá-las ‘literárias’. (1990, p. 28).⁹

A hipótese do polissistema envolve, principalmente, uma negação dos julgamentos de valor como um critério preliminar de seleção do objeto de estudo. Isso significa não excluir variedades literárias não-padrão, como a literatura infantil ou de massa, nem entendê-las como fenômenos isolados. É preciso relacioná-las com as outras literaturas (literatura canônica, literatura para adultos etc.), assim como a literatura

⁹ Todas as traduções, quando não houver referência ao tradutor, são de nossa autoria. O original estará em nota de rodapé. “[t]he network of relations that is hypothesized to obtain between a number of activities called ‘literary’, and consequently these activities themselves observed via that network. Or: The complex of activities, or any section thereof, for which systemic relations can be hypothesized to support the option of considering them ‘literary’.” (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 28).

traduzida não deve ser desconectada da literatura nacional, pois todos esses sistemas estão de alguma forma relacionados, e o estudioso deve buscar perceber e compreender essas conexões. Por exemplo, em relação à nossa pesquisa, o sistema literário brasileiro parece ter exercido influência na seleção das traduções de obras latinas publicadas no final do período do Arcadismo. Entre 1808 e os primeiros anos de 1830, foram publicadas as seguintes traduções:

Tabela 2. Traduções de literatura latina publicadas entre 1808 e 1831.

Autor	Título da obra	Tradutor	Editora	1ª edição
Horácio	<i>Arte poetica de Q. Horacio Flacco</i>	Antonio José de Lima Leitão	Typographia de Manoel Antonio da Silva Serva	1818
Virgílio	<i>As bucólicas, As geórgicas e Eneida</i>	Antonio José de Lima Leitão	Typographia Real	1818-19
Horácio	<i>As odes</i>	Tradutor desconhecido	J. G. Tourinho	1824
Virgílio	<i>Poesias avulsas de Américo Elísio</i>	José Bonifácio	Editora desconhecida	1825
Tito Lívio	<i>História Romana</i>	José Vitorino Barreto Feio	Off. de Langhoff	1829
Tácito	<i>Anais</i>	José Liberato Freire de Carvalho	J. P. Aillaud	1830
Ovídio	<i>Remédios d'amor e queixume de Dido contra Eneas</i>	José Bento Said	Imprensa do Governo	1831

Conforme observamos na Tabela 2, no referido período foram publicadas dez traduções de sete autores diferentes. Entre os textos traduzidos, sete são de poetas líricos latinos: duas obras de Horácio, três de Virgílio e duas de Ovídio. Durante o período do Arcadismo, conforme detalharemos no próximo capítulo, o latim era muito estudado pelos intelectuais e escritores da época. Os poetas árcades tinham como modelo os poetas líricos latinos e usavam imagens da poesia clássica em suas obras próprias. Embora esse período não apresente um número grande de traduções, podemos pensar que o fato dos poetas líricos

estarem ocupando uma posição central e canônica no sistema literário brasileiro tenha contribuído para a escolha das obras latinas a serem traduzidas. O poema pastoril *Bucólicas*, de Virgílio, obra bastante cara aos árcades, foi traduzido duas vezes: por Antonio José de Lima Leitão, tradução publicada entre 1818 e 1819, e por José Bonifácio, publicada em 1825, sob o título de *Poesias avulsas de Américo Elísio*. Nesse caso, é lícito considerar que existe, como afirma Even-Zohar (1990), uma relação entre os sistemas de literatura nacional e o de literatura traduzida, especialmente no que concerne aos textos que foram escolhidos para serem traduzidos e que passaram a fazer parte do polissistema literário brasileiro

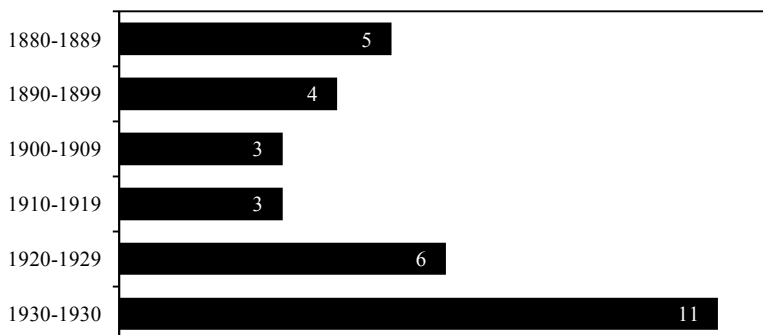
Segundo a teoria dos polissistemas, os elementos que compõem os sistemas são hierarquizados e podemos descrever nas suas relações (tanto relações entre sistemas quanto entre elementos de um determinado sistema) posições centrais e periféricas. Num sistema literário, as obras de maior prestígio ocupam uma posição central, enquanto as menos prestigiadas ocupam posições periféricas. Essas posições não são fixas, elas mudam assim como as relações entre os sistemas e seus elementos. Na verdade, segundo Even-Zohar (1990), podemos pensar em centros e periferias, no plural. Mudanças podem ocorrer e uma certa obra, autor ou modelo podem se transferir da periferia de um sistema para a periferia de um sistema adjacente num mesmo polissistema, ou ainda podem mudar seu *status* e se mover para uma posição central. Além disso, os elementos de um sistema são também estratificados e enquanto uma parte deles ocupa uma posição periférica no polissistema, outra parte pode ocupar uma posição central.

A ideia de estratificação literária é pensada por Even-Zohar (1990) a partir de Shklovsky (1921, 1923) e sua distinção entre literatura canônica e não-canônica. A primeira seria aquela que é aceita em determinado momento por uma certa comunidade, a segunda seria aquela que, em determinado período, não é aprovada por uma comunidade. Portanto, a distinção nada tem a ver com valor ou com literatura considerada boa ou ruim. De acordo com Even-Zohar (1990), baseando-se em Shklovsky (1921, 1923), algumas propriedades se tornam canônicas em literatura, enquanto outras permanecem não-canônicas. Nesta perspectiva, entende-se como canônicos aqueles modelos literários e obras que são aceitos como legítimos por círculos dominantes em uma dada cultura e cujos produtos são frequentemente preservados como herança cultural dessa mesma cultura. Por outro lado, não-canônicos são os textos e os modelos rejeitados por esses círculos e geralmente esquecidos pela comunidade, a não ser que mudem seu

status e, por alguma razão, se tornem canônicos. Como regra, afirma Even-Zohar (1990), o repertório canônico se identifica com o centro de todo o polissistema. Assim, é o grupo que governa o polissistema que, em última instância, determina a canonicidade de um certo repertório e “uma vez que a canonicidade foi definida, tal grupo adere às propriedades canônicas por ele mesmo [...] ou, se necessário, altera o repertório de propriedades canônicas a fim de manter o controle.” (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 17).¹⁰

A literatura clássica teve momentos de prestígio e de rejeição, dependendo do movimento literário vigente. Como mostramos anteriormente, no Arcadismo, por exemplo, a literatura latina ocupava uma posição central dentro do polissistema literário brasileiro, servindo de modelo aos escritores que procuravam imitar em suas obras literárias as formas e temas da literatura clássica. Já no Modernismo, quando os escritores desejavam um afastamento da literatura europeia, a literatura clássica parece ter assumido uma posição mais periférica, pois as formas apreciadas eram aquelas consideradas genuinamente brasileiras. Esse período de rejeição pode ser atestado quando observamos o número de traduções de literatura latina das últimas décadas do século XIX em comparação com o número de traduções das primeiras décadas do século XX, conforme nos mostra o Gráfico 1 abaixo:

Gráfico 1. Número de traduções de literatura latina publicadas nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras décadas do século XX.



¹⁰ “Once canonicity has been determined, such a group either adheres to the properties canonized by it [...] or, if necessary, alters the repertoire of canonized properties in order to maintain control.” (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 17).

Nas duas últimas décadas do século XIX somam-se nove publicações de traduções de literatura latina e nos primeiros vinte anos do século XX, período do Pré-Modernismo e do Modernismo, esse número cai para seis. Há um aumento no número de traduções na década de 1920, porém, se observarmos a tabela que consta no Apêndice A desta tese, veremos que entre os anos de 1921 e 1927 não foram publicadas traduções de literatura latina no Brasil. Em 1920, foram publicadas duas traduções: *Oração em favor de Marco Marcello*, de Cícero, e *Eneida*, de Virgílio. Depois dessas publicações, somente em 1928 será lançada outra tradução de literatura latina. Esse intervalo pode ser explicado pelo viés da teoria descritiva se pensarmos que coincide com o período no qual os escritores modernistas ocupavam o centro do sistema literário brasileiro e a literatura clássica não era um modelo para eles, diferentemente do que vimos no Arcadismo. No momento em que a literatura clássica deixa de ocupar uma posição de prestígio no sistema e os escritores se voltam para uma busca por uma literatura genuinamente brasileira, há uma queda no número de traduções de literatura latina. Isso mostra que os dois sistemas, o de literatura brasileira e o de literatura traduzida, parecem estar relacionados e exercendo influência um sobre o outro.

Even-Zohar (1990, p. 46) afirma que as traduções se correlacionam em pelo menos dois aspectos: na forma como os textos fonte são selecionados pela literatura alvo e, em segundo lugar, no modo como as traduções adotam normas específicas, comportamentos e políticas de acordo com sua relação com sistemas da cultura que as recebe. Para o autor, a literatura traduzida não é somente um sistema presente em outro sistema literário, mas, em alguns casos, o mais ativo dentre os sistemas. Quando a literatura traduzida mantém uma posição central no polissistema literário, significa que ela participa ativamente na formação do centro do polissistema. Nessa situação, a tradução é responsável por grande parte das inovações presentes na literatura e não há uma distinção clara entre escritas originais e traduzidas. Também é comum que, nesse contexto, os principais escritores produzam as traduções mais apreciadas e notáveis. Além disso, a tradução se torna um dos meios de elaborar um novo repertório – conforme definimos anteriormente este conceito – e é através dela que características novas são introduzidas no sistema literário de chegada. A seleção dos textos a serem traduzidos é feita de acordo com sua compatibilidade com novas abordagens e com o papel inovador que eles supostamente possam assumir na literatura de chegada.

Segundo Even-Zohar (1990, p. 47), a tradução traz inovações

para o sistema de chegada em três situações possíveis: (a) quando um polissistema ainda não foi cristalizado, ou seja, quando uma literatura é jovem e ainda se encontra no processo de estabelecimento; (b) quando uma literatura é periférica e/ou fraca; e (c) quando há crises ou vácuos literários em uma literatura. No primeiro caso, a literatura traduzida é uma espécie de modelo à uma literatura jovem, ainda em processo de formação. Como uma literatura jovem não pode criar imediatamente textos em todos os gêneros e tipos conhecidos, ela se beneficia da experiência de outras literaturas e, dessa forma, o sistema da literatura traduzida se torna um dos sistemas mais importantes do polissistema literário em questão. No segundo caso, quando a literatura é fraca ou periférica, a literatura traduzida também pode preencher lacunas no sistema de chegada e pode assumir uma posição mais central dentro do polissistema literário. Na última situação descrita, a de crise ou de vácuos literários, a literatura traduzida é introduzida no sistema para preencher certas lacunas ou trazer inovações que vão impulsionar a literatura de chegada a sair de um momento crítico.

Podemos relacionar nossa pesquisa tanto ao primeiro caso, quando uma literatura ainda é jovem, quanto ao segundo, quando ela é fraca ou periférica. Em relação ao primeiro, podemos pensar em como a literatura clássica foi um modelo para os poetas árcades, num momento em que a literatura brasileira ainda estava em processo de formação. Comentamos mais acima que os temas, mitos e lendas da poesia clássica eram imitados pelos árcades e como esses modelos acabaram por influenciar na seleção dos textos latinos traduzidos na época. Em relação ao segundo caso, citamos como exemplo Odorico Mendes, que traduziu toda a obra de Homero e Virgílio para o português brasileiro na segunda metade do século XIX, e foi também poeta. Segundo Candido (2000, p. 191), os procedimentos usados por Odorico Mendes em suas traduções, como a criação de neologismos, fusão de substantivos e adjetivos também se manifestaram na sua poesia e na de outros poetas do período. Nesse contexto, entendemos que o sistema literário nacional se beneficiou de inovações do sistema de literatura traduzida.

Even-Zohar (1990) explica que, em momentos históricos, por exemplo, quando os modelos estabelecidos não são mais convincentes para uma geração jovem, a literatura traduzida pode assumir uma posição central pois, por constituírem uma novidade, os modelos estrangeiros se infiltram mais facilmente no sistema. Também no caso de literaturas fracas ou em processo de empobrecimento e esgotamento, a literatura traduzida parece ganhar força e se apresentar como um modelo de inovação.

As traduções de Odorico Mendes também podem ilustrar os fenômenos das mudanças que um elemento do sistema pode sofrer ao longo do tempo. As traduções do maranhense foram muito aclamadas no momento de sua publicação, ocupando uma posição central no sistema brasileiro de literatura traduzida de então. Mais tarde, suas traduções foram bastante criticadas, passando a ocupar uma posição mais periférica. Já em meados do século XX, a crítica favorável dos irmãos Campos mostrou que a obra traduzida de Odorico Mendes não só influenciou o modo de se fazer tradução no Brasil, mas a própria literatura brasileira, particularmente a obra de Guimarães Rosa e de Sousândrade. A partir de então, Odorico Mendes passa a ter uma posição central no sistema literário brasileiro. A grande quantidade de estudos acerca de sua obra traduzida e as reedições de suas traduções também atestam sua centralidade e importância no sistema brasileiro de literatura traduzida. Essas mudanças de status da literatura traduzida podem acontecer por diversas razões. No caso de Odorico Mendes, foi a crítica às suas traduções que teve papel fundamental nas mudanças de sua posição no polissistema literário brasileiro, conforme detalharemos no próximo capítulo.

Por outro lado, segundo Even-Zohar (1990), quando a literatura traduzida ocupa uma posição periférica num polissistema ela tende a ser conservadora e a empregar os mesmos modelos e normas canônicos já estabelecidos por um grupo dominante na literatura alvo. Nessa situação, “o maior esforço do tradutor é se concentrar para encontrar o melhor modelo secundário já pronto para o texto estrangeiro, e o resultado frequentemente é uma tradução não-adequada ou (como eu preferiria colocar) uma grande discrepância entre a equivalência alcançada e a adequação postulada.” (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 51).¹¹ Ou seja, o status sócio-literário de uma tradução depende de sua posição no polissistema e a posição da literatura traduzida, por sua vez, influencia o próprio modo como se traduz.

Even-Zohar (1990) aponta que, na situação oposta, quando a literatura traduzida assume uma posição central no polissistema, os tradutores tendem a não procurar modelos pré-concebidos no sistema literário, mas a criar novos padrões, violando as convenções do sistema

¹¹ “[...] the translator’s main effort is to concentrate upon finding the best ready-made secondary models for the foreign text, and the result often turns out to be a non-adequate translation or (as I would prefer to put it) a greater discrepancy between the equivalence achieved and the adequacy postulated.” (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 51).

de chegada. Em períodos de grande mudança nesse mesmo sistema, o tradutor parece estar mais apto a se soltar das amarras dos modelos estabelecidos pelo repertório canônico do sistema alvo, tentando dar diferentes tratamentos ao seu texto. Esse parece ser o caso, novamente, das traduções de Odorico Mendes: o maranhense pode inovar pois o sistema literário brasileiro, naquele período, encontrava-se num momento de transição. Ao mesmo tempo que os escritores brasileiros ainda dependiam muito dos modelos literários europeus e da literatura traduzida para produzirem seus próprios textos, também havia uma consciência de que os temas e modelos da literatura deveriam ser brasileiros. Ou seja, não havia, naquela época, um único modelo literário estabelecido, de forma que as condições do sistema literário permitiram que Odorico Mendes ousasse em suas traduções. Por ser um produto de seu tempo, também se manifestava na sua tradução um desejo de brasilidade, que pode ser percebido no título da tradução do maranhense para a epopeia de Virgílio: *Eneida brasileira*. Segundo Vieira (2010b, p. 141), o uso do adjetivo brasileira pode denotar uma possível oposição à *Eneida portuguesa*, publicada anteriormente pelo tradutor João Franco Barreto. Ainda para Vieira (2010b), “[...] o adjetivo ‘brasileira’ exibiu o orgulho da nação recém-emancipada em produzir sua própria versão da mais célebre epopeia latina” (p. 141) e era uma prova do desejo desses escritores de se apresentarem como fluentes nas mais importantes tradições clássicas europeias.

As considerações de Even-Zohar acerca da literatura e, em especial, da literatura traduzida influenciaram diretamente os Estudos Descritivos da Tradução¹². Em *Exploring translation theories*, Pym (2010) afirma que o paradigma descritivo é uma tentativa de sistematizar as muitas variáveis envolvidas na tradução através dos conceitos de sistema, das normas e do foco na cultura de chegada. Essas noções nos interessam pois o conceito de normas, conforme veremos a seguir, volta-se para os textos traduzidos no contexto do sistema literário de chegada, objeto do nosso estudo.

Um dos principais autores descritivistas é Gideon Toury, cujo trabalho tem uma forte ligação com o pensamento de Even-Zohar. Nossa exposição se baseia principalmente na obra *Descriptive translation studies and beyond: revised edition*, na qual Toury (2012) define os DTS como uma ciência empírica, cujo objetivo principal seria descrever,

¹² Daqui em diante nos referiremos aos Estudos Descritivos da Tradução pela abreviação “DTS” (em inglês *Descriptive Translation Studies*). Adotamos a sigla em inglês por ela ser usual dentro da área de Estudos da Tradução.

explicar e prever o fenômeno da tradução. Por conta desse desejo de cientificidade e de predição, a teoria formulada por Toury tratará de alguns aspectos que serão alvo de críticas por parte de outros teóricos, conforme veremos mais adiante.

Os Estudos da Tradução são uma disciplina empírica, segundo Toury, porque “[o] que constitui o objeto da disciplina de Estudos da Tradução são (se realmente observáveis e reconstruíveis) fatos da vida real em vez de entidades especulativas de hipóteses preconcebidas e modelos teóricos.” (TOURY, 2012 p. XI).¹³ O autor destaca que ainda há muito caminho a ser percorrido pelos Estudos da Tradução enquanto disciplina, especialmente no que se refere ao ramo descritivo. Grande parte dos estudos em tradução apresenta exemplos mais persuasivos do que representativos: ao invés de descrever os fenômenos observados e, após essa observação, formular hipóteses, essas pesquisas fazem o movimento contrário, tentando encaixar os fenômenos em hipóteses e teorias pré-concebidas. Desse modo, não só ignoram, na maior parte das vezes, as regularidades de comportamento dos tradutores como criticam o trabalho feito por eles, sem que dessa crítica brote um entendimento das razões de suas escolhas. Para Toury (2012), é preciso superar a prática de estudos isolados e focar em uma metodologia e técnicas de pesquisa as mais explícitas e sistemáticas possíveis, que possam ser justificadas dentro da própria disciplina. Com isso, espera-se que os resultados de pesquisas individuais sejam testados e comparados e que, através dessa metodologia explícita, os estudos possam ser replicados, o que resultaria em um conhecimento cada vez maior sobre a tradução em geral. Toury (2012) entende que os pesquisadores erram ao querer definir os fenômenos de forma fechada antes de estudá-los e ao se basear em teorias normativas que são incompatíveis com a história. Lambert também assinala que “[...] somente hipóteses seriam capazes de reorientar as pesquisas e alcançar finalmente um conhecimento mais sistemático das traduções.” (LAMBERT, 2011, p. 195).

Na primeira parte de *Descriptive Translation Studies and beyond*, Toury (2012) retoma o mapa de James Holmes¹⁴, priorizando a

¹³ “[w]hat constitutes the subject matter of the discipline of Translation Studies is (whether actually observable or at least reconstructable) facts of real life rather than speculative entities from preconceived hypotheses and theoretical models.” (TOURY, 2012, p. XI).

¹⁴ James Holmes apresentou um trabalho intitulado *The name and nature of translation studies* no Terceiro Congresso Internacional de Linguística Aplicada, realizado em Copenhague, em 1972. Até aquele momento, pouco se

discussão sobre o ramo descritivo, seus objetivos, dificuldades de desenvolvimento e relações com outros ramos dos Estudos da Tradução. Hoje, apesar de ser largamente conhecido por pesquisadores da área, Toury (2012) considera que o mapa representa mais uma aspiração do que uma realidade e que seu grande mérito é a noção de divisão como um princípio de organização da disciplina (TOURY, 2012, p. 03).

Em seu mapa, Holmes divide os Estudos da Tradução entre os ramos *puro* e *aplicado*, sendo que o primeiro ramo é subdividido em outros dois: *teórico* e *descritivo*. Este último ramo é subdividido em *orientado para o produto*, *orientado para o processo* e *orientado para a função*. Toury (2012) entende que as subdivisões só devem existir para propósitos metodológicos pois os DTS pretendem oferecer um quadro estrutural para estudos de todos os tipos e em todos os níveis, portanto, funções, processos e produtos formam um complexo cujas partes constitutivas dificilmente podem ser separadas. Cada estudo individual, diz Toury (2012), é pertinente a um determinado *corpus*, período histórico ou problema, mas também é parte de um esforço para tentar explicar de que maneira cada função, produto e processo podem determinar um ao outro. Ele novamente insiste que é preciso estabelecer um método replicável e que leve em conta as variáveis e interrelações desses três aspectos (função, processo e produto) para que o ramo descritivo se desenvolva. Afinal, como o próprio Toury (2012) afirma, as traduções não surgem num vácuo, mas dentro de uma determinada cultura, num dado momento, com o objetivo de ocupar um certo espaço na cultura de chegada, que determina quais características de um texto fonte serão ou deveriam ser mantidas na tradução.

Nessa perspectiva, é a função prospectiva da tradução, ou seja, a função que ela terá na cultura de chegada, que vai determinar as características textuais e linguísticas que ela terá e quais estratégias serão usadas no ato da tradução. Função é entendida por Toury como o papel que uma tradução tem dentro de um sistema, “o valor atribuído a um item pertencente a um certo sistema em virtude da rede de relações

havia pensando sobre a natureza da disciplina. O trabalho de Holmes permaneceu por muito tempo desconhecido, sendo incluído em publicações de alcance restrito, tendo poucas citações. A versão definitiva em formato de artigo foi publicada somente em 1988. Nesse texto, Holmes descreve a situação dos Estudos da Tradução naquele momento, apresentando uma proposta de denominação para a disciplina que nascia: Estudos da Tradução (*the name*). Além disso, Holmes apresenta um mapa com a descrição dos ramos da disciplina (*the nature*), apontando possíveis evoluções e desdobramentos para a área.

na qual ele se encontra com outros constituintes assim como com o sistema por inteiro [...]” (TOURY, 2012, p. 06).¹⁵ A função pretendida por uma tradução pode não ser a mesma que essa tradução terá enquanto produto final, ou seja, o lugar que uma tradução ocupa numa cultura de chegada pode não ser o mesmo lugar que pretendia ocupar. Por isso, Toury (2012) ressalta que é importante que um estudo orientado para o produto também leve em conta o processo, e vice-versa. No caso da tradução da *Eneida* de Odorico Mendes, sua função pretendida talvez fosse, de acordo com Vieira (2010b), opor-se à tradução portuguesa da epopeia e registrar que os escritores brasileiros também eram capazes de produzir traduções competentes das obras mais importantes da tradição literária europeia. Num pequeno texto que antecede a tradução da epopeia virgiliana, intitulado *Ao público*, Odorico Mendes escreve: “[p]or contente me dou se obtenho um lugar ao pé de Aníbal Caro, Pope, Monti, Francisco Manuel, e de outros bons tradutores poetas [...]” (2005, p. 33), confirmando sua intenção de rivalizar com outras traduções consagradas. No entanto, a função dessa tradução de Odorico Mendes – e de suas outras traduções – mudou, como já aludimos, ao longo da história da literatura brasileira. A partir da crítica dos concretistas, as traduções do maranhense foram tomadas como modelo para pensar a tradução. Além disso, tradutores valem-se da obra traduzida de Odorico Mendes como referência para suas traduções.

Toury (2012), a partir da discussão sobre o mapa de Holmes, conclui que as questões abordadas pela disciplina de Estudos da Tradução são de três tipos: 1) tudo aquilo que a tradução pode, em princípio, envolver; 2) tudo o que ela realmente envolve, dentro de um conjunto de circunstâncias, juntamente com as razões para tal envolvimento; e 3) aquilo que provavelmente envolve, sob um conjunto de condições específicas. (TOURY, 2012, p. 09). A segunda questão é a que equivale ao programa dos DTS, cuja importância não é somente descrever exaustivamente um objeto nem fornecer explicações para um comportamento, mas confirmar e/ou modificar através das descrições o conhecimento teórico (questão 1) e, a partir disso, fazer predições (questão 3). Mais adiante, segundo Toury (2012, p. 09), deveria ser possível formular *leis* a partir do acúmulo das descrições. As leis, dentro dessa perspectiva, expressariam as relações existentes entre todas as variáveis consideradas relevantes para a tradução (TOURY, 2012, p. 09-

¹⁵ “the ‘value’ assigned to an item belonging in a certain system by virtue of the network of relations it enters into, with other constituents as well as the system as a whole [...]” (TOURY, 2012, p. 06).

10). Mas para que essas leis sejam formuladas é preciso que os fatores envolvidos na tradução sejam identificados e especificados. Aqui está um dos pontos mais criticados da teoria de Toury. Embora ele afirme que essas leis não sejam absolutas e que “o que a formulação de leis pressupõe, portanto, é o estabelecimento de *regularidades de comportamento*, juntamente com o máximo controle dos parâmetros de função, processo e produto.” (TOURY, 2012, p. 10)¹⁶, alguns pesquisadores acreditam que não seja possível tal formulação, conforme veremos mais adiante.

Uma das principais contribuições de Toury para os Estudos da Tradução é a ideia de que a tradução deve ser vista como um fato da cultura de chegada (TOURY, 2012, p. 18) e que, qualquer que seja sua função ou sua posição dentro do sistema literário, isso é determinado por essa cultura de chegada e é um reflexo de seu próprio sistema. Nesse sentido, os DTS são vistos como orientados para o alvo, para a cultura de chegada. As traduções, portanto, devem ser estudadas a partir da cultura que as hospeda. Essa concepção não invalida ou diminui a importância do texto fonte, mas demonstra que quaisquer que sejam a função e o status de uma tradução, isso é constituído e determinado pela cultura de chegada, e não pela de partida. No caso de nosso estudo, a pesquisa será feita a partir do polissistema brasileiro pois é ele que decide o que foi/será traduzido (e quais obras não serão), como e quando isso foi/será feito. Optar teoricamente pelos DTS significa ter conhecimento do contexto social, histórico e literário brasileiro para entender a função e o status das traduções de literatura latina dentro desse polissistema.

De acordo com Lambert (1998), em verbete produzido para a *Routledge encyclopedia of translation studies*, o modelo de tradução de Toury é baseado no conceito de normas, conceito que ele empresta da Sociolinguística e das Ciências Sociais. Nessa perspectiva as traduções não funcionam como textos independentes, mas também são consideradas as relações das traduções e dos tradutores com o ambiente literário e/ou cultural da comunidade para a qual traduzem. As normas, modelos e estratégias empregadas pelo tradutor não podem ser entendidas isoladamente, ou seja, fora do contexto – dominante ou periférico – literário e cultural no qual a tradução se insere. Contexto

¹⁶ “what the formulation of laws thus presupposes is the establishment of *regularities of behaviour*, along with maximal controllability of the parameters of function, process and product.” (TOURY, 2012, p. 10).

que é complexo e, conforme vimos, é definido nos termos da cultura de chegada.

O conceito de normas foi introduzido por Toury nos anos 70 e refere-se a regularidades do comportamento das traduções em uma situação cultural específica. As normas não devem ser entendidas como regras ou leis a serem obedecidas, mas como práticas comuns segundo as quais outras práticas serão definidas. Segundo Pym (2010), as normas estariam em algum lugar entre as possibilidades teóricas e aquilo que os tradutores realmente fazem. Essa noção baseia-se na ideia de que uma tradução é a produção de um texto numa cultura ou língua particular e ocupa uma certa posição na cultura de chegada, ao mesmo tempo em que constitui a representação, nesta cultura ou língua, de um texto que já existe em outra língua e cultura, e ocupa nela um determinado lugar (TOURY, 2012, p. 69). As normas não influenciam somente todos os tipos de tradução, mas todos os estágios do ato de traduzir, incluindo o trabalho de editores, revisores etc., que podem não seguir a mesma norma do tradutor e vice-versa.

A partir dessas concepções, Toury (2012, p. 79-84) propõe três tipos de normas que podem ser consideradas ao se descrever traduções. A primeira delas seria a norma inicial em tradução, que se constitui em uma escolha básica do tradutor (consciente ou não) entre duas orientações: adequada ou aceitável. Uma tradução adequada adota as normas do sistema do texto fonte, enquanto que uma tradução aceitável adota as normas do sistema do texto alvo (TOURY, 2012, p. 79). Podemos dizer, em um paralelo com as reflexões de Lawrence Venuti (1995), que a ideia de adequação está para a estrangeirização assim como a aceitabilidade está para a domesticação. De acordo com Toury (2012), uma tradução adequada tende a ser incompatível com as práticas comuns da cultura alvo. Já uma tradução aceitável tende a acionar as normas da cultura alvo e relegar a uma posição secundária as relações baseadas em características da língua fonte. Mas a realização das normas da cultura alvo e a restrição das normas da cultura fonte varia em forma e extensão de tradução para tradução. O preço inevitável ao adotar esse tipo de tradução são as mudanças em relação ao texto fonte.

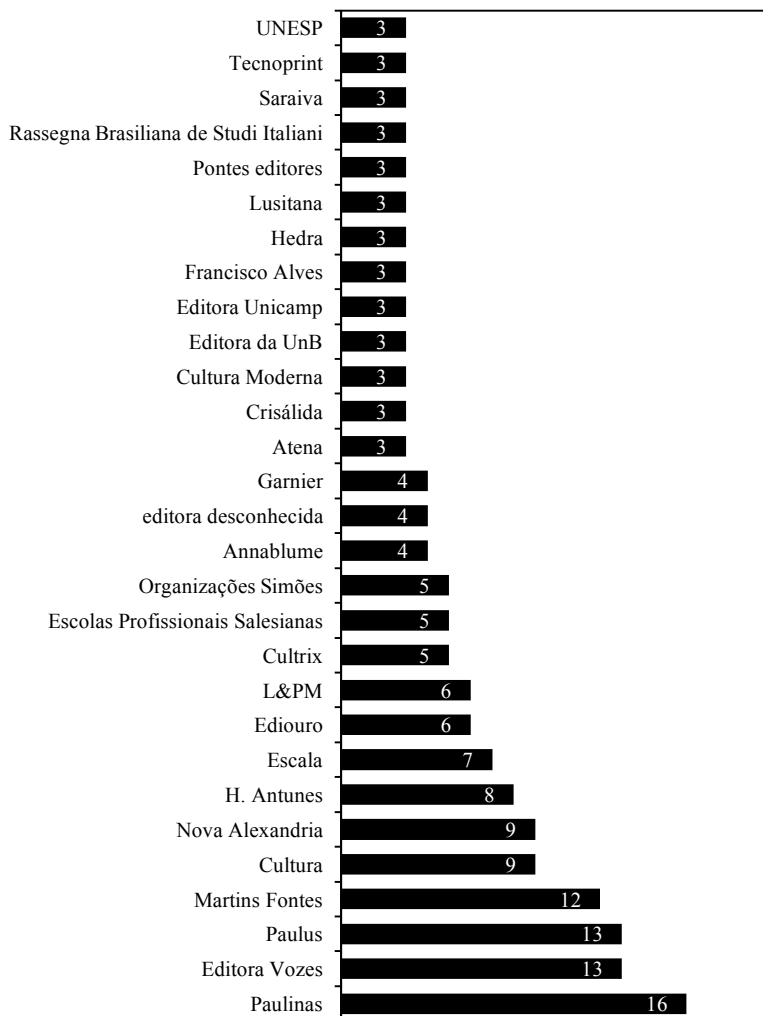
Toury (2012, p. 80) ressalta que a escolha da norma inicial nem sempre é a primeira escolha do tradutor, mas ela é tão forte que as decisões tradutórias tendem a refleti-la mesmo nos casos em que nenhuma escolha consciente tenha sido feita pelo tradutor. Na realidade, a maior parte dos tradutores não opta por somente um dos polos – uma tradução totalmente adequada ou totalmente aceitável – mas por uma combinação ou ajuste entre os dois. Apesar disso, Toury (2012) entende

que é importante para a pesquisa descritiva não desistir dessa distinção. Afinal, a norma inicial deve servir como uma ferramenta explicativa que possibilita perceber a escolha do tradutor por uma tradução que tende mais para adequada ou aceitável. Essa escolha pode ser constatada no nível macro ou no nível micro do texto, atentando-se para o fato de que as traduções não são absolutamente regulares. A macroestrutura do texto seria a maneira como o material linguístico é distribuído no texto traduzido, ou seja, as omissões, adições, deslocamentos ou segmentações em relação ao texto de partida. Já o nível microtextual refere-se aos detalhes da construção de frases e escolha do léxico. Por outro lado, não existe uma medida exata que permita dizer quão frequente uma regularidade deve ser para que seja considerada como tal, caberá ao pesquisador avaliar cada caso específico.

Os outros dois grandes grupos de normas aplicáveis na descrição de traduções são as *normas preliminares* e as *normas operacionais* (TOURY, 2012, p. 82). As normas preliminares têm a ver com dois conjuntos de considerações que estão quase sempre interconectados: os que dizem respeito à existência e real natureza de uma *política de tradução* e os que dizem respeito à *direção de tradução*. A política de tradução se refere àqueles fatores que governam a escolha de tipos de texto, até de textos individuais, a serem importados a uma cultura/língua específica via tradução num momento particular. Diferentes políticas provavelmente são adotadas para diferentes subgrupos (por exemplo, geralmente são adotadas políticas distintas em relação a textos literários e técnicos). A direção da tradução envolve o limite de tolerância para a tradução indireta. Algumas questões podem ser formuladas em relação a essa norma: a tradução indireta é permitida?; quais são os tipos de texto, línguas, períodos etc., permitidos para esse tipo de tradução?; uma tradução indireta é publicada abertamente como uma tradução indireta?; entre outras perguntas.

Um exemplo de política de tradução constatado em nossa pesquisa diz respeito à atuação das editoras Paulinas, Paulus e Vozes. No Gráfico 2 abaixo, podemos observar o número de traduções publicadas por editora entre 1808 e 2014, contando apenas as primeiras edições. Não estão listadas no gráfico aquelas editoras que publicaram somente uma ou duas traduções.

Gráfico 2. Número de traduções de literatura latina publicadas por editora entre 1808 e 2014.



As três editoras anteriormente citadas, Paulinas, Paulus e Vozes, são as que mais publicaram traduções de literatura latina, segundo apuramos em nossa pesquisa. Pertencentes a congregações religiosas, essas editoras se dedicam a publicar textos do período cristão da literatura latina, demonstrando que possuem uma clara política de tradução, que seria a de promover os textos cristãos. Os números do

Gráfico 2 acima revelam que sua atuação é bastante forte. Analisando o catálogo de traduções, que se encontra no capítulo quatro desta tese, constatamos que as primeiras traduções de literatura latina publicadas por essas editoras foram lançadas em meados dos anos de 1940: a Vozes publicou uma tradução de um texto de Ambrósio em 1945; em 1957, a Paulinas publicou também uma tradução de Ambrósio. O primeiro texto de literatura latina traduzida publicado pela Paulus foi de Agostinho, lançado somente em 1995. Apesar de ter entrado no mercado de publicações de traduções de literatura latina mais tarde, a Paulus já empata no número de traduções publicadas com a Vozes, cada editora somando treze publicações.

Toury distingue ainda um outro grupo de normas, *as normas operacionais*, que podem ser entendidas como as decisões tomadas durante o próprio ato de tradução. Afetam a matriz do texto, por exemplo, como o material linguístico é distribuído. Direta ou indiretamente elas também governam as relações que são estabelecidas entre os textos fonte e alvo e seus segmentos, elas determinam o que deve permanecer intacto apesar das transformações envolvidas na tradução, e o que deve mudar. Dividem-se em *normas matriciais* e *normas linguístico-textuais*. As normas matriciais governam a própria existência de um material da língua alvo pretendido como substituto de um correspondente material do idioma de origem, sua localização no texto, assim como sua segmentação em capítulos e passagens. A existência de omissões, adições, mudanças de localização e manipulação de segmentação nas traduções ou nos paratextos¹⁷ que as envolvem também podem ser determinados por normas, ainda que sejam feitas por pessoas diferentes (tradutor e revisor ou editor, por exemplo). As fronteiras entre os diferentes fenômenos matriciais não são nítidas. Uma

¹⁷ Em *Paratextos editoriais*, Genette (2009, p. 9) explica que a obra literária raramente se apresenta desacompanhada de “[...] certo número de produções, verbais ou não, como um nome de autor, um título, um prefácio, ilustrações, que nunca sabemos se devemos ou não considerar parte dele, mas que em todo caso o cercam e o prolongam, exatamente para apresentá-lo, no sentido habitual do verbo, mas também em seu sentido mais forte: para torná-lo presente, para garantir sua presença no mundo, sua ‘recepção’ e seu consumo, sob a forma, pelo menos hoje, de um livro”. Esse acompanhamento é aquilo que ele entende como paratexto da obra: “assim, para nós o paratexto é aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e de maneira mais geral ao público.” (GENETTE, 2009, p.10). O paratexto possui extensão e características diversas, dependendo da data, do local (e ainda de outros fatores) de publicação da obra.

mudança de localização pode ser descrita como uma omissão em um ponto do texto combinada com a adição em outro ponto. O que determinou um ou outro é difícil dizer. Mas, conforme afirma Toury (2012), o pesquisador está atrás de hipóteses explicativas e não de verdades. As normas linguístico-textuais, por seu lado, regem a seleção de material linguístico para a formulação do texto alvo e podem ser mais ou menos gerais.

As normas preliminares têm prioridade lógica e temporal em relação às operacionais (TOURY, 2012, p. 83). Isso não quer dizer que não haja relações entre os dois grupos, incluindo influência mútua. Mas essas relações não estão dadas e seu estabelecimento é uma parte integral do próprio estudo da tradução. Toury (2012, p. 84) alerta ainda que as relações que serão verificadas terão identificação com a norma inicial, outra razão importante para manter a oposição entre adequado e aceitável.

No geral, podemos dizer que o tipo e a extensão da equivalência mostrados por uma tradução em relação à sua fonte são determinados por normas, as quais dependem da posição da tradução na cultura alvo. As normas operacionais, explica Toury (2012), constituem um modelo que pode envolver normas presentes no texto fonte (tradução adequada) mais certas modificações, ou puramente normas do alvo (tradução aceitável), ou, mais comumente, uma mistura dos dois. No primeiro caso (tradução adequada), dificilmente pode-se dizer que a tradução foi feita na língua alvo; o texto traduzido é, na melhor das hipóteses, uma parte da língua alvo e, na pior, uma variedade artificial que não existe em nenhum outro lugar da língua alvo (TOURY, 2012, p. 84). Por contraste, quando a segunda posição é adotada (tradução aceitável), a tradução tende a se distanciar das normas do texto fonte e se aproximar daquelas da cultura alvo (TOURY, 2012, p. 85).

Em resumo, os tipos de normas que utilizamos como ferramenta de análise em nossa pesquisa são as normas preliminares. A partir dessa noção tentamos pensar sobre a política de tradução que rege a escolha das obras latinas a serem traduzidas em diferentes períodos literários no Brasil, como vimos anteriormente com os exemplos das traduções publicadas no período do Arcadismo ou com a política de tradução das editoras Paulinas, Paulus e Vozes. Já o conceito de direção da tradução é importante para entender como o sistema literário brasileiro se comporta em relação às traduções indiretas de literatura latina e se elas são publicadas abertamente como tal. Também observamos a partir de quais línguas essas versões são feitas e se há algum momento histórico durante o qual elas são mais praticadas. Segundo Lambert (2011), as

traduções indiretas aparecem em todas as literaturas ao longo de toda sua história:

[e]las são o sintoma de estratificações complexas no desenvolvimento das literaturas; elas arruinam para sempre a imagem mecânica de literaturas nacionais que se cotejam ao longo de fronteiras políticas e/ou linguísticas. As literaturas em diferentes línguas não somente se interpenetram; elas se ‘superpenetram’ também, a ponto de algumas dentre elas servirem de modelo a outras, ou a um grupo de literaturas. (p. 204-205).

Em nossa pesquisa encontramos apenas cinco publicações marcadas como traduções indiretas, conforme nos mostra a Tabela 3 abaixo:

Tabela 3. Traduções indiretas de literatura latina publicadas no Brasil entre 1808 e 2014.

Autor	Título da obra	Tradutor	Língua intermediadora
Agostinho	<i>Tratado de vida Mariana</i>	Tinus van Balen	alemão
Cícero	<i>Diálogo sobre as divisões da oratória</i>	Mauro Vieira Maciel	francês
Cícero	<i>Tratado dos deveres</i>	Nestor Silveira Chaves	francês
Petrônio	<i>Satiricon</i>	Marcos Santarrita	francês
Sêneca	<i>A vida feliz</i>	Alfredo Scottini	italiano

Nossa hipótese é a de que mais obras entre as catalogadas devem ser traduções indiretas, pois essa informação muitas vezes não é explicitada nas edições de textos traduzidos. Segundo Accácio (2010),

[...] do ponto de vista tipográfico, dificilmente uma TI [tradução indireta] faria alguma menção, em letras relativamente grandes e de visibilidade considerável, ainda na capa ou mesmo nas folhas seguintes, à obra que lhe originou. A referência

normalmente vai ao encontro do texto-fonte de ambas as traduções. Essa invisibilidade seria resultado da reprovação a tal procedimento, tendo em vista que a obra poderia ser considerada um insucesso, uma vez que surgiu de uma ausência da obra-fonte. (p. 99).

As traduções indiretas, segundo Accácio (2010), são vistas com descrédito e como uma atividade a ser evitada “[...] devido à norma regente, de que o texto-fonte detém a supremacia.” (p. 100). Existe uma crença de que a tradução é tanto melhor quanto é mais equivalente ao texto fonte. A língua intermediária tornaria essa equivalência mais difícil, pois impõe uma distância ainda maior do texto fonte primário, criando-se, assim, uma visão negativa das traduções indiretas. Essa visão negativa tem como consequência a não explicitação da língua intermediadora nas publicações, o que nos leva a crer que nossa hipótese de que há mais traduções indiretas em nosso catálogo seja verdadeira.

Mesmo com poucos dados a respeito das traduções indiretas de literatura latina publicadas no Brasil, podemos perceber que há uma preferência pela língua francesa como língua intermediária: das cinco traduções encontradas, três foram feitas a partir dessa língua. Conforme aprofundaremos no próximo capítulo, a literatura francesa exerceu muita influência nos escritores brasileiros. Desse modo, podemos interpretar que essa influência tenha contribuído para a preferência por essa língua, além da proximidade do francês e do português, sendo ambas línguas latinas.

Assim, as normas preliminares, conforme propostas por Toury (2012), se constituirão como ferramentas para nossa pesquisa, através das quais tentaremos descrever alguns aspectos da prática de tradução da literatura latina no Brasil e, a partir daí, entender a função de algumas traduções de literatura latina no sistema literário brasileiro. É preciso sublinhar, no entanto, que as normas não estão dadas, dependem da capacidade de observação do pesquisador e das relações que ele consegue perceber entre os dados que possui. Como disse Lambert,

[n]ão se espera que elas [as normas] tenham qualquer valor ontológico como normas do estudioso. Trata-se, sim, de instrumentos para a observação de interações, distinções e legitimizações interdisciplinares e interculturais. E o

primeiro tipo de norma a ser levada em consideração, mesmo no caso da arte e da literatura, diz respeito aos padrões socioculturais mais rigorosos. *Muitos estudiosos da literatura costumam esquecer que o primeiro tipo de norma que provavelmente deverá moldar qualquer tipo de comunicação e, conseqüentemente, também a tradução, é uma norma que foi estabelecida por forças políticas.* (2011, p. 56-57, grifo do autor).

Apesar dos DTS serem amplamente aceitos como uma teoria forte no campo dos Estudos da Tradução, ao longo dos últimos anos críticas importantes foram feitas a esse paradigma por alguns estudiosos. Edwin Gentzler (2001), por exemplo, faz algumas ressalvas à teoria dos polissistemas em seu livro *Contemporary translation theories*. Ele afirma que, apesar dos avanços feitos por Even-Zohar, a proposta de universais de tradução é baseada em poucas evidências, e que as relações textuais e culturais devem ser melhor analisadas antes que universais possam ser aventados. Gentzler (2001) também argumenta que o extraliterário parece ter pouca importância nas análises de Even-Zohar, pois as condições reais de produção das traduções geralmente não são levadas em conta. Lambert (2011) também faz algumas críticas à concepção polissistêmica de cultura, pois ela “[...] propõe uma visão de mundo altamente metafórica e organicista (como na melhor das tradições darwinistas).” (p. 189).

Já Pym (2010) acredita que um dos pontos fracos dos DTS seria o fato de que os modelos apresentados se referem a textos e sistemas, não a pessoas, ficando de fora, portanto, a figura do tradutor. Na próxima seção deste capítulo, *Um método para o estudo da história da tradução*, veremos que para Pym o tradutor deve ter posição central nas pesquisas históricas sobre tradução. Esse autor também entende que o contexto de chegada não pode explicar todas as relações tradutórias, especialmente em contextos pós-coloniais. Pois se as traduções são explicadas pelas relações entre duas ou mais culturas, elas não poderiam ser fatos de uma cultura apenas, como afirmou Toury (2012). Pym (2010) também vê o conceito de mudanças de tradução¹⁸ como problemático dentro do paradigma descritivo, na medida em que analisá-

¹⁸ As mudanças de tradução são as diferenças entre os textos de partida e de chegada ou, conforme Catford (1965, p. 73) “mudanças são afastamentos de correspondência formal”.

las implica necessariamente um olhar sobre o texto de partida e o sistema no qual ele se insere. Analisar as mudanças parece ir contra a própria teoria dos DTS, que se apresentam como um paradigma voltado essencialmente para o texto e a cultura de chegada, não dispondo, portanto, de ferramentas para uma análise que implique um olhar no texto de partida.

Sobre as normas, Pym (2010) acredita que, ainda que a intenção dos DTS não seja prescrever aos tradutores como traduzir, ao identificá-las, pode-se cair no prescritivismo ao mostrar quais traduções são consideradas boas pelas pessoas em certo momento e lugar. Isso poderia influenciar os tradutores a seguirem as normas das traduções mais apreciadas. Outra crítica de Pym (2010) é em relação ao conceito de universais de tradução de Toury (2012), a mesma crítica que Gentzler (2001) faz a Even-Zohar. Segundo Toury (2012), um universal de tradução seria uma característica (geralmente linguística) encontrada nas traduções e em nenhum outro tipo de texto. Pym (2010) entende que um universal dificilmente funcionará para todos os gêneros literários e para todas as línguas. Como consequência, tem-se uma fragilização do conceito de leis. Enquanto os universais localizam tendências linguísticas, as leis seriam a relação dessas tendências com outras questões, como a cultura ou a psicologia do tradutor. Em primeiro lugar, Pym (2010) afirma que a pesquisa sobre leis não se desenvolveu, o que é confirmado pelo próprio Toury (2012), que reconhece a dificuldade de encontrá-las. Esses dois últimos conceitos, universais e leis, não despertaram o interesse de outros pesquisadores do paradigma descritivo como Theo Hermans, André Lefevere e José Lambert. Este último autor contribuiu de maneira importante para o avanço nas pesquisa dos DTS, conforme vimos mais acima, e entendemos que seus escritos também oferecem ferramentas interessantes para a descrição e análise das traduções de literatura latina no Brasil.

Lambert, assim como Even-Zohar e Toury, trabalha com a ideia de sistemas literários, entendidos como heterogêneos e em interação com outros sistemas dentro de uma mesma cultura e/ou de culturas estrangeiras: “a complexidade cultural e linguística de toda sociedade implica a *coexistência de várias tradições literárias em qualquer espaço sociocultural*.” (LAMBERT, 2011, p. 29). Porque a literatura, traduzida ou não, trata de fenômenos que por natureza são dinâmicos e estratificados é preciso ajustar constantemente o modo como a pesquisa é feita.

Na perspectiva de Lambert (2011), o estudo da literatura traduzida se baseia na ideia de que as traduções possuem funções nas

literaturas. Após analisar essas funções e as próprias traduções o pesquisador deveria chegar à compreensão do funcionamento dos sistemas literários. As traduções escolhidas ou não para fazerem parte do sistema literário de chegada também são importantes para a pesquisa:

[a] observação sistemática da tradução envolve o estudo dos princípios de seleção, tanto no que diz respeito ao tratamento que um dado texto recebeu, como à própria seleção dos textos – e, conseqüentemente, envolve também o estudo do que NÃO foi selecionado, seja em termos de textos propriamente ditos, seja de princípio textual. (LAMBERT, 2011, p. 49-50).

Não seria possível, por conta do tempo, incluir em nossa tese uma pesquisa sobre as obras de literatura latina ainda sem tradução no Brasil, mas pensamos que seria um aspecto interessante a ser estudado em pesquisas futuras.

Lambert também chama a atenção para o aspecto político da tradução, pois as relações entre os sistemas não são somente linguísticas, literárias e culturais: muitas vezes as estruturas políticas interferem na seleção dos textos a serem traduzidos para o sistema de chegada. Segundo o autor, “[a] questão não é exatamente *se*, mas *como* e *exatamente quando* as atividades tradutórias subordinam-se (ou não) a princípios políticos, e em que medida elas têm traços coloniais.” (LAMBERT, 2011, p. 52). O Brasil foi colônia de Portugal oficialmente até 1822. Durante o período colonial, a literatura brasileira se encontrava em formação e era fortemente influenciada pelos modelos europeus. A independência política, no entanto, não significou independência cultural. Segundo Sodré (1964),

[d]o ponto de vista do desenvolvimento literário, isto significa que a independência não assinala nenhuma mudança. [...] Pelo menos do ponto de vista cronológico, separaram a autonomia política de qualquer sintoma de autonomia literária. Isso não deixa de representar um reconhecimento tácito de que a independência era mais formal do que real. O colonialismo continuava presente entre nós e com uma força que não se podia desconhecer ou obscurecer.” (p. 19).

Ao observarmos as traduções de literatura latina publicadas no século XIX, percebemos uma certa dependência de Portugal. Encontramos 29 traduções, no total, lançadas entre 1808 e 1899. Dos 20 tradutores que publicaram nesse período, 8 são portugueses, conforme observamos na Tabela 4 abaixo. Não conseguimos precisar os tradutores de 4 obras: da *Arte poética* (1887, Imprensa Econômica) e das *Odes* (1824, J. G. Tourinho) de Horácio, de *O antigo regime* (1896, Cunha & Irmão) de Suetônio e d'*A Germânia* (1895, Typ. de J. B. Endrizzi & Cia.) de Tácito.

Tabela 4. Tradutores de literatura latina que publicaram traduções no Brasil no século XIX

Tradutores nascidos em Portugal	Tradutores nascidos no Brasil
Antonio Feliciano de Castilho	A. Coelho Rodrigues
Antônio Pereira de Figueiredo	Antônio Inácio de Mesquita Neves
Antônio Ribeiro dos Santos	D. G. Bahia
José Bento Said	Francisco Antônio Picot
José Ignacio Roquette, Le P.	Francisco Sotero dos Reis
José Liberato Freire de Carvalho	J. A. P. de M. C.
José Vitorino Barreto Feio	J. F. Lima Cortes
Miguel Antônio Cisera	João Baptista Regueira Costa
	João Cardoso de Menezes e Souza
	João Gualberto Ferreira dos Reis
	João Nunes de Andrade
	Manoel Odorico Mendes

Ao analisar a Tabela 4 acima, podemos dizer que quase metade das traduções de literatura latina que circularam no Brasil, durante o século XIX, foram feitas por portugueses. Esse número não é uma surpresa, muitos intelectuais portugueses viveram no Brasil durante esse período e os laços que uniam os dois países, mesmo depois da independência, ainda eram muito fortes. No entanto, ao analisar o catálogo de traduções do século XX em diante, vemos que as traduções de literatura latina feitas por portugueses continuam a circular no mercado editorial brasileiro. Na Tabela 5 abaixo, temos uma lista dos tradutores que publicaram traduções de literatura latina no Brasil de 2000 a 2014. Assinalamos entre esses nomes aqueles que são de tradutores portugueses:

Tabela 5. Tradutores que publicaram traduções de literatura latina no Brasil entre 2000 e 2014.

Adriana Seabra	Elaine Cristina Prado dos Santos	Lucy Ana de Bem
Adriano Milho Cordeiro ^p	Ellen Itanajara Neves Vranas	Luís Carlos Lima Carpinetti
Agnes Cretella	Ferreira Gullar	Luiz Feracine
Agustinho Frei Belmonte	Foed Castro Chamma	M. Justino Maciel ^p
Alfredo Scottini	Gabriel Nocchi Macedo	Márcio Thamos
Ana Alexandra Alves de Sousa ^p	Geraldo José Albino	Marcos Martinho
Ana Paula Celestino Faria	Gilson César Cardoso de Souza	Marcos Van Acker
Antônio Martinez de Rezende	Guilherme Gontijo Flores	Mariana Sérvulo da Cunha
Arnaldo do Espírito Santo ^p	Isabella Tardin Cardoso	Marino Kury
Bento Prado de Almeida Ferraz	João Beato ^p	Matheus Trevizam
Bento Silva Santos	João Carlos Cabral Mendonça	Milton Marques Júnior
Bocage ^p	João Teodoro d'Olim Marote	Mônica Costa Vitorino
Brunno Vinicius Gonçalves Vieira	José Cretella Júnior	Odorico Mendes
Carlos Ancêde Nougé	José Eduardo Braga ^p	Paulo José Benício
Carlos Ascenso André ^p	José Eduardo dos Santos Lohner	Paulo Sérgio de Vasconcellos
Carlota Miranda Urbano ^p	José Ignácio Coelho Mendes Neto	Raimundo Carvalho
Célia Mariana Franchi Fernandes da Silva	José Maria da Costa e Silva ^p	Ricardo da Cunha Lima
Claudio Aquati	José Rodrigues Seabra Filho	Sady-Garibaldi
Danilo Marcondes	José Vitorino Barreto Feio ^p	Sandra Braga Bianchet
Domingos Lucas Dias ^p	Júlia Batista Castilho de Avellar	Vera Lucia Leitão Magyar
Domingos Paschoal Cegalla	Lúcia Sá Rebello	William Li
Dunia Marinho da Silva	Luciana Gomes de Mello	

Legenda: ^p tradutores portugueses.

No total, encontramos 78 traduções de literatura latina publicadas no Brasil entre 2000 e 2014 e, conforme vemos na Tabela 5 acima, essas obras foram traduzidas por 65 tradutores. Desses, 12 são portugueses e tiveram suas traduções publicadas também em Portugal. Ou seja, quase 19% dos tradutores de literatura latina que publicaram no Brasil, nesse período, são portugueses, o que demonstra que, apesar da independência política e cultural do Brasil em relação à Portugal, as traduções portuguesas de literatura latina ainda encontram espaço no mercado editorial brasileiro. Analisando mais de perto essas traduções, vemos que a editora Annablume publicou um total de quatro traduções de literatura latina no período referido, todas elas de tradutores portugueses: *O truculento*, traduzido por Adriano Milho Cordeiro; *Medeia*, com tradução de Ana Alexandra Alves de Sousa; *De excidio urbis e outros sermões sobre a queda de Roma*, traduzido por Carlota Miranda Urbano e o *Compêndio da arte militar*, com tradução de José Eduardo Braga. A publicação de traduções portuguesas parece se constituir como uma política de tradução dessa editora, conforme Toury (2012).

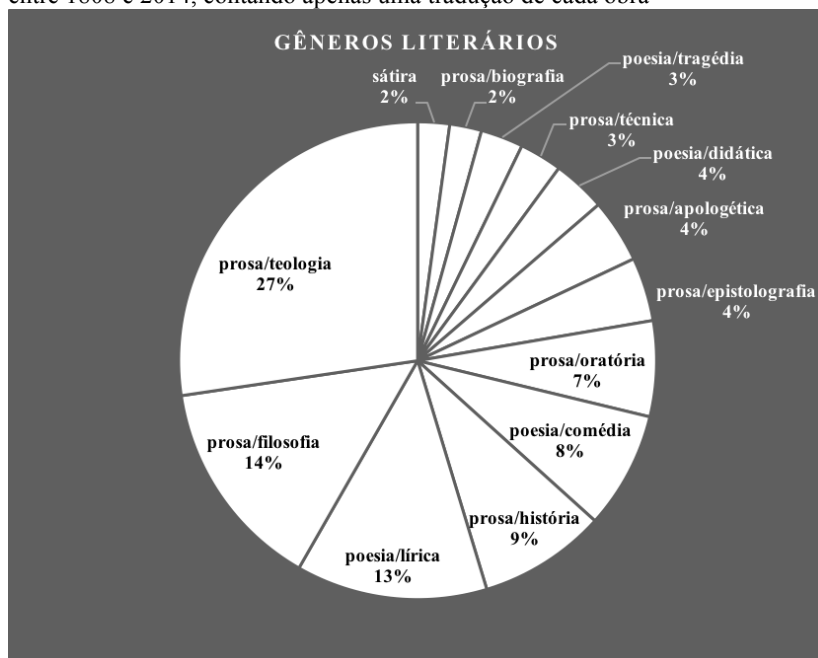
Baseando-se em Even-Zohar (1978), Lambert (2011) propõe algumas hipóteses para o estudo sistemático das traduções, salientando que nem todas elas funcionam em todos os casos. Resumimos as que consideramos mais relevantes para nossa pesquisa: 1) sistemas exportadores (ativos) estão em uma posição de poder em relação aos sistemas importadores (passivos); 2) sistemas que importam mais tendem a ser proporcionalmente mais instáveis; 3) quanto mais um sistema importa de um mesmo sistema estrangeiro, mais dependente ele será; 4) no caso das colônias, organizadas através da força e de valores hierárquicos, predomina a importação cultural.

Lambert também faz observações acerca da escolha dos gêneros literários a serem traduzidos por um determinado sistema:

[o] poder dos gêneros se manifesta claramente no fato de que os tradutores individuais: 1. se especializam, frequentemente, em certos (sub)gêneros, e excluem outros; 2. se conformam às regras dos gêneros e, assim, em certa medida, sacrificam sua personalidade. Os tradutores escritores dedicam-se, muitas vezes, aos gêneros que praticam ou apreciam também como escritores. (2011, p. 101).

Fizemos uma análise dos gêneros literários¹⁹ das obras de literatura latina traduzidas no Brasil durante todo o período pesquisado, de 1808 a 2014. No total, 145 obras²⁰ de autores latinos foram traduzidas e publicadas no Brasil, nesse período. Primeiro apresentamos a análise dos gêneros literários contando apenas uma tradução de cada obra, conforme mostra o Gráfico 3 abaixo. As *Cartas pônticas*, de Ovídio, por exemplo, foram traduzidas duas vezes, porém, neste primeiro gráfico, contamos apenas uma das traduções. Não estão neste Gráfico 3 os gêneros que tiveram apenas uma ou duas obras traduzidas.

Gráfico 3. Gêneros literários das obras de literatura latina traduzidas no Brasil entre 1808 e 2014, contando apenas uma tradução de cada obra



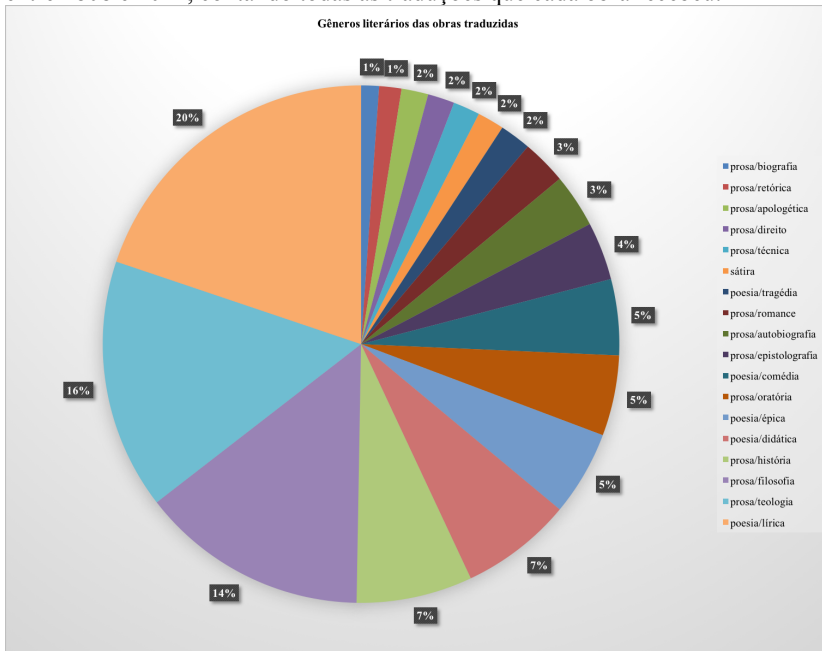
¹⁹ Cardoso (2003), pensa a literatura latina a partir da seguinte divisão em gêneros literários: poesia épica, poesia dramática (tragédia e comédia), poesia lírica, sátira, poesia didática e prosa (romance, história, oratória, retórica, filosofia, apologética, teologia, erudição e epistolografia). Nesta tese, adotamos a divisão de gêneros literários proposta por Cardoso (2003).

²⁰ Uma lista com todas as obras traduzidas encontra-se no Apêndice C desta tese.

Observando o Gráfico 3 acima, percebemos que temos um predomínio de traduções de obras de prosa: das obras de literatura latina traduzidas no Brasil, 70% pertencem a este gênero. Dentre estas, dominam os gêneros de teologia e filosofia que, juntos, correspondem a 41% das obras traduzidas. Já as obras de poesia correspondem a 30% daquelas que foram traduzidas, sendo que as de poesia lírica somam 13%.

Se contarmos todas as traduções de todas as obras, chegamos ao número de 366 traduções publicadas. Fizemos, então, uma análise semelhante à anterior, porém, contando todas as traduções que cada obra recebeu, como mostra o Gráfico 4 abaixo. Também não estão neste Gráfico 4 os gêneros que tiveram apenas uma ou duas obras traduzidas.

Gráfico 4. Gêneros literários das obras de literatura latina traduzidas no Brasil entre 1808 e 2014, contando todas as traduções que cada obra recebeu.



Percebemos que, quando contamos todas as traduções que cada obra recebeu, o predomínio da prosa cai um pouco e fica em torno de 60%. Do mesmo modo, diminui a porcentagem das obras de teologia: no gráfico anterior, correspondiam a 27% das obras traduzidas, agora, somam 16%. As obras de filosofia se mantêm com a mesma

porcentagem, 14%. Em relação à poesia, temos um crescimento da porcentagem de obras de poesia lírica traduzidas: de 13% passam para 20%. A porcentagem de obras de poesia traduzidas também tem um aumento: de 30%, passam a somar 40% do total de traduções. Observamos, ainda, o aparecimento de outros gêneros literários: épica, oratória, autobiografia, romance, obras da área do Direito e retórica. No caso da autobiografia, devemos seu aparecimento às doze diferentes traduções que teve a obra *Confissões*, de Agostinho. No geral, podemos dizer que a prosa latina foi mais traduzida no Brasil do que a poesia. Mas, se avaliamos todas as traduções que cada obra recebeu, percebemos que o gênero poesia teve mais traduções para cada uma. Por exemplo, mais obras de teologia foram traduzidas no Brasil, no entanto, embora menos obras de poesia lírica tenham sido traduzidas, essas receberam mais versões diferentes.

Ainda sobre os gêneros literários, Lambert (2011) afirma que “é menos a natureza dos gêneros ou subgêneros que se revela decisiva do que sua posição, enfim, seu prestígio. Em alguns grupos de gêneros é que as traduções aparecem em grande quantidade, ou são escassas” (2011, p. 102). Para o autor, o princípio dos gêneros é um princípio hierárquico e se encontra no cerne da organização literária, por conta disso, é fundamental que o pesquisador atente para as escolhas feitas em relação aos gêneros pelo sistema a ser analisado.

Diferentemente do que afirma Lambert (2011), podemos pensar que o poder dos gêneros, no caso da literatura latina traduzida no Brasil, seja mais uma manifestação da política de traduções das editoras do que uma questão de prestígio dos gêneros. Como já mostramos mais acima, as três editoras que mais publicaram traduções de literatura latina no Brasil são a Paulinas, a Paulus e a Vozes, editoras pertencentes a congregações religiosas. O escopo de suas publicações são justamente os textos do período cristão da literatura latina, ou seja, textos de teologia e também de filosofia. Portanto, não é o prestígio do gênero que faz com que essas editoras publiquem determinadas obras, mas o fato de que esses textos traduzidos são importantes para a religião que divulgam. Essa política de divulgação de textos cristãos explicaria o predomínio dos textos de teologia e filosofia entre as traduções publicadas.

Indo ao encontro das afirmações de Lambert (2011), no caso da poesia lírica, podemos levantar a hipótese de que exista uma preferência individual de tradutores ou um prestígio literário, já que não identificamos uma política de tradução editorial que justifique a grande quantidade de traduções desse gênero. As obras de poesia lírica mais

traduzidas entre 1808 e 2014 foram as *Odes* de Horácio, que recebeu 11 traduções diferentes, as *Bucólicas* de Virgílio, 10 traduções, e as *Metamorfoses* de Ovídio, com sete traduções. Os três estão entre os autores mais importantes do cânone da literatura latina, de modo que tanto o prestígio do gênero quanto dos próprios autores parece ter influenciado no número de traduções.

Lambert (2011), retomando Even-Zohar, afirma que as literaturas e culturas mais fortes e/ou estáveis têm a propensão de impor suas próprias práticas aos textos que importam. Nessa situação, o tradutor tende a evitar obras e gêneros excêntricos ou de vanguarda, neologismos e inovações. Já no caso das literaturas e culturas em formação ou em estado de crise, há uma tendência à procura de novidades e os traços das obras estrangeiras são mantidos. Esses dois contextos não são fixos, um sistema literário pode passar por momentos de fortalecimento ou de crise ao longo da história, fazendo com que a função da literatura traduzida dentro dele também mude.

Para Lambert (2011), determinar essa função e situar a literatura traduzida em relação ao sistema literário de chegada é uma das etapas mais difíceis da pesquisa. Assim como as literaturas dos sistemas de chegada, as literaturas traduzidas também são sistemas instáveis. Por isso, alerta o autor, é “[...] essencial determinar os princípios que orientam as traduções” (LAMBERT, 2011, p. 211), ou seja, entender de que modo o sistema de chegada seleciona e elabora suas traduções e sob quais normas isso é feito.

A metodologia que Lambert propõe, portanto, é a descrição de traduções baseada no modelo polissistêmico através de um esquema hipotético que poderia ser resumido da seguinte forma:

[d]escreveremos as traduções em termos de relações entre os sistemas de comunicação que usam diferentes línguas (códigos diferentes); aceitamos que a natureza exata dessas relações não possa ser definida *a priori*; que ela depende justamente das relações entre os sistemas em contato; que ela depende principalmente da posição que ocupa o tradutor no sistema de chegada (ele pode simular a tradução) e da tolerância do seu meio com ele; ela resulta sempre de uma combinação das convenções estrangeiras e das convenções autóctones, a ponto de parecer artificial aos olhos dos leitores-receptores. (LAMBERT, 2011, p. 196).

Assim como Lambert (2011), Antonio Candido (2000) entende que os sistemas literários são instáveis e a maneira como se relacionam com outros sistemas é diferente de uma literatura para outra. Por isso, Candido afirma que “[c]ada literatura requer tratamento peculiar, em virtude dos seus problemas específicos ou da relação que mantém com outras. A brasileira é recente, gerou-se no seio da portuguesa e dependeu da influência de mais duas ou três para se constituir.” (2000, p. 09). Candido (2000) reconhece assim que literaturas estrangeiras e, conseqüentemente, a tradução, tiveram papel fundamental na construção do sistema literário brasileiro. A presença de Candido como fundamentação teórica para esta tese se justifica pela sua adoção de literatura brasileira como um sistema no qual o sistema de literatura estrangeira e o sistema de literatura traduzida desempenham um importante papel.

Germana Henriques Pereira de Souza, no artigo *Tradução e sistemas literários: Contribuições de Antonio Candido para os Estudos da Tradução*, elenca alguns pontos de contato entre a perspectiva sobre a literatura adotada por Candido e a teoria da tradução: o comparatismo, a historiografia da literatura, o estudo da formação da tradição e do cânone, o conceito de filtro e não de influência, a questão da dialética local/cosmopolita na formação da literatura brasileira, a questão da relação entre literatura e subdesenvolvimento, a noção de sistema literário, e a arte de agregação *versus* arte de segregação (SOUZA, 2015, p. 57). Esses pontos nortearam nossa análise e constituíram parte da base teórica desta tese.

Um dos conceitos mais importantes para Candido é o de ‘sistema’. Este conceito, conforme vimos, é igualmente importante para os teóricos dos DTS. Em *Formação da literatura brasileira* (2000), Candido afirma que trabalhar com a hipótese de ‘sistema’ em literatura “[...] requer um método que seja histórico e estético ao mesmo tempo, mostrando, por exemplo, como certos elementos da formação nacional (dado histórico-social) levam o escritor a escolher e tratar de maneira determinada alguns temas literários (dado estético).” (2000, p. 16). Como Toury (2012) entende que as traduções não surgem num vácuo, mas dentro de um contexto histórico, cultural e literário, também para Candido (2000) o crítico literário não deve apresentar as obras descontextualizadas, mas integradas a um sistema e circunstanciadas a um momento histórico, tornando aparente sua influência na elaboração de outras obras, o que constitui a tradição literária. Ainda que o objeto

de estudo de Toury (2012) seja o texto traduzido e o de Candido (2000) seja a literatura nacional, podemos ver um paralelo entre os dois autores na importância que dão ao conhecimento de aspectos externos que envolvem a criação e a publicação de obras literárias.

Segundo Candido (2000), para que exista efetivamente um sistema literário são necessárias três condições: um grupo de produtores literários que tenham alguma ciência de seu papel; um público-receptor de diferentes tipos (por exemplo, um público-receptor de literatura infanto-juvenil, de literatura erudita etc.); e os produtos, ou seja, as obras literárias. Esses três elementos se articulam de forma dinâmica, assim como as obras se articulam com outras obras, criando uma tradição e estabelecendo o sistema.

O pensamento de Candido a respeito da função da literatura estrangeira e da tradução na formação do sistema literário fica bastante evidente em alguns de seus ensaios. Em *Os primeiros baudelairianos*, por exemplo, Candido (1989) disserta sobre a influência de Baudelaire no sistema literário brasileiro, focando-se no período entre 1870 e início de 1880, quando o poeta francês foi decisivo “[...] para definir os rumos da produção poética [...]” (p. 24). Ele afirma que a importância de Baudelaire foi construída através de uma alteração e um ajuste das características do poeta às propriedades e necessidades do grupo de escritores brasileiros que o recebeu.

Ao ser recebida pela cultura de chegada, a obra estrangeira adquiriu novos significados e uma das consequências disso é que a visão que se tem de Baudelaire no Brasil não é a mesma que se tem dele na cultura de partida, a França. Esse fato influenciou também a maneira como o poeta foi vertido pelos tradutores brasileiros:

se, de um lado, aceitaram e mesmo sublinharam tudo o que nos poemas de Baudelaire era posição ousada do corpo, ato amoroso tendendo ao escultórico, imagem da carne levada a certa truculência animal, de outro, recuaram ante tudo o que pudesse, por exemplo, parecer prosaico demais e menos ortodoxo. (CANDIDO, 1989, p. 32).

Ao analisar a relação do poeta francês com os poetas brasileiros, Candido (1989) revela que a recepção de Baudelaire foi responsável pela acentuação ou apagamento de certas características da sua poesia na tradução para o português. Esse tipo de análise é comparável às

hipóteses da teoria polissistêmica e ao método de descrição de traduções proposto por Lambert (2011), no sentido de que a função que a obra de Baudelaire tem no sistema literário francês não é a mesma que ela teve, naquele momento, no sistema literário brasileiro.

Já em outros ensaios como *Literatura e subdesenvolvimento* (1989) e no livro *Formação da literatura brasileira* (2000), Candido descreve de maneira mais geral o papel que as literaturas estrangeiras tiveram no processo de surgimento e desenvolvimento do sistema literário brasileiro. Durante o período colonial, e até um pouco depois da independência, os escritores brasileiros viviam afastados dos grandes centros culturais mundiais à época. Isso fez com que eles se voltassem para os padrões literários europeus, tornando-os uma espécie de classe aristocrática em relação ao restante do Brasil visto como inculto: “[...] na medida em que não existia público local suficiente, ele escrevia como se na Europa estivesse o seu público ideal, e assim se dissociava muitas vezes da sua terra.” (CANDIDO, 1989, p. 148). A consequência disso era a produção de obras muito sofisticadas, pautadas nos paradigmas e valores europeus, sem qualquer relação com a cultura local. Os autores brasileiros faziam uso inclusive de línguas estrangeiras para redigir suas obras, o que era altamente apreciado e visto como um refinamento.

O modo de análise de Candido não se baseia somente num simples paralelo entre literatura e história social. O autor entende que a criação literária tem uma certa independência que permite sua fuga das amarras históricas e sociais. Ao mesmo tempo, ela é um produto de pessoas que vivem numa determinada sociedade em dado momento histórico, por isso é importante investigar a relação existente ou não entre esses aspectos histórico-sociais e os aspectos propriamente literários, estilísticos, linguísticos etc. Candido (1989) afirma que nos países da América Latina a literatura sempre foi um esforço para construir e adquirir uma consciência nacional, por isso, a melhor maneira de estudá-la seria através de uma abordagem histórico-sociológica.

Por conta do processo de colonização do Brasil, nosso sistema literário durante certo tempo quase se confundia com o sistema literário português, situação comum a outras colônias americanas. Pensando nessa perspectiva, Candido entende que

[a]s nossas literaturas latino-americanas, como também as da América do Norte, são basicamente galhos das metropolitanas. E se afastarmos os melindres do orgulho nacional, veremos que,

apesar da autonomia que foram adquirindo em relação a estas, ainda são em parte reflexas. No caso dos países de fala espanhola e portuguesa, o processo de autonomia consistiu, numa boa parte, em transferir a dependência, de modo que outras literaturas européias não-metropolitanas, sobretudo a francesa, foram se tornando modelo a partir do século XIX, o que aliás ocorreu também nas antigas metrópoles, intensamente afrancesadas. (CANDIDO, 1989, p. 151).

Assim como vimos com Lambert (2011) anteriormente, Candido (1989) também ressalta os aspectos políticos que envolvem a literatura. As relações entre os polissistemas não são somente linguísticas, literárias e culturais, mas também sofrem interferência das relações políticas estabelecidas entre os dois sistemas.

Apresentamos neste capítulo a fundamentação teórica desta tese e alguns exemplos de análises suscitadas a partir dos conceitos postulados por Even-Zohar (1990), Toury (2012), Lambert (2011) e Candido (1989, 2000), tentando demonstrar a relevância desses teóricos para nossa pesquisa. Na próxima seção, discorreremos sobre a proposta de método para o estudo da história da tradução de Pym (1998).

2.2 UM MÉTODO PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA DA TRADUÇÃO

Conforme vimos no capítulo anterior, a literatura traduzida é um fenômeno instável, variável e sua pesquisa envolve diferentes áreas do conhecimento. Podemos abordá-la e estudá-la de diferentes formas e sob perspectivas distintas. Apresentamos aqui um método para pesquisa em história da tradução elaborado por Pym (1998) em *Method in translation history* e, mais adiante, discutimos até que ponto ele pode ser aplicado numa pesquisa sobre história da tradução de uma língua do passado como o latim.

A partir de sua prática na pesquisa em história da tradução, Pym (1998) elaborou quatro princípios para este tipo de estudo. O primeiro princípio diz respeito ao papel da pesquisa em história da tradução: segundo Pym (1998), esta deveria explicar por que certas traduções foram feitas naquele período, por uma certa sociedade, em um determinado lugar. O segundo princípio refere-se ao objeto central da história da tradução: o tradutor, pois somente através dessa figura e de

suas relações com clientes, patrões e leitores podemos entender por que traduções foram produzidas. Já o terceiro princípio reporta-se ao contexto a ser estudado pela história da tradução: a cultura de chegada, afinal, se o foco deve ser o tradutor, o contexto onde ele vive e trabalha é o que importa. Por fim, o quarto princípio diz que o pesquisador deve priorizar o presente pois, segundo Pym (1998), “fazemos história da tradução a fim de expressar, enfrentar e tentar resolver problemas que afetam nossa própria situação. [...] o passado é um objeto que deve ser construído para responder nossas perguntas, indicando categorias e potenciais soluções que não havíamos pensado anteriormente.” (p. X).²¹

A história da tradução é entendida por Pym (1998) como um conjunto de discursos que versam sobre as mudanças que aconteceram ou que tenham sido impedidas de acontecer no campo da tradução. Ela pode ser dividida em três áreas: *arqueologia da tradução*, que seria o conjunto de discursos que se propõem a desvelar quem traduziu o quê, como, quando, onde, para quem e com qual efeito. Esse tipo de estudo pode incluir a compilação de catálogos ou a pesquisa biográfica de tradutores. A segunda área seria a da *crítica histórica*, que se refere ao conjunto de discursos que avaliam a maneira como a tradução incentiva ou reprime mudanças em seu próprio campo. Finalmente, a terceira área, a *explicação*: é a parte da história da tradução que tenta demonstrar porque fatos aconteceram quando e onde eles aconteceram, e como eles estão relacionados com mudanças em determinados períodos de uma certa cultura. É o campo no qual tradutores podem ser descobertos como atores sociais efetivos. Pym (1998) alerta que nenhuma dessas três áreas pode ser epistemologicamente independente das outras. O pesquisador está de alguma forma envolvido nas três atividades, ainda que em diferentes níveis e não ao mesmo tempo:

[é] impossível escrever um catálogo arqueológico ou até mesmo localizar itens para catálogos a menos que se tenha uma ideia geral do processo de mudança que envolve esses valores (explicação), e há pouca razão para fazer isso a não ser que, pelo menos, espere-se que o passado possa levar a um futuro positivo (crítica). Da

²¹ “we do translation history in order to express, address and try to solve problems affecting our own situation. [...] the past is an object that must be made to respond to our questions, indicating categories and potential solutions that we had not previously thought of.” (PYM, 1998, p. X).

mesma forma, não pode haver nenhuma crítica ou explicação sem evidências arqueológicas, e nenhuma explicação de mudança sem uma ideia dos valores envolvidos nela. (PYM, 1998, p. 06).²²

Levando em conta as três áreas descritas, podemos dizer que nossa pesquisa se situaria principalmente na primeira área, a arqueologia da tradução, sem excluir as duas outras. A crítica e a explicação, conforme Pym (1998), auxiliarão na busca das traduções a serem catalogadas e na compreensão da função delas no sistema literário.

De acordo com Pym (1998), a teoria dos polissistemas resultou numa mudança no estudo da história da tradução, não somente por apresentar um escopo mais generalista, mas também por mostrar a possibilidade de um novo método ou “[...] mais basicamente a consciência de que a história da tradução possa efetivamente ter um método com seus conceitos próprios, procedimentos e resultados.” (p. 13)²³. Essa transformação aconteceu a partir da introdução na área da tradução, em 1969, das ideias de Even-Zohar, formuladas com base nos Formalistas Russos. Para Pym (1998), a principal inovação dessas ideias para o estudo da história da tradução não foi somente o modelo sistêmico em si, mas a aplicação de um modelo descritivo geral para traduções. Assim, o foco maior da pesquisa passou a ser as traduções e não mais as teorias. Com isso, percebeu-se que as teorias também são históricas e influenciadas pelas práticas de tradução que lhes eram/são contemporâneas. Além disso, o desenvolvimento da teoria sistêmica permitiu que estudos filológicos fragmentados fossem reunidos.

Algumas definições são importantes para o trabalho com história da tradução. Segundo Pym (1998), o pesquisador deve delimitar os itens que farão parte de seu *corpus* através de perguntas como: o que é considerado uma tradução, adaptação, imitação, reescrita? Pym (1998) afirma que, virtualmente, todas as nossas listas dependem de outras listas, portanto, nossos parâmetros devem ser comparados com aqueles

²² “It is impossible to write an archaeological catalogue or even locate items for catalogues unless one has some general idea of the change process framing those values (explanation), and there is little reason to do this unless one at least hopes the past can lead to a positive future (criticism). Similarly, there can be no criticism or explanation without archaeological evidence, and no explanation of change without some idea of the values involved in change.” (PYM, 1998, p. 06).

²³ “[...] most basically the awareness that translation history might actually have a method with its own concepts, procedures and results.” (PYM, 1998, p. 13).

de listas anteriormente propostas para confrontá-las e, talvez, compensá-las. Nesta tese, conforme explicamos no primeiro capítulo, consultamos um trabalho de compilação de traduções anterior ao nosso, o de Tuffani (2006).

Além da lista das traduções, Pym (1998) considera importante obter uma lista das retraduições ou reedições, pois elas indicam a existência de uma demanda por novas traduções ou por uma determinada tradução. As reedições tendem a reforçar a validade de uma tradução prévia ao mesmo tempo que as retraduições testam essa mesma validade. Incluímos nos dados de nossa pesquisa todas as reedições e retraduições encontradas a fim de perceber quais versões têm uma permanência maior no sistema literário brasileiro e quais textos suscitam diferentes traduções.

Um dos conceitos mais caros para Pym (1998) em *Method in translation history* é o de *intercultural*. O autor utiliza o termo “[...] para se referir a crenças e práticas encontradas em cruzamentos ou sobreposições de culturas, nas quais as pessoas combinam alguma coisa de duas ou mais culturas ao mesmo tempo.” (p. 177)²⁴. Para ele, a história da tradução deveria ser baseada na interculturalidade para, assim, dizer-nos mais sobre as culturas. Pensando em nosso objeto de estudo, as traduções de literatura latina, questionamos se o método de Pym (1998), especialmente no que se refere ao conceito de intercultural, funcionaria no estudo de uma literatura como a latina, cuja civilização que lhe deu origem não existe mais, ao menos geograficamente. Como entender o sistema literário latino se não há mais uma comunidade falante de latim? É possível dizer que a literatura latina existe enquanto sistema literário, mas não existe mais enquanto sistema cultural? Podemos falar em interculturalidade entre a cultura brasileira e a cultura latina? Essas são questões que responderemos após a análise das traduções, pois pensamos que somente através desta poderemos compreender de que forma essas duas culturas ou esses dois sistemas literários se relacionam ou não.

No geral, consideramos o método de Pym (1998) interessante para a pesquisa em história de tradução, embora não haja muitas novidades para pesquisadores que são familiarizados com a teoria polissistêmica e os DTS. Seu mérito maior talvez seja a sistematização de alguns conceitos dessas duas teorias, além de tornar um pouco mais

²⁴ “[...] to refer to beliefs and practices found in intersections or overlaps of cultures, where people combine something of two or more cultures at once.” (PYM, 1998, p. 177).

explícito como eles podem ser aplicados na pesquisa em tradução. Em resumo, Pym (1998) entende que

qualquer tentativa de desenvolver um método para a história da tradução deve, portanto, estar preparada para lidar com pelo menos duas perguntas: em primeiro lugar, como fazer história da tradução (para pessoas que vão fazê-la); segundo, por que isso deve ser feito de uma maneira e não de outra (para pessoas que querem relacionar a história da tradução com preocupações mais amplas na área de humanas). (PYM, 1998, p. VII).²⁵

No capítulo seguinte apresentamos uma contextualização histórica do mercado editorial brasileiro e do sistema literário brasileiro, juntamente com a análise de alguns aspectos das publicações de traduções de literatura latina do período de 1808 a 2014, no Brasil.

²⁵ “Any attempt to develop a method for translation history must thus be prepared to address at least two related questions: first, how to do translation history (for people who are going to do some); second, why it should be done one way rather than another (for people who want to relate translation history to wider concerns in the humanities).” (PYM, 1998, p. VII).

CAPÍTULO 3 – A LITERATURA LATINA TRADUZIDA NO CONTEXTO EDITORIAL E LITERÁRIO BRASILEIRO

“Ao descrever os sentimentos e as ideias de um dado período literário, elaboramos frequentemente um ponto de vista que existe mais em nós, segundo a perspectiva da nossa época, do que nos indivíduos que o integram. Para contrabalançar a deformação excessiva deste processo, aliás inevitável, é conveniente um esforço de determinar o que eles próprios diziam a respeito; de que modo exprimiam as ideias que sintetizamos e interpretamos. Neste sentido, impõe-se o estudo da crítica no período em apreço, porque ela é de certo modo a consciência da literatura, o registro ou reflexo das duas diretrizes e pontos de apoio.” (CANDIDO, 2000, p. 285).

Neste terceiro capítulo apresentamos uma contextualização histórica da organização do mercado editorial brasileiro e da tradução literária no país, no que concerne especialmente aos textos traduzidos de literatura latina. Separamos o presente capítulo em duas partes: primeiro, fazemos uma descrição do mercado editorial, dando especial atenção aos livreiros e editoras que publicaram traduções de literatura latina no período abrangido por esta tese. Em seguida, debruçamo-nos sobre o contexto literário brasileiro em que surgiram essas traduções, a partir da leitura de historiografias da literatura brasileira e de artigos sobre o tema.

Consideramos importante apresentar as circunstâncias, ou, ao menos, alguns aspectos delas, em que foram produzidas e publicadas as traduções. Afinal, como afirma Carvalho (2014), em “Tradução de poesia latina clássica: uma tradição sempre renovada”, “[t]al qual o original, a tradução faz parte de uma tradição, de uma série. Nesse sentido, pensar a tradução implica também pensar o contexto em que ela se produz e impõe a sua presença.” (p. 107).

3.1 AS TRADUÇÕES DE LITERATURA LATINA NO MERCADO EDITORIAL BRASILEIRO

Para compreender a função das traduções de literatura latina no sistema literário brasileiro é importante saber como este vem se

configurando ao longo de sua história. Recorremos à pesquisa de doutorado de Laurence Hallewell, feita entre os anos de 1970 e 1975, posteriormente publicada sob o título de *O livro no Brasil: sua história* (2012), para apresentar um panorama sobre a produção editorial do Brasil. Para Hallewell,

[...] é difícil imaginar uma atividade que envolva tantos aspectos da vida nacional quanto a publicação de livros. O livro existe para dar expressão literária aos valores culturais e ideológicos. Seu aspecto gráfico é o encontro da estética com a tecnologia disponível. Sua produção requer a disponibilidade de certos produtos industriais (que podem ser importados, feitos com matéria-prima importada ou fabricados inteiramente no país). Sua venda constitui um processo comercial condicionado por fatores geográficos, econômicos, educacionais, sociais e políticos. E o todo proporciona uma excelente medida do grau de dependência ou independência do país, tanto do ponto de vista espiritual como do material. (2012, p. 31).

Também nos apoiamos na obra *Tradução: a ponte necessária* (1990), de José Paulo Paes, uma coletânea de artigos na qual o poeta discute alguns aspectos da tradução literária no Brasil. Outra contribuição para essa contextualização do mercado editorial foi a obra *História da inteligência brasileira* (1978), de Wilson Martins.

A história do livro no Brasil começa com a chegada dos portugueses ao nosso território. Para entendê-la, é preciso mencionar como essa mesma história se sucedeu na Europa, mais especificamente em Portugal. Segundo Hallewell (2012), a disseminação da impressão na Europa se deu por iniciativas particulares: príncipes e abades chamavam impressores para suas respectivas cidades com a intenção de publicar um título específico. As primeiras impressões feitas em Portugal datam do final do século XV.

Para se ter uma ideia da disseminação da imprensa na Europa, Hallewell (2012) informa que, em 1501, os únicos países europeus de alfabeto latino que não tinham impressor eram Escócia, Irlanda, Noruega, Islândia e Finlândia. Os livros impressos eram majoritariamente religiosos ou eruditos e escritos em latim. Logo esse mercado ficou saturado e os impressores foram em busca de novos

compradores, passando assim a imprimir também obras em língua vernácula. Esse processo começou na Inglaterra e logo se espalhou para a Itália, França e Espanha. Em relação a Portugal, Hallewell destaca que “[...] mesmo depois de ter perdido a independência nacional entre 1580 e 1640, o senso de identidade nacional de Portugal foi tão forte que impediu a predominância do castelhano sobre o português como língua de impressão (e, no final, do Estado e da cultura).” (2012, p. 45).

No que se refere aos primeiros prelos, Portugal é realmente um caso à parte dentre os países europeus, pois seus primeiros tipógrafos eram quase todos judeus que atendiam ao mercado hebraico tanto em Portugal quanto em outros países. A situação mudou quando, ao final do século XV, o governo português baniu todos os livros hebraicos, exceto os de medicina e cirurgia, acarretando no fechamento das tipografias judaicas e na fuga de seus proprietários.

Mais tarde, quando a notícia sobre as riquezas descobertas pelos portugueses se espalhou pela Europa, muitos tipógrafos instalados em outros lugares estabeleceram seus prelos em Portugal. A consideração dos portugueses pelos tipógrafos era tanta que, em 1508, um decreto deu a eles o status e os privilégios de cavaleiros da casa real (desde que não fossem judeus). No entanto, logo surgiu o temor de que ideias condenáveis se divulgassem com a disseminação dos livros, propiciada pelas tipografias, e a recomendação do Papa Alexandre VI de que “[...] os príncipes cristãos instituíssem um sistema de autorização para obras tipográficas” (HALLEWELL, 2012, p. 70) fez com que os tipógrafos precisassem submeter cada nova publicação à aprovação de uma autoridade religiosa, geralmente o bispo local.

Já nas colônias, a imprensa só foi instalada em territórios onde existia uma cultura autóctone desenvolvida que os colonizadores desejavam aculturar:

[i]sso exigiu um colégio para formar e doutrinar a elite local ou seus filhos, e livros, tanto aqueles para ensinar aos prosélitos os costumes e línguas locais como aqueles nas línguas locais que os alunos nativos pudessem usar nas escolas. Esses livros, em vez de serem encomendados na Europa e embarcados, seriam produzidos com mais rapidez e conveniência no local onde estava sendo ministrado o ensino e eram faladas as novas línguas. (HALLEWELL, 2012, p. 49).

Portugal implantou prelos em suas possessões na Ásia e na África, diferentemente do que aconteceu no Brasil: “[...] essas diferenças foram determinadas, em parte, pelas necessidades de controle político.” (HALLEWELL, 2012, p. 72). Além do mais, entendia-se que os indígenas brasileiros não tinham um alto grau de civilização (não havia, por exemplo, uma cultura letrada) e acreditava-se que a dominação cultural a ser alcançada pelos missionários teria mais efeito se os ensinamentos fossem orais. A língua escrita era para o uso dos próprios religiosos, portanto poucos exemplares de cada obra bastavam e não era preciso dispendir recursos para a produção em massa dos textos. Até o final do século XVII, se não contarmos as populações indígenas, os habitantes brasileiros eram poucos e viviam espalhados por um território imenso, em centros isolados. Nessas condições, do ponto de vista dos interesses da metrópole, a atividade de tipografia não era necessária nem viável economicamente.

Havia outro empecilho para a instalação das tipografias, pois “[n]ão era só grande o analfabetismo, como também, no Brasil dos séculos XVI e XVII, o povo comum, cuja maioria, graças à falta de mulheres brancas, se tornara mestiça na segunda geração, nem mesmo continuou a falar o português.” (HALLEWELL, 2012, p. 60). A língua geral do Brasil, vernáculo de contato baseado no tupi, foi o idioma de comunicação entre as populações que habitavam nosso território e começou a ser substituído pelo português com a onda de imigração portuguesa estimulada pela corrida do ouro, que aconteceu no começo do século XVIII. A partir de então começaram a circular no Brasil livros de ambulantes, circulação que já acontecia na América espanhola desde o final do século XVI.

Ao comparar a evolução do prelo da América espanhola e da portuguesa, Hallewell (2012) demonstra como a diferença no tipo de política da metrópole, de colonização e de imigrantes fez com que esse desenvolvimento fosse diferente nas duas Américas, e mais tardio no Brasil. No ano de 1570, a Cidade do México contava com quatro prelos e uma loja de livros; em Quito, por exemplo, havia uma imprensa desde 1760, mas a primeira imprensa oficial no Brasil foi inaugurada somente em 1808.

Apesar das diferenças apontadas, as duas Américas têm em comum a grande influência dos missionários da Companhia de Jesus. No entanto, no território português a dominação foi ainda maior que no espanhol, não somente no âmbito educacional mas também no controle da impressão. Os missionários usavam seus prelos para a produção dos catecismos e guias nas línguas indígenas locais e alguns livros para as

poucas universidades e colégios, também comandados pela Igreja. Nessa situação, “[...] o leitor leigo nas Américas continuava quase totalmente dependente dos livros importados, e do mesmo modo o autor do Novo Mundo tinha de ser editado na Europa.” (HALLEWELL, 2012, p. 57). O primeiro motivo para a preferência da importação é que os custos para impressão eram mais baixos na Europa, pois os prelos eram mais bem preparados, a matéria-prima era de melhor qualidade e havia uma mão de obra especializada disponível. Além disso, a comunicação dentro e entre as colônias era bastante precária, ainda pior que a comunicação entre América e Europa. O frete acabava tendo um custo menor para os produtos importados. Como os livros eram limitados aos mercados locais, os prelos na América Latina trabalhavam com tiragens pequenas, fazendo com que o preço de cada volume impresso fosse bastante alto: “[...] isso queria dizer que, para que um prelo se tornasse economicamente viável, era essencial o subsídio da Igreja ou do governo.” (HALLEWELL, 2012, p. 57).

Os portugueses sempre se mostraram preocupados com a ameaça de que os funcionários das colônias alcançassem uma certa independência. Por isso, assim que tinham notícia da instalação de algum prelo clandestino, ordenavam seu fechamento. As tentativas de colocar prelos em funcionamento começaram com os holandeses, entre 1630 e 1655, quando ocuparam o nordeste, e depois com Antônio Isidoro da Fonseca, em 1747, no Rio de Janeiro. Uma das publicações de Isidoro foram doze folhas *in folio* não numeradas que continham algumas epigramas em latim e um soneto em português, em homenagem ao bispo Malheiro. Mas assim que, em Lisboa, ficou-se sabendo sobre a oficina de impressão, foi ordenado ao governador do Rio que a fechasse. A ordem de 6 de julho de 1747 foi cumprida e Isidoro voltou para Portugal, levando consigo todos os equipamentos. Segundo Hallewell, o relato de um inglês que passou duas semanas no Rio de Janeiro, em 1792, atesta a situação precária do comércio de livros da época, informando que havia na cidade apenas duas livrarias, “[...] e isto em um momento em que o *Almanaque* da cidade desse ano registrava dezessete casas de pasto, dezoito tabacarias, 32 cabeleireiros e 216 tabernas.” (2012, p. 100).

José Paulo Paes na coleção de textos intitulada *Tradução: a ponte necessária* (1990) afirma que a tradução como atividade regular praticamente não existiu no período do Brasil colonial, pois não havia um público-leitor a ser atendido. Assim, as primeiras traduções importantes vão surgir somente ao final do século XVIII, feitas pelos

poetas árcades mineiros. Também nessa época, havia a circulação de algumas traduções clandestinas que eram copiadas e recopiadas a mão.

Mas esse quadro estava prestes a mudar. Em novembro de 1807, embarcaram de Portugal para o Brasil, juntamente com a família real que fugia de Napoleão, os sessenta mil volumes da Biblioteca Real. Quando se instalou no Rio de Janeiro, dom João mandou construir o prédio da Biblioteca Real, hoje Biblioteca Nacional, para abrigar os livros trazidos da Europa. De acordo com Hallewell (2012), pouco antes do ataque de Napoleão a Portugal, o Ministério das Relações Exteriores do país tinha encomendado equipamentos tipográficos da Inglaterra, e estes teriam embarcado com o próprio ministro do exterior para o Brasil:

[a]ssim, a arte de imprimir com tipos móveis, que os governantes portugueses, como parte de sua política geral de manter a colônia técnica e intelectualmente dependente, se empenharam por tanto tempo para não deixar chegar ao Brasil, por uma dessas pequenas ironias da história, acabou sendo trazida para o país pelo próprio governo. (HALLEWELL, 2012, p. 111).

Desse modo, no dia 13 de maio de 1808 foi inaugurado o prelo do Rio, ou Impressão Régia, que teve o monopólio da impressão por quatorze anos. Durante esse período, foram impressos mais de mil volumes, em sua maioria documentos do governo, cartazes, sermões e panfletos. É a sua instalação que, segundo Paes (1990), faz o Brasil se abrir para o mundo. Em 1818, foi publicada pela Impressão Régia a primeira obra de tradução de literatura latina no Brasil: *Obras*, de Virgílio, traduzida em versos portugueses por Antônio José de Lima Leitão (publicação em 3 volumes, realizada entre os anos de 1818 e 1819). Dentre as traduções dessa época, encontramos ainda as seguintes publicações: *Várias sentenças de Ovídio*, traduzidas por J. Alexandre da Silva e *Salmos*, traduzidos por Sousa Caldas a partir da *Vulgata latina*.

Como afirma Martins no segundo volume da *História da inteligência brasileira* (1978), a instalação da Impressão Régia “[...] não correspondeu a uma implantação automática da liberdade de pensamento (pode-se, mesmo, presumir facilmente que, de certa forma, ela serviria para cerceá-la).” (1978, p. 30). Isso porque qualquer um que desejasse imprimir algum manuscrito deveria apresentá-lo a uma junta diretora que o analisava e aprovava ou não para a impressão. Esse controle, segundo Hallewell (2012), levou os escritores a procurar prelos

no exterior que não exercessem censura sobre as publicações. O resultado disso

[...] foi o crescimento, em Londres, de uma considerável indústria editorial em língua portuguesa e, após 1814, de outra ainda maior em Paris, que trabalhavam para suprir um comércio ilegal grandemente estimulado pela abertura dos portos. (HALLEWELL, 2012, p. 109-110).

O comércio de livros editados em Paris em língua portuguesa foi bastante importante. Não era raro encontrar, especialmente durante as primeiras décadas do século XIX, edições de uma mesma obra publicadas sucessivamente no Brasil, em Portugal e na França. Segundo Paes (1990), até 1930, Paris continuou sendo um centro relevante de atividade gráfica para o Brasil. Com relação ao nosso tema, literatura latina traduzida ao português, encontramos nove traduções que foram publicadas na França entre 1808 e 1930, conforme mostra a Tabela 6 abaixo:

Tabela 6. Traduções de literatura latina por tradutores brasileiros e portugueses, publicadas na França entre 1808 e 1930.

Obra/Autor	Tradutor	Editora	Ano
<i>Anais/ Tácito</i>	José Liberato Freire de Carvalho	J. P. Aillaud	1830
<i>Eneida brasileira ou Epopeia de Virgílio Maro/ Virgílio</i>	Odorico Mendes	Rignoux	1854
<i>Epistolae selectae: nova edição con varias notas em portuguez/ Cícero</i>	José Ignacio Roquette, Le P.	Editora desconhecida	1858
<i>Virgílio brasileiro/ Virgílio</i>	Odorico Mendes	Typ. W. Remquet	1858
<i>As geórgicas/ Virgílio</i>	Antonio Feliciano de	Typ. de Ad. Lainé e J. Havard	1867

Castilho			
<i>Odes, Epodos e Poema secular/</i> Horácio	Francisco Antonio Picot	Librairies- imprimeries réunies	1893
<i>Confissões/</i> Agostinho	Tradutor desconhecido	H. Garnier	1905
<i>Sátiras e epístolas de Quinto Horácio Flaco/</i> Horácio	Antônio Luís Seabra	H. Garnier	[1908?]
<i>Da amizade; Da velhice e Sonho de Scipião/</i> Cícero	Duarte de Rezende e Damião de Goes	Garnier Irmãos	1911

Além das traduções arroladas na Tabela 6, foram publicadas em Paris a tradução da *Vulgata*, de tradutor desconhecido, pela B. L. Garnier, e a tradução de *Comentarii de bello Gallico*, também de tradutor desconhecido, pela Aillaud. Não conseguimos precisar as datas de lançamento dessas duas traduções. No total, 42 traduções de literatura latina foram publicadas, no Brasil, por tradutores brasileiros e portugueses, entre 1808 e 1930. Se contarmos as nove publicações da Tabela 6, mais as duas que não possuem data de publicação (mas que, pelo período de atuação das editoras, certamente foram publicadas antes de 1930), temos uma porcentagem em torno de 26% de traduções impressas na França entre 1808 e 1930, o que denota a importância de tais traduções para o sistema literário brasileiro no período. Já as traduções do início do século XX foram todas lançadas pela editora dos irmãos Garnier que, conforme veremos mais adiante, funcionava no Brasil porém, por questões econômicas, imprimia seus livros na Europa.

Após a instalação da Impressão Régia no Rio de Janeiro, vários outros prelos foram instalados em outras localidades, conforme a Tabela 7 abaixo:

Tabela 7. Instalação dos primeiros prelos oficiais no Brasil

Localidade	Ano de instalação
Rio de Janeiro	1808
Salvador	1811
Recife	1817

São Luís do Maranhão	1821
Belém do Pará	1821

Fonte: HALLEWELL, 2012.

Em 1817, a Impressão Régia passou a se chamar Real Officina Typographica, título simplificado, no início do ano de 1821, para Régia Typographia. Ainda no mesmo ano, “[...] um pouco mais tarde, os liberais, que há pouco tinham chegado ao poder, em Portugal, decretaram uma substituição geral de ‘real’ por ‘nacional’; assim, tornou-se Typographia Nacional.” (HALLEWELL, 2012, p. 122). O controle direto oficial às publicações acabou em 1822 com a extinção do monopólio da impressão por parte do governo.

Paralelamente aos trabalhos da Impressão Régia, a província da Bahia desenvolveu sua própria atividade editorial, através da figura do livreiro Manuel Antônio da Silva Serva (HALLEWELL, 2012, p. 136-137). Segundo nossa pesquisa, Serva publicou duas obras de literatura latina traduzidas. A primeira delas foi uma tradução dos *Provérbios de Salomão*, feita por José Elói Ottoni. Supõe-se que houve duas edições dessa publicação, uma em 1813 e outra em 1815. De acordo com Pablo Antonio Iglesias Magalhães, em artigo intitulado “As servinas em Portugal: a rede comercial intercontinental de livros impressos na Bahia colonial”, “[a] única indicação da edição de 1813 encontra-se no Catálogo da Biblioteca de Francisco Ramos Paz e dela não se conhece nenhum exemplar.” (2016, p. 233). Na próxima seção apresentamos algumas críticas feitas por historiadores da literatura brasileira sobre a tradução de Ottoni. A segunda tradução publicada por Serva foi da *Arte poética*, de Horácio, vertida ao português por Antonio José de Lima Leitão, e lançada em 1818. A editora encerrou suas atividades em 1846, mas, segundo Hallewell (2012, p. 142), a morte de Serva, em 1819, já havia deixado uma lacuna na atividade editorial da Bahia, que acabou sendo suplantada, pouco tempo depois, por outros estados como Maranhão, Pernambuco e Minas Gerais.

A partir da segunda metade do século XIX, São Luís do Maranhão passou por um período de intensa atividade cultural e intelectual, que durou até por volta de 1880, conforme detalharemos melhor na próxima seção. Segundo Hallewell, durante esse período a cidade “[...] não foi só o mais importante centro editorial das províncias, [...] como também o lugar em que a qualidade do trabalho dos melhores impressores ultrapassava toda e qualquer realização da corte nessa época.” (2012, p. 183). Aqui nos interessa mencionar a atividade da

editora de Belarmino de Mattos, que publicou, em 1863, a tradução de Francisco Sotero dos Reis dos *Comentários sobre a guerra gálica*, de César. O tradutor publicou ainda pela mesma editora *Postilhas grammaticae*, *Grammatica* e *Curso de litteratura portuguesa e brasileira* (1866-1868), em quatro volumes.

Para Hallewell (2012), “pelo papel desempenhado no desenvolvimento da atividade editorial no Brasil, a mais importante dessas firmas foi, inquestionavelmente, a Garnier Frères, que funcionou no Brasil de 1844 a 1934.” (p. 221). Baptiste Louis Garnier chegou ao Rio de Janeiro em 1844 e “[...] comerciou sob a denominação de ‘Garnier Irmãos’ até 1852, quando parece ter conseguido sua independência e fundou a firma ‘B. L. Garnier’.” (HALLEWELL, 2012, p. 223). Paes (1990) partilha da mesma opinião de Hallewell (2012) e ressalta a atuação da Livraria Garnier como a principal editora do Brasil, posto que ela ocupou até o início do século XX, embora suas edições de autores brasileiros fossem impressas na França. Isso porque Baptiste Louis Garnier, por questões econômicas, preferia valer-se de tipografias já estabelecidas na Europa (HALLEWELL, 2012, p. 223-224). No total, Baptiste Louis Garnier publicou 655 obras de autores brasileiros, porém publicou também muitas traduções, sendo a maioria do francês. Com sua morte, o controle da Garnier passou para Hippolyte Garnier, que dirigiu a Garnier até sua morte, em 1911. A editora encerrou suas atividades em 1934.

Em nossa pesquisa, encontramos algumas traduções de literatura latina publicadas pela Garnier (“Garnier Irmãos”, “B. L. Garnier” e por “H. Garnier”): a *Eneida*, de Virgílio, traduzida por Odorico Mendes; as *Confissões*, de Agostinho, cujo tradutor é desconhecido; os *Sermões* e *Epístolas*, de Horácio, traduzidos por Antônio Luís de Seabra; *Sobre os ofícios*, de Cícero, traduzido por Miguel Antonio Ciera; uma tradução da *Vulgata*, feita por Antônio Pereira de Figueiredo; e, ainda de Cícero, *Sobre a amizade*, traduzido por Duarte de Rezende e Damião de Goes. Nessa época, Portugal era um grande fornecedor das traduções lidas pelos brasileiros, nos exemplos citados, todos os tradutores são portugueses, com exceção de Odorico Mendes. No capítulo anterior, mostramos que quase metade das traduções de literatura latina publicadas no Brasil no século XIX eram de tradutores portugueses. Para Paes (1990), esse cenário foi mudando conforme se acentuavam as diferenças linguísticas entre o português de Portugal e o português brasileiro, ao ponto de tender “[...] hoje a afastar o leitor comum das versões portuguesas.” (PAES, 1990, p. 23). Em relação às traduções de literatura latina, constatamos que ainda quase 19% dos tradutores de

literatura latina que publicaram no Brasil em um período bastante recente, de 2000 a 2014, são portugueses. Isso quer dizer que, apesar do volume de traduções portuguesas ter diminuído, elas ainda são publicadas e aceitas pelo sistema literário brasileiro. Este fato não contradiz de todo a afirmação de Paes (1990), ao menos em relação às traduções de literatura latina, pois o público que as lê não se constitui do *leitor comum*, mas de leitores especialistas, que talvez tendam a aceitar mais facilmente traduções feitas em português europeu.

Atuando na mesma época que a Garnier encontramos a editora Laemmert, cujo fundador, Eduardo Laemmert, veio para o Brasil em 1827, como representante de um editor francês. Em 1838, juntamente com seu irmão Heinrich Laemmert, funda a “E. & H. Laemmert” (HALLEWELL, 2012, p. 256). Em 1909, a editora já havia publicado 1440 obras de autores brasileiros e cerca de 400 traduções (cf. HALLEWELL, 2012, p. 261). Dentre as traduções publicadas, destacamos a *Arte de amar de Públio Ovidio Nasão*, lançada em 1862, traduzida por Antonio Feliciano de Castilho, com comentários de José Vitorino Barreto Feio²⁶.

Outra editora importante do final do século XIX foi a Francisco Alves. Na época de sua atuação, os altos impostos de importação sobre o papel para o Brasil ainda mantinham como vantajosa a impressão dos livros na Europa. Assim, Francisco Alves se aliou a Aillaud-Bertrand, editora francesa, que passou a imprimir seus livros. Da parceria entre as duas editoras, encontramos a publicação de *Comentarii de bello Gallico*, de César, de tradutor desconhecido e a tradução dos *Anais*, de Tácito, por José Liberato Freire, já mencionadas no comentário que fizemos sobre os livros publicados na França. Pela Francisco Alves foram lançadas sem parceria as seguintes traduções *As odes e o hymno secular*, de Horácio e duas traduções das *Fábulas*, de Fedro.

As condições para que a tradução literária se tornasse uma atividade profissional, ainda que, na maior parte das vezes, secundária, só surgiram no início do século XX. Para Paes, “[a]vulta em primeiro plano, entre essas condições, o surgimento de uma indústria editorial realmente digna do nome, vinculada de perto ao considerável crescimento, quantitativo e qualitativo, do público leitor, de que a um só tempo, ela foi a causa e a consequência.” (1990, p. 25). A figura de destaque do período é Monteiro Lobato, que publicou muitos títulos, inclusive de novos autores, dominando o mercado editorial da época. Além disso, foi tradutor prolífico, tendo vertido ao português mais de

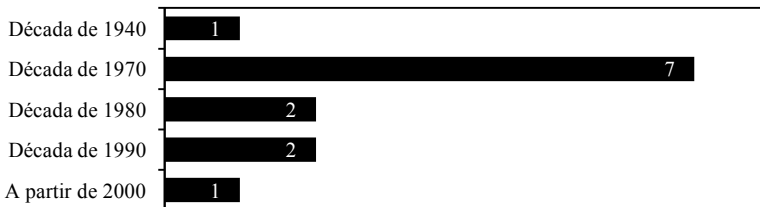
²⁶ Codinome de José Feliciano de Castilho, irmão de Antonio.

cem obras: “[d]isse bem Edgard Cavalheiro, seu fiel biógrafo, que, como tradutor, Lobato foi ‘o primeiro escritor brasileiro de nomeada a reabilitar esse gênero de trabalho intelectual até então acobertado pelo anonimato ou discretamente velado por pudicas iniciais.’” (PAES, 1990, p. 27 apud CAVALHEIRO, 1955, pp. 532-540).

Um das grandes editoras do século XX, e que existe até hoje, foi a Melhoramentos. No final do século XIX era uma fabricante de papel, mas já no início do século XX passou também a imprimir e editar livros. Em 1967, sua produção foi de 741600 exemplares e 391 títulos (cf. HALLEWELL, 2012, p. 372). Dois terços das publicações da Melhoramentos são de literatura infantojuvenil e de livros didáticos, mas há também traduções em seu catálogo. De literatura latina traduzida, publicou as *Fábulas*, de Fedro, com tradução de B. Sampaio e as *Bucólicas*, de Virgílio, traduzidas por Péricles Eugênio da Silva Ramos.

Em 1901 foi fundada a Editora Vozes, em Petrópolis, pelo convento franciscano da cidade, já mencionada como uma das três editoras que mais publicou traduções de literatura latina no Brasil, ao lado das editoras Paulinas e Paulus. No início de sua atuação, eram publicados pela Vozes somente romances e obras sobre temas religiosos mas, atualmente, seu programa editorial foi ampliado. Em relação às traduções de literatura latina, a editora publicou principalmente obras de Agostinho e Ambrósio, mas também encontramos em nossa pesquisa traduções de obras de Sêneca e Leão Magno, entre outros. As traduções latinas da Vozes podem ser distribuídas em décadas, de acordo com o Gráfico 5 abaixo:

Gráfico 5. Traduções publicadas pela editora Vozes.



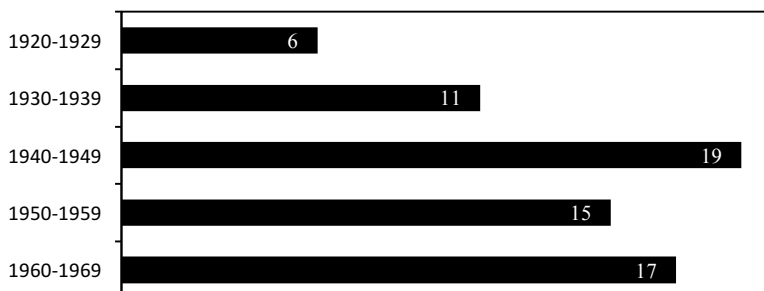
Através do Gráfico 5, podemos perceber que a atuação da Vozes se deu principalmente na década de 1970, quando foi responsável pela publicação de sete traduções de literatura latina, dentre um total de 18 publicadas durante essa década no Brasil.

Outra editora que iniciou suas atividades no início do século XX foi a Saraiva e Cia., fundada em 1906 (HALLEWELL, 2012, p. 370). Assim como a Melhoramentos, também foca boa parte de sua produção na publicação de livros didáticos. A Saraiva publicou três traduções de literatura latina, entre os anos de 1950 e 1960: *Catilinárias* e *Dos deveres*, obras de Cícero, e uma tradução do livro XV d'*As metamorfoses*, de Ovídio.

Alguns anos mais tarde, em 1927, é fundada a Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, dirigida por Nelson Travassos. A Revista dos Tribunais era um periódico jurídico, cuja circulação era ainda pequena mas, com a fundação da gráfica e uma grande campanha publicitária, os exemplares passaram a ser impressos pela mesma empresa e a circulação da revista cresceu. A gráfica passou a publicar também um grande volume de livros nas décadas de 1930 e 1940, lançando traduções do *Digesto* e das *Institutas*.

Ainda nos anos de 1920, surge uma importante editora fora do eixo Rio de Janeiro-São Paulo: a Livraria Globo, de Porto Alegre, que se tornaria nacionalmente conhecida por suas publicações de traduções. A maior parte das traduções editadas eram de literatura anglo-americana, mas também foram lançadas traduções do alemão, espanhol, italiano, francês, russo e, ainda, do latim. Segundo Hallewell (2012), “o desempenho da Globo nas traduções, junto com o de outras editoras, em particular a José Olympio, levou Paulo Rónai a designar os anos de 1940 ‘a idade de ouro da tradução no Brasil’.” (p. 445). Como se teria comportado a literatura latina nesse período é uma pergunta que surge naturalmente a partir da consideração desse contexto. O Gráfico 6 abaixo mostra o número de traduções de literatura latina publicadas entre os anos de 1920 e a década de 1960:

Gráfico 6. Número de traduções de literatura latina publicadas entre 1920 e 1969.



Como o Gráfico 6 nos mostra, a década de 1940 também foi importante para as traduções de literatura latina em relação à quantidade de publicações. O número de traduções publicadas neste período só será superado na década de 1980, durante a qual encontramos 24 traduções de literatura latina.

Ainda sobre a editora Globo, esta publicou traduções de Sêneca, Virgílio, Lucrecio, Plauto e Terêncio. Algumas dessas obras, conforme veremos no capítulo quatro desta tese, foram lançadas na coleção “Biblioteca dos séculos”, que foi à época uma das coleções mais vendidas do país, da qual faziam parte obras de Platão, Shakespeare, Dickens, Nietzsche, Poe, entre outros. A partir de 1980, a Globo passou por uma reestruturação, sendo adquirida, em 1986, pela Rio Gráfica, editora da organização midiática Rede Globo (HALLEWELL, 2012, p. 454).

Editoras como a Globo contribuíram muito para a divulgação da literatura estrangeira entre os leitores brasileiros. A partir dos anos 30 há um avanço na produção editorial, um maior número de traduções de diferentes idiomas passou a estar disponível, fazendo com que a influência preponderante do francês se abrandasse, “[...] passando as traduções a influir inclusive sobre os nossos criadores literários.” (PAES, 1990, p. 10). Em relação ao público leitor comum, a literatura traduzida, segundo Paes (1990), teve um papel de educadora, apresentando aos leitores brasileiros os grandes autores de outras literaturas.

Em 1949, foi fundada a Organização Simões, editora dedicada “[...] à bibliografia – especialidade de seu proprietário, Antônio Simões dos Reis –, à filologia (com a Coleção Rex) e à literatura brasileira [...]” (HALLEWELL, 2012, p. 578). Publicou obras de Cícero, Horácio e três obras de Ovídio: *A arte de amar*, *As metamorfoses* (na importante tradução de Antonio Feliciano de Castilho) e *Tristium*. Também fundada nos anos 40, a Zahar Editores, de Jorge Zahar, publicou duas traduções de Agostinho.

No mercado dos livros de bolso é destaque a Tecnoprint que, em meados dos anos de 1950, começou a investir fortemente nesse tipo de publicação. Encontramos em nossa pesquisa alguns autores latinos publicados por essa editora, entre eles Horácio, Juvenal e Agostinho. Por essa época é fundada a Cultrix, cujo foco era “[...] editar textos literários, particularmente clássicos brasileiros e obras de história do Brasil, história e teoria literárias, linguística, comunicação e cibernética [...]” (HALLEWELL, 2012, p. 371). A Cultrix publicou traduções de

Apuleio, Cícero, Ovídio, Plauto e Horácio, além de ter reeditado traduções de outros autores lançadas por outras editoras.

A Editora Abril, também nascida nos anos de 1950, teve um grande sucesso editorial, especialmente com a coleção *Grandes sucessos* e com o Círculo do Livro. Este último era um clube do livro, constituído em 1973, cuja distribuição era feita da seguinte forma: o consumidor recebia gratuitamente uma revista quinzenal, via correio e, para continuar filiado ao clube, o leitor deveria encomendar ao menos um título até o recebimento da próxima revista. Dois anos depois, a estratégia mudou e a editora passou a trabalhar com distribuição por vendedores domiciliares. O Clube foi um sucesso, “[a]s vendas alcançaram, em 1982, cinco milhões de exemplares, totalizando dezessete milhões na primeira década de existência do Clube.” (HALLEWELL, 2012, p. 753). O Clube do Livro publicou obras de autores latinos como Virgílio e Petrônio.

Nos anos de 1960 começam a aparecer coedições entre editoras comerciais e instituições educacionais:

o primeiro esquema desse tipo foi estabelecido por Mário Guimarães Ferri, em 1963, quando se tornou presidente da Edusp (Editora da Universidade de São Paulo). Qualquer autor ou editor que precisasse de apoio na comercialização de um livro sobre qualquer assunto especializado de possível interesse para a Universidade era estimulado a submetê-lo à Comissão Editorial da Edusp, composta de cinco membros, todos proeminentes acadêmicos; a Comissão também se valia, quando necessário, dos pareceres de outros especialistas, até mesmo de fora da Universidade.” (HALLEWELL, 2012, p. 619).

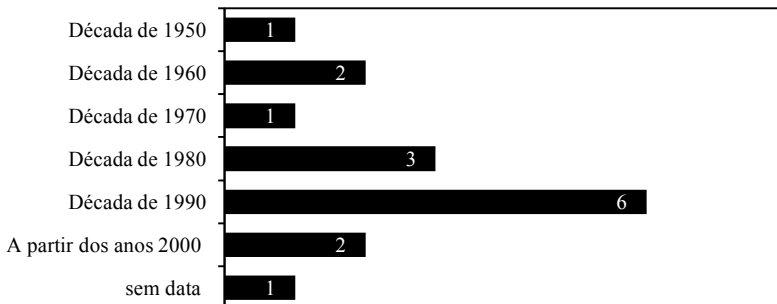
Segundo Hallewell (2012), o esquema foi imitado por outras universidades. Em nossa pesquisa encontramos, por exemplo, uma parceria entre a editora da UnB e a Melhoramentos na publicação da tradução das *Bucólicas*, de Virgílio, por Péricles Eugênio da Silva Ramos, em 1982. Outras editoras universitárias apareceram em nossa pesquisa, como a editora da UNICAMP e a Edusp. Entre os anos de 1990 e 2014, 54 editoras publicaram traduções de literatura latina no Brasil. Dentre elas, 11 foram editoras universitárias que, juntas, foram responsáveis pela publicação de 14% das traduções nesse período.

Nos anos de 1970 foi criada a editora L&PM Editores, em Porto Alegre. Nos seus primeiros oito anos de atuação, a editora publicou 250 títulos e vendeu cerca de 4 milhões de exemplares (HALLEWELL, 2012, p. 678). Dentre esses títulos, encontramos sete traduções de autores latinos, a maioria delas de Sêneca e Cícero. Ainda na década de 1970 foi criada a Hucitec (Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia), que publicou textos de Catulo, Sêneca e Vitrúvio.

Entre os anos de 1950 e 1979, foram publicadas 50 traduções de literatura latina no Brasil, por 27 editoras diferentes. Mais da metade dessas traduções foi lançada por somente seis editoras: Vozes, que publicou sete traduções, Cultrix, que publicou cinco, H. Antunes e Paulinas, cada uma lançou quatro traduções, e Organização Simões e Saraiva, três traduções cada. A Editora Vozes, conforme mencionamos, teve uma forte atuação nos anos de 1970. Nessas três décadas analisadas, foi a editora que mais publicou traduções de literatura latina no Brasil.

A partir dos anos de 1980, um grande volume de traduções de literatura latina foi publicado pelas editoras Paulus e Paulinas. A empresa Edições Paulinas foi inicialmente fundada na Itália e trazida para o Brasil em 1931, “[...] como primeiro passo para a expansão da congregação paulina pelo mundo” (HALLEWELL, 2012, p. 781). Em 1994, a empresa dividiu-se em duas editoras: Paulinas e Paulus. No Gráfico 7 abaixo, mostramos o número de traduções da Paulinas por décadas:

Gráfico 7. Traduções publicadas pela editora Paulinas.



Conforme o Gráfico 7 nos mostra, a editora Paulinas operou mais fortemente na década de 1990, quando publicou seis traduções de literatura latina. A Paulus, também na década de 1990, publicou o

mesmo número de traduções. A partir dos anos 2000, a Paulus superou a Paulinas, com seis traduções publicadas, contra duas da Paulinas.

No início dos anos de 1990, destacamos a atuação da Nova Alexandria, cujo escopo editorial são “[...] clássicos raros da literatura, culinária, poesia bilíngue, história da arte e obras infantojuvenis [...]” (HALLEWELL, 2012, p. 817). O primeiro *best-seller* da editora foi uma tradução de Sêneca, *Sobre a brevidade da vida*, publicado em 1993, com tradução de William Li²⁷. Publicou ainda outras obras de Sêneca, mas também de Cícero e Ovídio, todas em edições bilíngues.

Mais recentemente, destacamos a atuação das editoras Ateliê Editorial, Autêntica e Crisálida. A Ateliê Editorial foi fundada em 1995 “com o objetivo de discutir a importância do livro como objeto que, para além de bonito, seja um projeto estético que possa servir da melhor maneira às palavras do autor”²⁸. A editora publicou as traduções de Odorico Mendes, anotadas pelo grupo do “Projeto ‘Odorico Mendes’”, que será comentado na próxima seção. Já a Autêntica foi criada dois anos depois, em 1997, e já conta com mais de 700 publicações em seu catálogo²⁹. Há pouco tempo a editora criou a coleção *Clássica*, que, segundo seu site, tem como objetivo “publicar textos de literatura – em prosa e verso – e ensaios que, pela qualidade da escrita, aliada à importância do conteúdo, tornaram-se referência para determinado tema ou época.” A coleção já conta com oito publicações, entre elas destacamos a tradução das *Elegias*, de Propércio, do *Diálogo dos oradores*, de Tácito, e uma coletânea de textos de autores latinos sobre o mito de Medeia. Finalmente, a Crisálida, que surgiu no mercado em 1999, tem como foco a publicação de textos das ciências humanas, estudos culturais e literatura. Também publica traduções bilíngues de textos clássicos esgotados no Brasil. Dos autores latinos, já publicou traduções de Petrónio, Quintiliano, Tito Lívio e Virgílio.

Ao longo deste subcapítulo, procuramos demonstrar como a atuação do mercado editorial se relaciona com nossos dados a respeito das traduções de literatura latina. Na próxima seção apresentamos uma descrição do contexto literário em que surgiram essas traduções, através

²⁷ No catálogo 2015/2016, disponibilizado no site da editora, encontra-se essa tradução de William Li, que deverá ser relançada. Essa informação atesta o sucesso da publicação. Disponível em <<http://www.lojanovaalexandria.com.br/>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

²⁸ Disponível em <<https://www.atelie.com.br/>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

²⁹ Disponível em <<http://grupoautentica.com.br/sobre#autentica>>. Acesso em: 16 jan. 2017.

da leitura de historiografias da literatura brasileira e de obras que contribuíram com informações históricas acerca dos períodos estudados, fazendo algumas conexões com os dados encontrados em nossa pesquisa.

3.2 A LITERATURA LATINA E SUA TRADUÇÃO NAS HISTORIOGRAFIAS LITERÁRIAS BRASILEIRAS

Para oferecer um panorama do sistema literário em que foram publicadas as traduções de literatura latina no Brasil recorreremos à historiografia literária brasileira e a artigos que ampliaram ou trouxeram informações sobre o assunto. Interessa-nos saber como a tradução em geral é apresentada pelos autores das historiografias e, mais especificamente, o que dizem e o que não dizem sobre a influência da literatura latina e sua tradução na literatura brasileira. Através do estudo dessas obras, esperamos ter mais elementos para tentar compreender o papel da literatura latina traduzida no sistema literário brasileiro.

Even-Zohar (1990, p. 45), cujas ideias discutimos no capítulo anterior, afirma que, no geral, as histórias da literatura só mencionam a tradução quando é impossível evitá-lo. Como consequência desse apagamento, raramente conseguimos ter uma ideia da função da literatura traduzida em um sistema literário, bem como seu papel ou sua posição dentro dele ou, ainda, de que forma essas obras traduzidas se relacionam entre si. Costa, Guerini e Torres (2008) concordam com a afirmação de Even-Zohar (1990) e declaram que

[n]o Brasil, as histórias literárias costumam desconsiderar a literatura traduzida, salvo na explicação de certos movimentos, como a poesia concreta, justamente porque essa corrente colocou a tradução no centro de sua poética, de modo que é praticamente impossível falar de concretismo sem se referir à prática tradutória de seus integrantes. (p. 09).

Para confirmar ou não a hipótese de que a historiografia literária nacional pouco tem a dizer sobre tradução, analisamos algumas das principais obras brasileiras do gênero. Escolhemos obras publicadas entre o final do século XIX e o final dos anos 80, conforme a Tabela 8 abaixo:

Tabela 8. Historiografias literárias brasileiras consultadas nesta tese.

Obra/autor	Primeira edição	Edição usada nesta tese
<i>Naturalistas, parnasianos e decadistas: vida literária do Realismo ao Pré-modernismo</i> , de Brito Broca	Entre 1940 e 1960	1991
<i>A vida literária no Brasil – 1900</i> , de Brito Broca	1957	2005
<i>A educação pela noite & outros ensaios</i> , de Antonio Candido	1987	1989
<i>Formação da literatura brasileira: momentos decisivos</i> , de Antonio Candido	1956-1957	2000
<i>História da literatura brasileira</i> (5 volumes), de Sílvio Romero	1888	1949a (vol. 1) 1980a (vol. 2) 1980b (vol. 3) 1980c (vol. 4) 1949b (vol. 5)
<i>História da literatura brasileira: seus fundamentos econômicos</i> , de Nelson Werneck Sodré	1938	1964
<i>História da literatura brasileira</i> , de Luciana Stegagno-Picchio	1972 (Itália)	2004
<i>História da literatura brasileira</i> , de José Veríssimo	1906	1969

Começamos pelos cinco volumes da *História da literatura brasileira* (1949a, 1980a, 1980b, 1980c e 1949a) de Sílvio Romero, cuja primeira edição é de 1888. Da primeira metade do século XX, selecionamos a *História da literatura brasileira* (1969) de José Veríssimo, publicada pela primeira vez em 1906, e a *História da literatura brasileira: seus fundamentos econômicos* (1964) de Nelson Werneck Sodré, de 1938. *Naturalistas, parnasianos e decadistas: vida literária do Realismo ao Pré-modernismo* (1991), de Brito Broca, reúne textos do autor publicados entre as décadas de 1940 e 1960. Do mesmo autor, também analisamos *A vida literária no Brasil – 1900* (2005), publicada em 1957. Contemporânea a esta obra é a *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos* (2000) de Antonio Candido, cuja edição do primeiro volume é de 1956. Em 1972, foi publicada, na Itália, a *História da literatura brasileira* (2004) de Luciana Stegagno-

Picchio, que apresenta o olhar de uma pesquisadora estrangeira sobre a literatura brasileira. A primeira edição brasileira do livro de Stegagno-Picchio é de 1997. Por fim, também consultamos os textos reunidos em *A educação pela noite & outros ensaios* de Antonio Candido (1989), cuja primeira edição é de 1987. Além dessas obras, nosso panorama também foi construído com a já citada *Tradução: a ponte necessária* (1990), de José Paulo Paes.

A literatura latina foi trazida ao Brasil em 1549 pelos membros da Companhia de Jesus. No mesmo ano é fundado o primeiro colégio na Bahia, onde, em 1553, é inaugurado um curso de Letras no qual “[...] eram estudados todos os clássicos, desde Ovídio a Horácio, e desde Demóstenes a Homero” (SODRÉ, 1964, p. 78). Mais tarde, as escolas construídas pelos membros da Companhia se estenderam para outros estados – Pernambuco, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Vicente – onde os autores clássicos eram lidos, estudados e traduzidos. O latim era a língua predominante, “[...] peça principal e caminho de acesso” (SODRÉ, 1964, p. 77) para o conhecimento. Os estabelecimentos dos jesuítas foram importantíssimos para o início da atividade intelectual no Brasil, conforme atesta Veríssimo (1969):

[a]s escolas de ler, escrever e contar, gramática latina, casos de consciência, doutrina cristã e mais tarde retórica e filosofia escolástica, logo abertas por esses padres nos seus ‘colégios’, imediatamente à sua chegada fundados, foram a fonte donde promanou, no primeiro século, toda a cultura brasileira e com ela os primeiros alentos da literatura. (p. 19).

Os jesuítas só foram expulsos do Brasil em 1759 pelo Marquês de Pombal. Durante o período de domínio jesuítico, a literatura latina, como não poderia deixar de ser, influenciou a produção literária brasileira, especialmente a poesia, como nos mostra Romero (1980a): “[...] o cultismo do século XVII produzia por toda a parte uma poesia afetada e falsa, imitação bastarda da greco-romana, determinando uma literatura inteira de adulações aos reis e aos padres [...]” (p. 380). O apego aos padrões clássicos também era uma forma dos autores brasileiros sentirem-se de alguma forma participantes da literatura praticada na Europa:

[...] a convenção greco-latina era fator de universalidade, uma espécie de idioma comum a

toda a civilização do Ocidente; por conseguinte, na medida em que a utilizaram, os escritores do Brasil integraram nesta civilização as manifestações espirituais da sua terra [...]. (CANDIDO, 1989, p. 177).

No século XVIII, as ideias do renascimento e a imitação da Antiguidade ainda predominavam na literatura brasileira, ainda que essa imitação fosse de segunda mão: os escritores no Brasil imitavam a literatura europeia e esta, por sua vez, voltava-se para os ideais clássicos. Como afirma Romero, “quem censura pois nossos poetas do século XVIII por usarem ficções de poesia clássica, mostra não ter senso. O mesmo se dava em toda a Europa e em toda a América” (1980a, p. 442). A presença da literatura clássica no século XVIII fica evidente quando olhamos para o movimento dos poetas árcades. Todos os autores das historiografias que consultamos comentam sobre sua influência nesse período.

Na segunda metade do século XVIII, Minas Gerais era a capitania com o maior número de pessoas com estudos superiores, feitos nos seminários (cf. VERÍSSIMO, 1969, p. 85). O latim era bastante estudado e não era difícil encontrar intelectuais que dominassem o idioma. Os poetas árcades mineiros “[...] tinham a mais completa cultura literária do tempo” e “quase todos, além do latim, sabiam o grego, e de ambas as línguas versavam os poetas no original.” (VERÍSSIMO, 1969, p. 109). Eles faziam uso de imagens, mitos e lendas da poesia clássica. Candido (2000), por exemplo, cita a figura de Polifemo como recorrente em alguns poemas dos árcades (cf. p. 88) e a presença d’*As metamorfoses* de Ovídio:

[a] partir dos meados do século XVIII essa tendência se manifesta também no gênero ovidiano da ‘metamorfose’, como em vários lugares da obra lírica de Cláudio Manuel da Costa, onde vemos a natureza de Minas animar-se pela transformação lendária de ciclopes em montanhas, de ninfas em rios portadores de ouro. (1989, p. 170).

A adoção dos padrões clássicos era uma forma de os poetas apresentarem a realidade que os cercava através de um modelo compreensível aos intelectuais da época. Assim, através de sua poesia os árcades explicitavam “[...] o contraste entre a civilização da Europa, que

os fascinava e na qual se haviam formado intelectualmente, e a rusticidade da terra onde viviam, que amavam e desejavam exprimir.” (CANDIDO, 1989, p. 178).

Sabemos que a tradução teve um papel importante para os poetas árcades, não somente a tradução literária, mas principalmente a tradução de obras de filosofia e política que continham as ideias revolucionárias que seriam adotadas pelos inconfidentes mineiros³⁰. Um dos tradutores da época foi José Elói Ottoni³¹ (1764 – 1851), poeta mineiro que viveu na transição entre o Arcadismo e o Romantismo. Sua atividade de tradução do latim é evidenciada pela maioria dos autores das historiografias que consultamos e, ao mesmo tempo, é um dos poucos tradutores de literatura latina citados ao longo dessas obras. Suas traduções mais citadas são *Os provérbios de Salomão* (já citada na seção anterior) e o *Livro de Jó*, feitas a partir da *Vulgata*. Segundo Romero (1980a, p. 525), os *Provérbios* foram publicados em 1815, na Bahia, e em 1841, no Rio de Janeiro, enquanto que o *Livro de Jó* foi publicado em 1852, também no Rio. Sodré (1964, p. 131) menciona uma tradução d’*As geórgicas*, que teria sido feita por Ottoni quando ele se encontrava na Itália. Não encontramos nenhuma das traduções de Ottoni em nossa pesquisa nos bancos de dados. Stegagno-Picchio (2004, p. 163) e Veríssimo (1969, p. 115), diferentemente dos outros dois autores já mencionados, consideram a tradução d’*Os provérbios* uma paráfrase. As traduções de Ottoni dividem opiniões, enquanto Veríssimo afirma que “não há achar-lhes o sabor que do original parecem guardar algumas traduções diretamente feitas em prosa ou verso” (1969, p. 115), Romero considera que

[a]s traduções revelam talento e habilidade lírica; da velha poesia bíblica são as melhores que possuímos. Especialmente a do livro de Jó é um trabalho de grande merecimento, como poesia [...]. O poeta serviu-se do latim da *Vulgata*,

³⁰ Uma das fontes de conhecimento sobre as atividades e a biblioteca dos inconfidentes é a obra *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira*, publicada em 1980. Nela encontra-se a descrição dos livros encontrados nas bibliotecas dos acusados, boa parte desses livros eram traduções, algumas feitas pelos próprios intelectuais. (cf. HIRSCH, 2008).

³¹ Dentre as historiografias consultadas, encontramos duas grafias para o sobrenome de José Elói: “Ottoni” e “Otôni”. Adotamos a forma “Ottoni” por ser a mais recorrente; a grafia “Otôni” foi encontrada somente no texto de Veríssimo (1969).

traduziu bem e com grandes belezas de forma. (1980a, p. 525).

No capítulo anterior, mostramos como o sistema literário brasileiro parece ter exercido influência na seleção das traduções de obras latinas publicadas no final do período do Arcadismo. Entre 1808 e os primeiros anos de 1830, foram publicadas sete traduções, dentre as quais encontramos cinco obras: duas de Horácio, duas de Virgílio e uma de Ovídio. Sabendo que os poetas árcades tinham como modelo os poetas líricos latinos e usavam imagens da poesia clássica em suas obras próprias, isso pode ter contribuído para a seleção das obras latinas traduzidas no período. Para Even-Zohar (1990), os polissistemas culturais estão em relação e se influenciam, parece-nos ser este o caso no período do Arcadismo brasileiro com relação ao sistema de literatura latina traduzida.

Já na passagem do Arcadismo para o Romantismo, encontramos o tradutor e poeta Domingos Borges de Barros. Traduziu Safo e Virgílio e escreveu sua obra poética entre 1801 e 1825, sendo considerado por Candido (2000, p. 268) um autor pré-romântico, pelas características que apresentam seus poemas.

Ainda nas primeiras décadas do século XIX, algumas historiografias destacam a atuação de José Bonifácio³², cujo pseudônimo era Américo Elísio. Como tradutor, ele verteu para o português, entre outros, Hesíodo, Meleagro, Anacreonte, Píndaro e Virgílio, propondo o uso de “epítetos compostos” para a tradução do grego e do latim (PAES, 1990, p. 14). Nas palavras do próprio Bonifácio:

[nós] já temos muitos vocábulos compostos tirados do latim, e porque não faremos, e adotaremos muitos outros, tanto ou mais necessários em poesia, como por exemplo: *auricómada*, *rocicómada*, *boquirubra*, *braccirósea*, *olhinegra*, *olhiamorosa*, *argentipede*, *tranciloira*, *docirisonha*, *docifalante*, etc., etc.? Ousem mais os futuros engenhos brasileiros, agora que se abre nova época no vasto e nascente Império do Brasil à língua portuguesa, dar este

³² As versões de trechos da *Teogonia* de Hesíodo, de uma ode de Píndaro e da primeira *Bucólica* de Virgílio foram publicadas por José Bonifácio em 1825, sob o título de *Poesias avulsas de Américo Elísio*, conforme o Apêndice A desta tese.

nobre exemplo; e fico, que apesar de franzirem o beijo puristas acanhados, chegará o português, já belo e rico agora, a rivalizar em ardimento e concisão com a língua latina, de que traz a origem. (BONIFÁCIO, 1946, p. 72 apud OLIVEIRA, 2011, p. 13).

Para Candido (2000), as traduções de Bonifácio possuíam uma “[...] preocupação *arqueológica*” (p. 185), mas os neologismos em que se combinam substantivos e adjetivos são de mau gosto (p. 191). Romero (1980a) somente menciona o poeta e suas traduções, porém não faz nenhuma crítica sobre elas. Como veremos mais adiante, esses procedimentos tradutórios de Bonifácio foram adotados e ampliados por Odorico Mendes em suas traduções de Virgílio e Homero.

1836 é a data oficial da chegada do Romantismo ao Brasil com a publicação de *Suspiros poéticos e saudades*, de Gonçalves de Magalhães. No geral, durante o período romântico “o que se atacou principalmente foi a moda greco-romana, identificando-se o Neoclassicismo, além disso, com literatura *colonial*, a ser rejeitada por escritores de uma pátria livre.” (CANDIDO, 2000, p. 183). Tais ataques, no entanto, não conseguiram sufocar a influência da literatura clássica, ao menos num primeiro momento, pois as imagens e mitos da Antiguidade continuavam a aparecer na poesia dos autores do período, “[...] mostrando as fundas raízes que tinham no espírito desses homens, incapazes de se exprimirem sem o seu intermédio” (CANDIDO, 2000, p. 207). Sodré também observa a presença da literatura clássica nos primeiros românticos: “[...] autores numerosos traduziram em suas obras influências clássicas, ou obediência a padrões clássicos, ao mesmo tempo que se afirmavam como românticos.” (1964, p. 193). Outro traço de sobrevivência dos clássicos no Romantismo foi o uso de gêneros literários clássicos, como o poema épico, observado por Romero (1980b) na obra de poetas como Gonçalves de Magalhães (*Confederação dos Tamoios*, publicado em 1856) e Teixeira e Sousa (*A Independência do Brasil*, escrito entre 1847 e 1855).

Segundo Paes (1990), os poetas românticos brasileiros não só traduziam os poetas estrangeiros como tomavam emprestados versos e expressões desses autores para escrever suas próprias obras. Nesse período também encontramos traduções de algumas obras clássicas, dentre as quais Paes (1990) cita a tradução da *Eneida* de João Gualberto F.S. dos Reis, publicada na Bahia, em 1846.

É desse período o tradutor de literatura latina mais comentado pelas historiografias analisadas: Manuel Odorico Mendes, natural de São Luís³³. Adepto das propostas de José Bonifácio, citado anteriormente, o maranhense traduziu a *Eneida* (1854), as *Geórgicas* (1858) e as *Bucólicas* (1858), de Virgílio. Também traduziu toda a obra de Homero. Essas traduções continuam tendo importância para o sistema literário brasileiro. Os dados sobre as edições de sua tradução da *Eneida* nos mostram que ela é editada até os dias de hoje. A primeira edição, publicada pela editora francesa Rignoux, saiu em 1854. Depois, a H. Garnier reeditou a tradução, mas não conseguimos precisar a data deste lançamento. A W. M. Jackson Inc. editores publicou, por volta de 1948, uma edição com a tradução d'*As geórgicas*, de Antonio Feliciano de Castilho, e a tradução da *Eneida* do maranhense. Em 1958, encontramos a terceira edição da tradução que foi lançada pela Atena. A reedição seguinte, de acordo com nossos dados, acontecerá somente em 2005, pela Ateliê editorial. Por fim, encontramos uma edição bilíngue da tradução da *Eneida* publicada em 2008, pela Editora da UNICAMP. Esses dados nos mostram que esta tradução ficou quase 50 anos sem ser reeditada e que há um interesse recente por ela. Em relação às duas outras traduções de Virgílio, encontramos menos reedições. Das *Bucólicas*, publicada originalmente em 1858, localizamos uma reedição de 1995, pela EDUFMA, uma de 2005 pela Crisálida e Tessitura, e outra de 2008, pela Ateliê editorial. A tradução das *Geórgicas*, publicada juntamente com as *Bucólicas*, em 1858, também foi relançada em 1995, pela EDUFMA.

Paes destaca a influência das traduções de Odorico Mendes nos escritores e tradutores brasileiros:

[n]essa titânica empresa, buscou ele amiúde, particularmente nas traduções do grego, equivalentes em português para os longos epítetos homéricos [...]. As opiniões se dividem quanto ao

³³ Durante um período do século XIX, São Luís ficou conhecida como a “Atenas brasileira” (cf. Broca, 2005, p. 99). Explica-o Veríssimo (1969): “Neste ambiente, por qualquer motivo que nos escapa, literário, apareceu a bela progênie de jornalistas, poetas, historiadores, críticos, eruditos, sabedores que desde o momento da Independência até os anos de 1860, isto é, durante cerca de quarenta, ilustraram o Maranhão e lhe mereceram a alcunha gloriosa de Atenas brasileira.” (p. 173). Veríssimo (1969) também ressalta que, desde 1847, o Maranhão possuía uma imprensa que “[...] podia invejar a Corte [...]” (p. 173), tal a sua qualidade e eficiência.

mérito das versões de Odorico Mendes. [...] Tais excentricidades, que tornam tão penosa a leitura das versões de Odorico, antecipam porém as inovações verbais de seu contemporâneo e coestadano Sousândrade, cuja menosprezada obra poética está sendo hoje revalorizada, e, mais modernamente, de Guimarães Rosa, convindo ainda lembrar terem elas aberto o caminho vernáculo para muitas das soluções adotadas por Antônio Houaiss na sua tradução do *Ulysses*, de Joyce. (1990, p.15).

A partir dessa afirmação de Paes (1990), vemos como as traduções de Odorico Mendes inovaram o sistema literário brasileiro. Conforme vimos no capítulo anterior, segundo Even-Zohar (1990), em períodos em que a literatura nacional se encontra em formação ou em um período de transição, a tradução acaba por ter um papel inovador. No momento em que Odorico Mendes publicou suas traduções, a literatura brasileira se encontrava em um período de transição. Por um lado, havia escritores que valorizavam os modelos literários europeus e, por outro, havia aqueles que pensavam que a literatura brasileira deveria primar pelos temas nacionais. O fato de não existir um modelo literário estabelecido a ser seguido, permitiu que o maranhense usasse em suas traduções procedimentos que seriam encontrados depois em escritores brasileiros, como os citados por Paes (1990), Sousândrade e Guimarães Rosa.

Como bem coloca Paes (1990), as avaliações sobre as traduções de Odorico Mendes não são unânimes. Romero (1980b), cuja historiografia foi publicada pouco mais de 30 anos depois da primeira edição da tradução da *Eneida*, foi um crítico ferrenho das traduções do maranhense. Para este autor, em Odorico Mendes o patriota superou o literato: considera-o um “[...] liberal sincero e ativo em política [...]” (ROMERO, 1980b, p. 720) e um “[...] homem, aliás, talentoso e ilustrado” (ROMERO, 1980b, p. 726), ao mesmo tempo que qualifica suas traduções como “injustificáveis”. O tom da tradução da *Eneida* é, para Romero (1980b), “pedantesco e maçudo” (p. 725) e considera que a fama dada a Odorico Mendes pelas traduções de Virgílio e Homero é um “grande abuso” (p. 720). Segundo Romero (1980b), quanto às traduções dos dois poetas antigos

[...] a maior severidade seria pouca ainda para condená-las. Ali tudo é falso, contrafeito,

extravagante, impossível. São verdadeiras monstruosidades. Nas traduções dos monumentos das letras clássicas existem três grandes questões a considerar: há o lado científico propriamente dito, isto é, os problemas de filologia, mitografia, etc., que se prendem à cultura greco-romana; há a face linguística, o maior ou menor conhecimento das línguas e da respectiva literatura; há, finalmente, o prisma artístico, o talento, a capacidade poética do tradutor. O primeiro aspecto do problema foi pouco da alçada de Odorico; o segundo ele o conheceu; o terceiro faltou-lhe completamente. (p. 723).

A maior crítica de Romero (1980b) é em relação ao texto em português produzido por Odorico Mendes. O autor considera que as traduções são “ásperas, prosaicas, obscuras [...]” (p. 723) e que o tradutor “[...] torturou frases, inventou termos, fez transposições bárbaras e períodos obscuros, jungiu arcaísmos a neologismos, latinizou e grecificou palavras e proposições [...]” enfim, “evaporou toda a poesia de Virgílio e Homero.” (p. 724). Por fim, Romero (1980b) conclui que o modo de traduzir de Odorico Mendes deve servir de exemplo a ser evitado.

Alguns anos mais tarde, Veríssimo (1969) também publica em sua historiografia críticas às traduções de Odorico Mendes, porém favoráveis. Para este autor, o maranhense foi “[...] o mais acabado humanista que já tivemos” e “[...] um tradutor insigne, se não pela eloquência e fluência, pela fidelidade e concisão verdadeiramente assombrosa [...]” (VERÍSSIMO, 1969, p. 173). Veríssimo (1969) vai ainda mais longe e afirma que, não poucas vezes, as traduções de Odorico Mendes rivalizaram com Virgílio e Homero em beleza e força de expressão. Apesar dos elogios, Veríssimo (1969) concorda que as traduções são de difícil leitura.

Já a análise de Sodré (1964) sobre as traduções do maranhense, como a de Romero, também não é positiva. Para este autor, Odorico Mendes

[...] traduz a face erudita e distante da expressão literária, o contato com os valores universais e eternos, que buscou transpor para o nosso idioma em versos discutidos, a que faltam, sem dúvida alguma, as belezas originais.” (p. 313).

Sodré (1964) considera ainda que a erudição de Odorico Mendes afastou suas traduções de um público mais numeroso.

Candido (2000) é mais um dos autores que desaprovam essas traduções. Sua crítica a elas se encontra em *Formação da literatura brasileira*, em uma seção intitulada “Mau gosto”, em que inclui também as traduções de José Bonifácio, comentado mais acima. Candido (2000) reconhece nos poetas objetos de sua crítica inteligência e cultura, porém, reconhece também “chateza” e um mau gosto “[...] que pulula no conceito, na imagem, nas palavras, como verdadeiro desvio de sensibilidade” (CANDIDO, 2000, p. 190). Esse mau gosto nas traduções é expresso, segundo Candido (2000), pelos “[...] neologismos em que se fundem substantivo e adjetivo, sujeito e complementos” (p. 191). Esses procedimentos terão reflexo na poesia desses autores, na qual se encontra “[...] um preciosismo do pior gosto, enfático, vazio, em que o termo raro, a imagem descabida, a construção arrevezada até à obscuridade são apoios duma inspiração pobre, em fase de decadência” (CANDIDO, 2000, p. 191).

Nessa época, sob o reinado de D. Pedro II, a literatura clássica ganha evidência, pois o imperador era um valorizador dos saberes clássicos. De acordo com Vieira (2010a), em artigo intitulado “Um tradutor de latim sob D. Pedro II: perspectivas para a história da tradução da literatura greco-romana em português”, “há testemunhos de saraus literários havidos nas dependências do Colégio D. Pedro II com a presença do monarca, nos quais se reuniam alguns dos mais destacados literatos, por vezes, para declamar traduções e estudos de literatura clássica [...]” (p. 73-74). Entre esses literatos encontravam-se José Feliciano de Castilho e Antonio Feliciano de Castilho, tradutores de Ovídio e Virgílio e contemporâneos de Odorico Mendes. Antonio Feliciano foi o tradutor de literatura latina mais profícuo do século XIX, tendo três traduções suas publicadas entre os anos de 1858 e 1867. A boa relação dos irmãos com o imperador permitiu que eles publicassem as traduções de *Amores* (1858) e da *Arte de amar* (1862), de Ovídio, pois D. Pedro II financiou as edições. Antonio foi o tradutor e José, o comentar. Independentemente da benevolência do imperador, as traduções patrocinadas por ele eram

[...] obras de qualidade alinhadas com os estudos e traslados ovidianos produzidos na Europa de então. Se considerarmos as publicações das traduções do maranhense Odorico Mendes, a

saber, a *Eneida brasileira* em 1854 e o *Virgílio brasileiro* em 1858, editadas também com especial acuro, pode-se entrever o grau do classicismo em que mergulhavam nossas letras. (VIEIRA, 2010a, p. 75).

A tradução da *Eneida* de Odorico Mendes foi recebida com entusiasmo na época da sua publicação. Segundo Vieira (2010b), em artigo sobre a recepção da obra do tradutor maranhense no século XIX, um exemplar da tradução foi entregue ao Instituto Histórico-Geográfico Brasileiro, em uma reunião que aconteceu em julho de 1854, na qual estava presente o imperador D. Pedro II, conforme registro em ata (cf. *Revista do IHGB*, 1854, p. 594). Esse episódio revela que

[...] a tradução odoricana era aguardada pela principal sociedade científica do Império do Brasil, o que reveste sua publicação de certo caráter oficial, ainda mais por estar o próprio Imperador presente à reunião, como declara também o cabeçalho da ata. Vale a pena ressaltar nesse comunicado a expressão ‘recebido com agrado’, que revela, por sua quebra de protocolo, a contida euforia que a notícia da publicação causou. (VIEIRA, 2010b, p. 142).

Apesar do entusiasmo patriótico em relação à tradução de Odorico Mendes, Vieira (2010b) também observa avaliações negativas entre os contemporâneos do maranhense. Entre os críticos, Vieira (2010b) cita o tradutor Caetano Lopes de Moura e Frederico José Correa, vice-presidente da província do Maranhão, além de Sílvio Romero, já citado mais acima.

Aquilo que os críticos mais condenaram nas traduções de Odorico Mendes é justamente o que será valorizado, mais tarde, pelos concretistas. Paes (1990) comenta sobre a crítica favorável de Haroldo de Campos, que recuperou as traduções do maranhense ressaltando o que havia de mais inventivo nelas. A sintonia entre essas traduções e alguns experimentos do concretismo resgatou-as do passado, tornando-as literariamente atuais, “[...] e ao verter em português as palavras-valise que enxameiam o texto do *Ulysses* de Joyce, reatou Antônio Houaiss em nossos dias o interrompido fio histórico do – a expressão é de Antonio Candido – ‘pedantismo arqueológico’ de Odorico Mendes.” (PAES, 1990, p. 44).

Carvalho (2014) resume, de certa forma, a trajetória de Odorico Mendes na literatura brasileira:

Manuel Odorico Mendes, mestre vilipendiado por historiadores naturalistas da literatura brasileira, mas resgatado da poeira do limbo e dos sebos por poetas de vanguarda. (Porém, o que são as Histórias da literatura, senão vastos cemitérios de nomes obscuros?) Não bastasse a engenhosidade das soluções poéticas de Odorico, as notas e comentários que acompanham as suas traduções revelam um apurado estudo e segura orientação artística.” (p. 108).

Tendo traduzido trechos da *Eneida*, Carvalho (2014) afirma que a tradução de Odorico Mendes o “[...] encorajou no trabalho da linguagem, na atenção ao ritmo, na ordenação das palavras e no torneio das vozes e ações performadas no poema” (p. 116), demonstrando que a maneira de traduzir do maranhense continua influenciando os tradutores contemporâneos.

Outra evidência da importância das suas traduções é a existência do “Projeto ‘Odorico Mendes’”³⁴ do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da UNICAMP, citado na seção anterior. Coordenado pelo professor e tradutor Paulo Sérgio de Vasconcellos, o projeto tem como objetivo principal divulgar a obra do maranhense, especialmente suas traduções de Homero e Virgílio. O grupo já reeditou, com anotações e notas, as traduções da *Eneida* e das *Bucólicas*, ambas publicadas em 2008. Essas duas traduções são apresentadas no catálogo do capítulo quatro desta tese. Atualmente, o grupo trabalha na edição crítica das *Geórgicas*.

Nas últimas décadas do século XIX, segundo descrevem as historiografias consultadas, ocorreram dois momentos paralelos na literatura brasileira: de um lado, havia um movimento de rejeição dos modelos europeus e, de outro, escritores que supervalorizavam a cultura e a literatura clássicas. O sistema literário refletia o agitado momento político do Brasil, que vivia o processo da independência. Os intelectuais a favor da independência rejeitavam o que entendiam como literatura luso-brasileira, muito pautada na literatura clássica, que já se

³⁴ As informações aqui colocadas foram retiradas do site do grupo, disponível em <<http://www.unicamp.br/iel/projetos/OdoricoMendes/>>. Acesso em: 30 mar. 2017.

mostrava “[...] pouco significativa, como se os poetas não fossem mais capazes de encontrar nela o correlativo adequado à emoção e ao pensamento.” (CANDIDO, 2000, p. 191). O que era clássico lembrava Portugal e devia ser posto de lado, pois “[...] o romântico trazia o rótulo novo e provinha de outras fontes, devia constituir a saída natural para uma afirmação de independência [...]” (SODRÉ, 1964, p. 210). Alguns anos depois da proclamação da independência, alguns escritores encontravam-se num processo de rejeição do que era europeu. Como bem coloca Candido (2000),

a Independência importa de maneira decisiva no desenvolvimento da ideia romântica, para a qual contribuiu pelo menos com três elementos que se podem considerar como redefinição de posições análogas do Arcadismo: (a) desejo de exprimir uma nova ordem de sentimentos, agora reputados de primeiro plano, como o orgulho patriótico, extensão do antigo nativismo; (b) desejo de criar uma literatura *independente, diversa*, não apenas uma *literatura*, de vez que, aparecendo o Classicismo como manifestação do passado colonial, o nacionalismo literário e a busca de modelos novos, nem clássicos nem portugueses, davam um sentimento de libertação relativamente à mãe-pátria; finalmente (c) a noção já referida de atividade intelectual não mais apenas como prova de valor do brasileiro e esclarecimento mental do país, mas tarefa patriótica da construção nacional.” (p. 12).

Ou seja, para os escritores da época, separar-se de Portugal era também abandonar as convenções literárias europeias – entre as quais a literatura clássica tinha um importante papel – que até então tinham dominado a literatura no Brasil. A necessidade de desfazer os laços com o passado colonial voltará a ser colocada também por escritores do Modernismo.

Paralelo a esse movimento de rejeição do passado português, com as primeiras manifestações do Parnasianismo há um período de resgate das ideias clássicas. Os autores latinos traduzidos nessas últimas décadas do século XIX, segundo nossos dados, foram Cícero, Fedro, Horácio, Plauto, Suetônio, Tácito e Virgílio. Nesse momento, as alusões a elementos da literatura clássica nos textos literários e jornalísticos eram feitas não só por aqueles que realmente a estudavam e conheciam,

mas também porque citá-la era um atestado de boa cultura: “[...] ninguém podia considerar-se verdadeiramente culto, se não falasse em Heitor, Ajax e no cerco de Tróia.” (BROCA, 2005, p. 154). Como responsáveis por essa propagação da cultura clássica, Broca (2005) cita Coelho Neto e João do Rio. Esse “helenismo decorativo” (BROCA, 2005, p. 155) ou “helenismo de cartolina” (SODRÉ, 1964, p. 435) também se instalou na província. Dario Vellozo, poeta simbolista, criou em Curitiba o Instituto Neopitagórico³⁵, em 1909. Em 1911, organizou uma festa da primavera, em que jovens se vestiram como gregos antigos e esportistas participaram de competições semelhantes aos jogos olímpicos. Também houve um torneio de poesia e declamação de hinos em coro, tudo à moda grega (cf. BROCA, 2005, p. 156).

O culto à Grécia ficava evidente em declarações como a de Tobias Barreto, em 1862: “Sou grego, pequeno e forte”. (BROCA, 2005, p. 158). Monteiro Lobato, lendo Homero em Areias, escreveu a Godofredo Rangel: “Que diferença de mundos! Na Grécia, a beleza; aqui a disformidade. Aquiles lá; Quasímodo aqui.” (LOBATO, 1944 apud BROCA, 2005, p. 158). E Joaquim Nabuco, em carta a José Veríssimo, “[...] protestava contra o fato de se chamar Machado de Assis de mulato, dizendo: ‘A palavra não é literária, é pejorativa, basta ver-lhe a etimologia. De mais, o ser mulato em nada afetava sua caracterização caucásica. Eu pelo menos vi nele o grego.’” (BROCA, 2005, p. 158).

Fica claro pelo protesto de Nabuco que o culto aos clássicos, além de ser uma demonstração de cultura, guardava um outro aspecto:

[e]ssa mania da Grécia, como também da latinidade que de há muito prevalecia entre nós, era um meio, por vezes inconsciente, de muitos intelectuais brasileiros reagirem contra a increpação de mestiçagem, escamoteando as verdadeiras origens raciais, num país em que o cativo estigmatizara a contribuição do sangue negro.” (BROCA, 2005, p. 157).

De acordo com Broca (2005), os intelectuais adotavam a condição de grego ou latino como um meio de fugir da “decadência”

³⁵ O Instituto existe até hoje e oferece cursos de Filosofia, História das religiões, Parapsicologia, Teosofia, Ocultismo, Hierologia e de Estudos pitagóricos. Informações disponíveis em: <<http://www.pitagorico.org.br/>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

que, aos olhos deles, era o Brasil. Romero critica essa atitude de alguns intelectuais:

não deixa de causar certa estranheza a segurança, a radiante seriedade com que, diariamente, por exemplo, jornalistas patentemente oriundos de índios e africanos, dizem: *Nós os latinos...* Tenho sérias dúvidas sobre essa *latinização*. (1980c, p. 1171, grifo do autor).

Para Romero (1980c), assim como para Broca (2005), essa latinização era motivada pela “[...] paixão do melhoramento [...]”, uma tentativa de encontrar uma origem que eles consideravam mais nobre. Broca (2005) comenta ainda que as visitas de Guglielmo Ferrero, Anatole France e Paul Adam ao Brasil, ocorridas entre 1907 e 1911, acabaram por reforçar nos escritores o sentimento de pertencimento à Grécia e Roma. Os três autores estrangeiros consideraram o Brasil “[...] nos termos mais lisonjeiros, como uma transplantação feliz da raça latina, circunstâncias que muito nos desvaneceram, reforçando a certeza de que éramos gregos, éramos de fato latinos.” (BROCA, 2005, p. 159).

Os poetas simbolistas e parnasianos também se inspiraram na literatura clássica em “[...] poemas figurados, em forma de taça, de rosa, de lira [...]” (STEGAGNO-PICCHIO, 2004, p. 347), cheios de referências à mitologia greco-romana e aos temas clássicos. Dentre os parnasianos, Stegagno-Picchio (2004) cita como exemplo Alberto de Oliveira, cujos versos do poema *Vaso grego*, transcritos abaixo, trazem uma referência ao Olimpo:

Esta de áureos relevos, trabalhada
De divas mãos, brilhante copa, um dia,
Já de aos deuses servir como cansada,
Vinda do Olimpo, a um novo deus servia...
(STEGAGNO-PICCHIO, 2004, p. 309).

Como esse, tantos outros poemas tanto de simbolistas quanto de parnasianos fizeram referências à literatura clássica, contribuindo para esse período de valorização dos antigos.

Segundo Broca (2005), o escritor Gilberto Amado parece ter sido um dos únicos a se levantar contra a suposta origem greco-latina dos brasileiros:

[p]or minha parte me desvaneceria mil vezes mais a firmeza sem ênfase com que o Brasil se reconhecesse a ‘República mestiça’ dos cientistas europeus, que falam a verdade, do que a facilidade vaidosa com que ele se acredita a ‘República latina’... ‘o país irmão’... ‘os irmãos latinos da América’... Sejam os cafuzos ou curibocas resignados, procurando honrar o nosso sangue pela dignidade do nosso estilo de homens e não pelo blasonar de hereditariedades que não são nossas. (AMADO, 1919, p. 19 apud BROCA, 2005, p. 160).

Erguia-se uma voz contra a hegemonia da cultura clássica: “[o]s ‘gregos’ e os ‘latinos’ que pululavam na literatura brasileira estavam seriamente ameaçados.” (BROCA, 2005, p. 160). E a ameaça parece ter se consolidado com os modernistas.

Considerando o século XIX como um todo, quando tantas forças antagônicas coexistiram, as traduções de literatura latina comportaram-se da seguinte maneira: no total, encontramos 29 publicações de traduções de literatura latina, sendo 9 publicações na primeira metade do século, e na segunda metade, 20. Ou seja, há um aumento significativo no número de traduções a partir de 1850. Onze autores foram traduzidos: Cícero, Fedro, Horácio, Júlio César, Justiniano, Ovídio, Plauto, Suetônio, Tácito, Tito Lívio e Virgílio. Dentre eles, Virgílio é aquele que conta com mais traduções diferentes de suas obras, 10 no total. Em segundo lugar está Horácio, com 5 traduções. Em relação às obras, encontramos traduções para 22 diferentes, sendo que a mais traduzida durante o período foi as *Bucólicas*, de Virgílio, com 4 traduções. Também entre as mais traduzidas estão outras obras de Virgílio: a *Eneida* e as *Geórgicas*, ambas com 3 versões cada. Horácio também teve diferentes traduções para suas obras: as *Odes* foram traduzidas 3 vezes, a *Arte poética* 2 vezes.

Vimos também que o século XIX produziu traduções importantes, como as de Odorico Mendes, reeditadas até hoje. Na Tabela 9 abaixo, listamos as outras traduções de literatura latina, publicadas nesse período, que tiveram reedições, subsistindo no mercado editorial brasileiro até os séculos XX e XXI.

Tabela 9. Traduções de literatura latina publicadas no século XIX que foram reeditadas nos séculos XX e XXI.

Obra/tradutor	Ano da 1ª publicação	Ano da última publicação
<i>Anais</i> (José Liberato Freire de Carvalho)	1830	1970
<i>Arte de amar</i> (Antônio Feliciano de Castilho)	1862	1939
<i>Comentários sobre a guerra gálica</i> (Francisco Sotero dos Reis)	1863	1941
<i>As geórgicas</i> (Antonio Feliciano de Castilho)	1867	1930
<i>Fábulas</i> (Antônio Inácio de Mesquita Neves)	1884	2001

A tradução dos *Anais* de Tácito, por José Liberato Freire de Carvalho, por exemplo, foi publicada pela primeira vez em 1830, teve uma nova publicação em 1957 e outra ainda em 1970, ambas pela coleção *Clássicos Jackson* da W. M. Jackson Inc. editors. Destacamos também as *Fábulas* de Fedro, traduzidas por Antônio Inácio de Mesquita Neves, publicadas pela primeira vez em 1884, tendo sido republicadas em 2001, pela editora Átomo, mais de cem anos depois da primeira edição. A permanência dessas publicações no mercado editorial brasileiro, assim como aquelas de Odorico Mendes, atestam a importância das traduções do século XIX para o sistema de literatura latina traduzida no Brasil.

Chegando ao Modernismo, os diferentes escritores desse período literário³⁶ tinham como denominador comum a tentativa de libertação do passado europeu (STEGAGNO-PICCHIO, 2004, p. 476) e a ruptura com os modos de manifestação artística característicos do Brasil colonial (SODRÉ, 1964, p. 531). O rompimento com o passado se deu não somente em relação às formas, mas também ao conteúdo, que devia ser brasileiro, “[...] revestindo de originalidade, pela primeira vez, e

³⁶ Segundo Stegagno-Picchio (2004), “no Modernismo há de tudo. E é por isto que é necessária grande circunspeção em exprimir juízos, em nivelar com um adjetivo experiências antagônicas, e sobretudo em criar ‘famílias de escritores’. Jamais como nesse período de rótulos coletivos, de pronunciamentos de grupo, os indivíduos manter-se-ão tão diferentes uns dos outros, tão isolados uns dos outros.” (p. 476). A autora, no entanto, concorda que romper com o passado europeu e, conseqüentemente, português, era uma questão que unia os modernistas.

conjunto, tudo o que as letras proporcionassem [...]” (SODRÉ, 1964, p. 528). Esse conteúdo deveria ser escrito em uma nova língua literária, “[...] capaz de refletir e traduzir a rica temática nacional” (idem, ibidem, p. 528). Assim, os modelos e temas da literatura clássica foram abandonados por representarem um passado que se queria afastar.

Como mostramos no capítulo anterior, a partir dos primeiros anos do século XX, quando a literatura clássica parece assumir uma posição mais periférica, há uma diminuição no número de publicações de traduções de literatura latina no Brasil. Durante as duas últimas décadas do século XIX, nove traduções foram publicadas e nos primeiros vinte anos do século XX, período do Pré-Modernismo e do Modernismo, esse número caiu para seis. Há também um intervalo nas publicações de traduções de literatura latina entre os anos de 1921 e 1927. Conforme comentamos no capítulo anterior, a teoria descritiva pode nos ajudar a explicar esses números, pois podemos relacionar a diminuição das publicações de traduções de literatura latina com o período no qual a literatura clássica não era um modelo para os escritores modernistas, que ocupavam o centro do sistema literário brasileiro. A literatura clássica deixara de ocupar uma posição de prestígio no sistema e os escritores estavam interessados em produzir uma literatura genuinamente brasileira. Neste momento, há uma queda no número de traduções de literatura latina, o que denota que tendências predominantes no sistema literário brasileiro influenciaram o ritmo das traduções de literatura latina.

Segundo as historiografias consultadas, a literatura clássica teve pouca influência na literatura brasileira depois dos primeiros anos do século XX. De acordo com Stegagno-Picchio (2004), a literatura entre os anos de 1930 e 1945 reposiciona-se ideologicamente e assume um novo compromisso político e social³⁷. O ensaio e a narrativa comprometida são os gêneros dominantes do período.

Entre 1945 e 1964, imperam na literatura brasileira

o tema e a ideologia do desenvolvimento (e do subdesenvolvimento). Surgem os grandes ensaios sobre nacionalismo e desenvolvimento econômico

³⁷ Durante a chamada geração de 30, a prosa é o gênero literário eleito. Essa prosa é “[...] de um lado, social e regionalista, de outro, introspectiva e urbana” (STEGAGNO-PICCHIO, 2004, p. 523). Stegagno-Picchio (2004) cita como autores importantes desse período Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Jorge Amado, entre outros.

e político, e o Brasil passa a ser indagado como realidade global, numa redescoberta que, na literatura, se vale do ‘popular’ em formas ora neorromânticas, e ora neorealistas: arte regional e popular, teatro regional nordestino, poesia ‘popular’ e música *folk*, cinema de argumento nacional e folclorístico com intenção de denúncia atual, sempre, todavia, com o distanciamento culto próprio dos intelectuais. (STEGAGNO-PICCHIO, 2004, p. 590).

Segundo Stegagno-Pichio, portanto, os temas que predominaram na literatura brasileira no século XX estavam ligados ao universo particular do país. A literatura clássica enquanto modelo a ser imitado, tanto nas formas quanto no conteúdo, parece ter ficado no passado. Vimos a forte influência que ela exerceu nos árcades, em alguns românticos, parnasianos e simbolistas. Também vimos como intelectuais do final do século XIX e início do XX valorizavam a cultura clássica como uma forma de se distanciar das raízes indígenas e africanas e, ao mesmo tempo, de se aproximar da Europa. Finalmente, vimos como, a partir das primeiras manifestações modernistas, essa idolatria do clássico vai sendo aos poucos apagada.

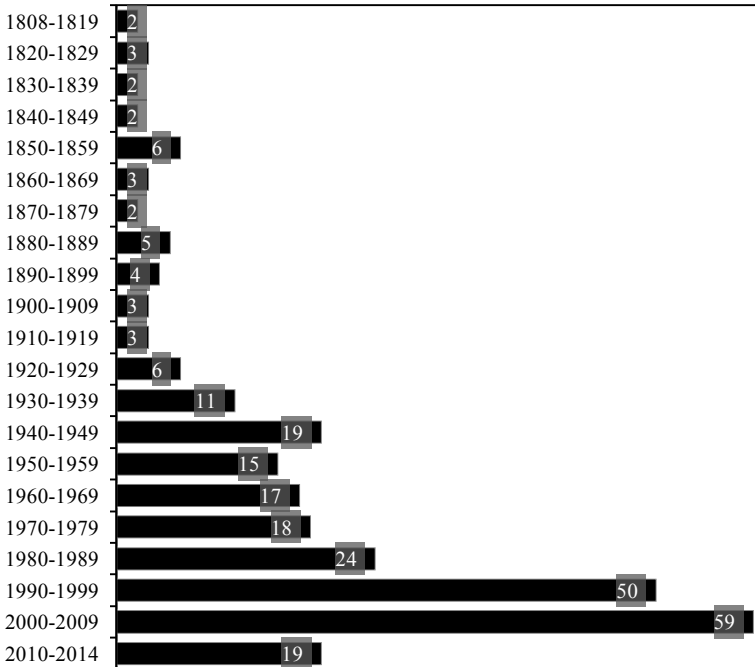
Ainda assim, podemos citar, entre outros, dois exemplos da presença da língua e literatura clássicas, em especial, a latina, em escritores da segunda metade do século XX. O primeiro deles é o de Ariano Suassuna, que retoma temas clássicos em suas obras, como em *O Santo e a porca*, publicada em 1957. Segundo o próprio Suassuna (2003), a peça é uma “imitação nordestina de Plauto” (p. 09), na qual ele retoma o tema da avareza da *Aulularia* de Plauto. Outro exemplo é o de Paulo Leminski com *Catatau*, obra de prosa experimental, publicada em 1975, na qual o autor faz uso de palavras e expressões em latim.

Leminski, conforme veremos no capítulo quatro desta tese, foi tradutor do *Satyricon*, de Petronio, publicado nos anos 80. Outros escritores brasileiros são citados por Paes (1990) como importantes tradutores: Erico Veríssimo, Cecília Meireles, Paulo Rónai, Mário Quintana, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, José Lins do Rego, Lúcio Cardoso, Rubem Braga, Modesto Carone, e outros tantos mais. Dentre eles, destacamos Paulo Rónai, tradutor de *Amor e Piséu* (1956), de Apuleio e autor de obras sobre ensino e tradução do latim.

Apesar de as historiografias não levarem em conta a influência da literatura latina no sistema literário brasileiro das primeiras décadas do

século XX em diante, nossa pesquisa mostrou um crescimento no número de publicações das traduções de obras latinas a partir dos anos de 1980, conforme nos mostra o Gráfico 8³⁸ abaixo:

Gráfico 8. Número de traduções de literatura latina publicadas por década.



Como o Gráfico 8 nos mostra, entre os anos de 1970 e 1980, as publicações de traduções de literatura latina aumentam de 18 para 24 e, a partir dos anos de 1990, este número praticamente dobra, chegando a 50 publicações. No século XXI, há mais um aumento significativo, o que demonstra que, apesar de a tendência na literatura brasileira, a partir do século XX, pender para uma maior valorização dos temas mais relacionados ao Brasil, as obras latinas continuam sendo traduzidas.

De acordo com Paes (1990), a atividade de tradução literária cresceu bastante a partir da instalação de cursos universitários de tradução, no final da década de 1970 e esse talvez seja um dos fatores que influenciou o crescimento do número de traduções. Nas décadas de

³⁸ Não aparecem neste gráfico três traduções cuja década de publicação não conseguimos precisar e 26 traduções cuja data de publicação desconhecemos.

1980 e 1990 observamos a expansão de pesquisas na área de Estudos da Tradução nas universidades brasileiras (cf. PAGANO; VASCONCELLOS, 2003, p. 05), sendo que, a partir de meados da década de 1990, há uma alta concentração de dissertações e teses na área (PAGANO; VASCONCELLOS, 2003, p. 06). Nesse período, a tradução de literatura latina começa a ficar restrita ao ambiente universitário. Entre os anos de 1990 e 2014, 54 editoras publicaram 128 traduções de literatura latina no Brasil. Dentre essas, 11 são editoras universitárias que, juntas, foram responsáveis por 14% das publicações desse período. Já as editoras Paulus, Paulinas e Vozes, cuja atuação já comentamos, foram responsáveis por 15% das publicações.

Nesse mesmo período, de 1990 a 2014, o perfil dos tradutores também é bastante definido: das 124 publicações encontradas, 81 são traduções de professores universitários e 11 são de tradutores ligados a alguma congregação religiosa. Esses dados nos mostram que, recentemente, o mercado editorial de traduções de literatura latina, se atentamos para o perfil dos tradutores, é dominado pela academia e pelas congregações religiosas e suas editoras.

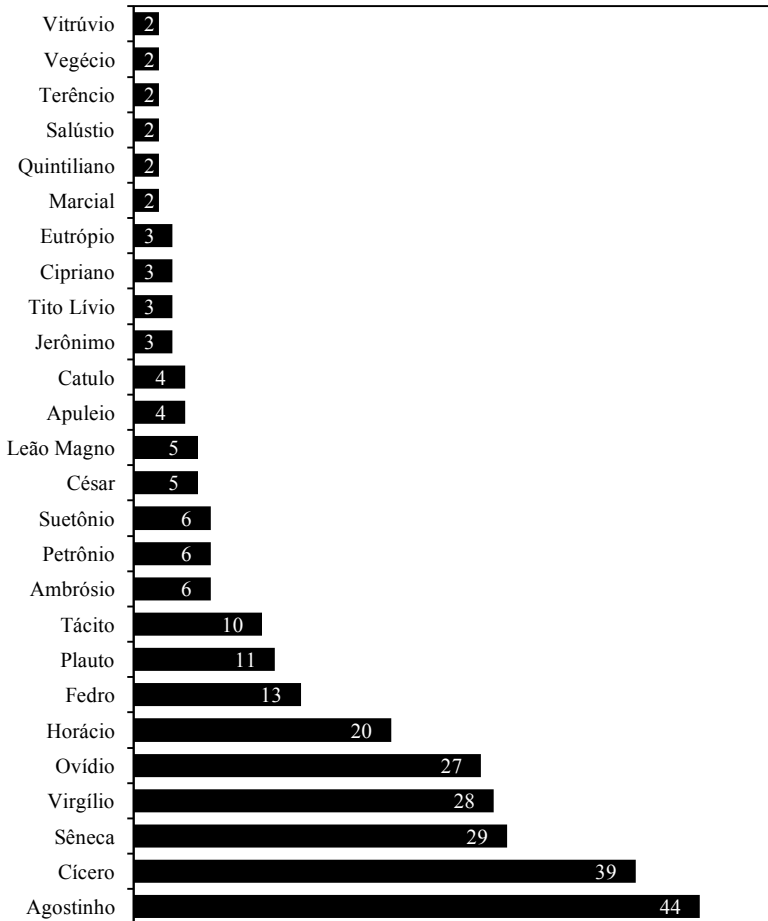
Atualmente, parece que as universidades são as principais responsáveis pela manutenção da tradução de literatura latina no sistema literário brasileiro, considerando a atuação das editoras universitárias e dos tradutores que são professores nessas instituições. O ensino do latim está praticamente restrito aos cursos superiores. Nossos dados confirmaram que os tradutores de hoje têm um perfil cada vez mais acadêmico. E parece que não haverá mudança nisso: na opinião de Furlan (2005), os tradutores de literatura latina, no geral, continuarão sendo aqueles formados pelos poucos cursos universitários brasileiros que oferecem graduação em Letras Clássicas.

No geral, após a análise das historiografias, podemos corroborar com a opinião de Even-Zohar (1990) e Costa, Guerini e Torres (2008), citados no início desta seção, de que a tradução (de qualquer língua) é pouco mencionada nas historiografias literárias. A influência da literatura e dos movimentos literários estrangeiros é bastante destacada, porém não se esclarece se essa influência se deu através da leitura das obras nas línguas de partida ou através de traduções. Também observamos que a atividade de tradutor de alguns escritores brasileiros não é citada, como se a tradução fosse uma ocupação que não fizesse parte da vida literária, para usar a expressão de Broca (2005). Para citar um exemplo, Romero (1980c) comenta sobre a biografia e obras dos irmãos Antonio e José Feliciano de Castilho, mas não cita sua atividade como tradutores que, conforme vimos nesta seção, foi bastante

importante. Se falarmos especificamente de influência e tradução de literatura latina, as menções são mais escassas ainda e os comentários se repetem nos diferentes escritores. A maior parte das historiografias parece não ir muito além do relato sobre a importância da literatura clássica no Arcadismo e da menção às traduções de Odorico Mendes.

Finalmente, destacamos, ainda, alguns dados gerais de nossa pesquisa. Contabilizamos o número de traduções que cada autor recebeu, conforme nos mostra o Gráfico 9 abaixo:

Gráfico 9. Número de traduções de literatura latina por autor



Somando as traduções de cada um desses autores, temos 282. Não estão arrolados no Gráfico 9 acima aqueles 15 autores que foram traduzidos somente uma vez. São eles: Aulo Gélío, Cornélio Nepos, Egéria, Frontino, Gregório Magno, Juvenal, Lucano, Lucrecio, Manílio, Propércio, Quinto Cícero, Sulpício Severo, Tertuliano, Tíbulo e Varrão. Somando-se a esses dois valores as seis traduções do *Corpus Iuris Ciuilis*, chegamos a um total de 302 traduções. Observamos que Agostinho é o autor mais traduzido, com 44 traduções, no total. Logo atrás vem Cícero, com 39, e Sêneca e Virgílio, que possuem 29 e 28 traduções, respectivamente. Ovídio possui 27 traduções. Em seguida, aparece Horácio, com 20 traduções. Juntos, esses seis autores totalizam 187 traduções das 302 publicadas no Brasil entre 1808 e 2014, ou seja, as traduções de Agostinho, Cícero, Horácio, Sêneca, Virgílio e Ovídio constituem quase 63% do total das traduções encontradas em nossa pesquisa. Esse número maior de traduções desses autores pode ser explicado, em parte, pela própria obra deles ser mais numerosa que a de outros.

Sobre as traduções de Agostinho, vejamos na Tabela 10 abaixo como elas foram publicadas ao longo do período analisado:

Tabela 10. Número de publicações de traduções de Agostinho por período.

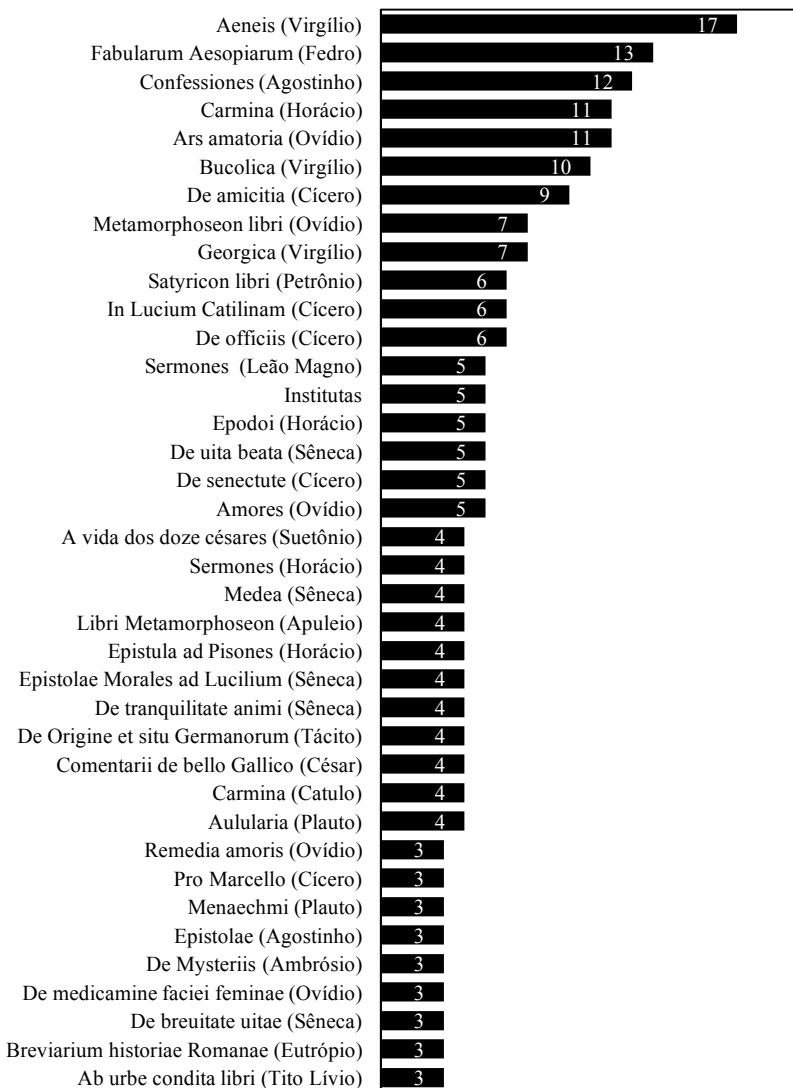
Período	Publicações de traduções
1905 até 1910	1
1910 até 1949	0
1950 até 1959	1
1960 até 1969	3
1970 até 1979	2
1980 até 1989	5
1990 até 1999	15
2000 até 2014	13

Não estão listadas na Tabela 10 acima quatro traduções de Agostinho cujas datas de publicação não conseguimos precisar. A Tabela 10 nos mostra que o interesse por sua obra é recente. Não encontramos nenhuma tradução deste autor no século XIX. Na primeira

década do séc. XX, temos apenas uma tradução, número que se repete na década de 50. Na década de 60 temos publicações de três traduções. Duas traduções foram publicadas na década de 70 e cinco na década de 80. Nas décadas de 90 e no séc. XXI as publicações aumentam consideravelmente, 15 e 13, respectivamente. Há um intervalo de quase 40 anos sem publicações de traduções de Agostinho, entre 1910 e 1949. O crescimento no número de publicações deste autor está relacionado à atuação das editoras Paulinas e Paulus, já comentadas nesta tese, que têm desempenhado um papel importante no mercado editorial a partir dos anos de 1990 em diante. Juntamente com a Vozes, as três são as editoras que mais publicaram traduções de literatura latina no Brasil e também são as editoras que mais publicaram traduções de Agostinho: são responsáveis por 26 das 44 traduções lançadas. Podemos dizer que o fato de Agostinho ser o autor latino mais traduzido no Brasil se deve, principalmente, à política de tradução dessas editoras.

No Gráfico 10, podemos ver as traduções de literatura latina mais publicadas no Brasil entre 1808 e 2014:

Gráfico 10. Número de publicações das obras latinas mais traduzidas no Brasil entre 1808 e 2014.

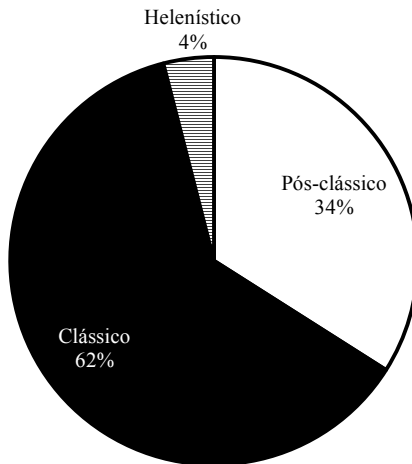


Como, no momento, nosso interesse é pelas traduções que foram mais publicadas, não listamos no Gráfico 10 aquelas lançadas apenas uma ou duas vezes. Apesar de ser o autor mais traduzido no Brasil, no

período de 1808 a 2014, a tradução mais publicada não é de Agostinho, mas a *Eneida* de Virgílio. Agostinho possui duas obras entre as traduções mais publicadas: *Confessiones*, com 12 publicações, e as *Epistolae* com três. A *Eneida*, de Virgílio, conta com 17 publicações; as traduções das *Bucólicas* e das *Geórgicas* somam, juntas, mais 17 publicações. Outros autores importantes do cânone literário latino estão entre os mais publicados: Ovídio, com traduções para cinco obras, Horácio, com quatro, Cícero, com cinco, e Fedro, que possui apenas uma obra, mas que foi bastante publicada. Este último, ao lado de Agostinho e Virgílio, são os autores cujas obras estão mais presentes no sistema de literatura latina traduzida no Brasil.

Também pesquisamos qual período literário da literatura latina³⁹ teve mais traduções entre 1808 e 2014, conforme podemos observar no Gráfico 11:

Gráfico 11. Período literário das obras de literatura latina traduzidas no Brasil entre 1808 e 2014.



O resultado era esperado: o período clássico, o mais importante da literatura latina, é o mais traduzido. O período pós-clássico, no qual encontramos as obras cristãs, também é bastante traduzido. Pensando nos autores cujas obras foram mais publicadas, podemos reafirmar que

³⁹ Usamos a nomenclatura de período literário conforme definida em Cardoso (2003).

Virgílio, Agostinho, Horácio, Cícero e Fedro são os autores mais significativos desse sistema literário das traduções, sendo Agostinho o único autor do período pós-clássico e os outros quatro, Virgílio, Horácio, Cícero e Fedro, autores do período clássico.

No capítulo quatro, apresentamos o catálogo de traduções de literatura latina publicadas no Brasil entre 1808 e 2014, conforme os dados encontrados em nossa pesquisa.

CAPÍTULO 4 – CATÁLOGO DAS TRADUÇÕES DE LITERATURA LATINA PUBLICADAS NO BRASIL ENTRE 1808 E 2014

“As fronteiras entre as culturas não são marcadas antes da tradução, mas manifestam-se no próprio ato de tradução. De fato, a tradução muitas vezes constitui uma primeira margem: uma fonte de um lado, um alvo do outro.” (PYM, 1998, p. 105).⁴⁰

Neste capítulo, apresentamos um catálogo das traduções de obras de literatura latina publicadas no Brasil entre 1808 e 2014. O catálogo foi elaborado a partir de nossa pesquisa em bancos de dados e sites de bibliotecas e editoras, conforme já explicitamos na introdução desta tese.

Completada a pesquisa nos bancos de dados, catálogos de editoras e nos acervos das bibliotecas, cruzamos as informações encontradas com o repertório elaborado por Tuffani (2006). Chegamos ao número total de 318 publicações de traduções de literatura latina publicadas no Brasil entre 1808 e 2014. Algumas lacunas podem ser observadas, pois não conseguimos determinar certos elementos de algumas traduções como: nome do tradutor, data da primeira edição e a editora que publicou a tradução. No caso das coletâneas, que possuem títulos gerais, como *Historiadores latinos* ou *Poesia lírica latina*, não conseguimos determinar exatamente quais obras foram traduzidas. Das 318 traduções que encontramos, somente 88 coincidiram com as relacionadas por Tuffani (2006), o que demonstra que a diferença entre os métodos de pesquisa nos levou a resultados distintos. Dentre o total de 318 traduções, 16 são coletâneas que reúnem obras de autores diferentes.

Apresentamos as traduções pelo nome dos autores em ordem alfabética, em formato de referência. Logo abaixo, exibimos a fonte da qual retiramos os dados e, quando encontramos, as reedições daquela tradução, bem como outras informações que julgamos relevantes. Em seguida, são apresentadas as coletâneas de traduções de literatura latina.

⁴⁰ “The border between cultures are not marked prior to translation but are manifested in the very act of translating. In fact, it is often translation that first constitutes a border: a source on one side, a target on the other.” (PYM, 1998, p. 105).

Nos Apêndices A e B, desta tese, estão duas tabelas que organizam as traduções em ordem cronológica. No Apêndice B, citamos os textos incluídos nas coletâneas, quando foi possível.

AGOSTINHO

AGOSTINHO, Santo. *A doutrina cristã*: manual de exegese e formação cristã. Tradução: Nair Assis de Oliveira. São Paulo: Paulinas, 1991.

Fonte: *Index translationum*

Reedições: Paulus, 2002

AGOSTINHO, Santo. *Agostinho de A a Z*. Tradução de citações em latim: Paulo José Benício. São Paulo: Vida acadêmica, 2006.

Fonte: acervo da Biblioteca Nacional

AGOSTINHO, Santo. *Agostinho do dia a dia*: breves meditações diárias tomadas dos escritos de Agostinho. Tradução: Iara Kastrop Schlaepfer e Gilberto Figueiredo Martins. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

Fonte: acervo da Biblioteca Nacional

AGOSTINHO, Santo. *A graça*. Tradução: Agostinho Frei Belmonte. São Paulo: Paulus, 1998. (Patrística).

Fonte: *Worldcat*

AGOSTINHO, Santo. *A instrução dos catecúmenos*: teoria e prática da catequese. Tradução: Maria da Glória Novak. Petrópolis: Editora Vozes, 1973. (Fontes da catequese).

Fonte: *Worldcat*

Reedições: Editora Vozes, 1984 (3. ed.)

AGOSTINHO, Santo. *A natureza do bem*. Tradução: Carlos Ancêde Nougé. Rio de Janeiro: Sétimo selo, 2005.

Fonte: *Worldcat*

AGOSTINHO, Santo. *As confissões*. Tradução: Frederico Ozanam Pessoa de Barros. Rio de Janeiro: Ediouro/ Tecnoprint, [1968?].

Fonte: *Index translationum*

Reedição: Ediouro, 1993

AGOSTINHO, Santo. *As confissões de Agostinho*: as mais belas páginas de uma obra-prima imortal. Tradução: Marcos Van Acker. São Paulo: Paulinas, 2000.

Fonte: acervo da Biblioteca Nacional

AGOSTINHO, Santo. *A trindade*. Tradução e notas: Agostinho Frei Belmonte. São Paulo: Paulus, 1995. (Patrística).

Fonte: *Worldcat*

- AGOSTINHO, Santo. *A verdadeira religião*. Tradução: Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulinas, 1987. (Série espiritualidade).
Fonte: *Index translationum*
Reedição: Paulus, 2002
- AGOSTINHO, Santo. *A vida cristã*. Tradução: Matheus Nogueira Garcez. São Paulo: Instituto Social Morumbi, [19--].
Fonte: *Worldcat*
- AGOSTINHO, Santo. *A vida feliz: diálogo filosófico*. Tradução: Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulinas, 1993. (Série espiritualidade).
Fonte: *Worldcat*
- AGOSTINHO, Santo. *A virgindade consagrada*. Tradução: Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulinas, [1990 ou 1991].
Fonte: *Index translationum*
- AGOSTINHO, Santo. *Cartas a Proba e a Juliana*. Tradução: Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, [19--]. (Série espiritualidade).
Fonte: *Worldcat*
Reedições: Paulinas, 1987 (2. ed.)
- AGOSTINHO, Santo. *Cidade de Deus*. Tradução: Oscar Paes Leme. São Paulo: Editora das Américas, 1961.
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
Reedições: Editora Vozes, 1990 (2. ed.), 1999 (4. ed.), 2000 (5. ed.), 2001 (6. ed.), 2002 (7. ed.), 2012 e 2013 (14. ed.). Editora Universitária São Francisco (coleção *Pensamento humano*), 2007 e 2008
- AGOSTINHO, Santo. *Comentário ao gênesis*. Tradução: Agostinho Frei Belmonte. São Paulo: Paulus, 2005. (Patrística).
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
- AGOSTINHO, Santo. *Comentário aos salmos: salmos 101-150*. Tradução: Monjas Beneditinas. São Paulo: Paulus, 1998. (Patrística).
Fonte: *Index translationum*
- AGOSTINHO, Santo. *Comentário da primeira epístola São João*. Tradução: Nair Assis de Oliveira. São Paulo: Paulinas, 1989. (Série espiritualidade).
Fonte: *Index translationum*
- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Tradução: J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, [s/d]. (Os pensadores).
Fonte: *Index translationum* e *Worldcat*
Reedições: Nova Cultural (coleção *Os pensadores*), 1986 (2. ed.), 1987 (4. ed.), 1988 (9. ed.), 1990 (10. ed.), 1998 (13. ed.), 1999

- (14. ed.), 2000 (15. e 16. ed.), 2001 (17. ed.), 2002 (18. ed.), 2009 (24. ed.), 2011 (25. ed.) e 2012 (26. ed.). Editora Vozes (coleção *Vozes de Bolso*), 1990, 2000 (15. ed.) e 2000 (16. ed.)
- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Tradução: J. Oliveira Santos. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Tradução: Maria Luiza Jardim de Amarante. São Paulo: Paulinas, 1984. (Série espiritualidade).
Fonte: *Index translationum*
Reedições: Paulinas, 1986 (2. ed.), 1987 (3. ed.), 1991 (4. ed.). Paulus, 1997 e 2002
- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Tradução: [?]. São Paulo: Progresso, [19--].
Fonte: TUFFANI (2006)
Reedições: Progresso, 1956 (2. ed.)
- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Tradução: Luiz Anesi. Rio de Janeiro: Boa imprensa, [s.d.].
Fonte: TUFFANI (2006)
- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Tradução: [?]. Paris: H. Garnier, 1905.
Fonte: TUFFANI (2006)
- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Tradução: Jorge Pimentel Cintra. São Paulo: Quadrante, 1985.
Fonte: TUFFANI (2006)
- AGOSTINHO, Santo. *Confissões; Do mestre*. Tradução: Ângelo Ricci e J. Oliveira Santos. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
Fonte: *Index translationum*
Reedições: Abril Cultural, 1984 (3. ed.)
- AGOSTINHO, Santo. *Contra os acadêmicos; A ordem; A grandeza da alma; O mestre*. Tradução: Agostinho Frei Belmonte. São Paulo: Paulus, 2008. (Patrística).
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
- AGOSTINHO, Santo. *Coração inquieto: textos de Agostinho*. Tradução: Attilio Cancian. São Paulo: Cidade Nova, 1990. (Clássicos da espiritualidade).
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
- AGOSTINHO, Santo. *De magistro*. Tradução: Bento Silva Santos. Petrópolis: Editora Vozes, 2009. (Textos fundantes de educação).
Fonte: *Worldcat*

- AGOSTINHO, Santo. *De magistro*. Tradução e nota introdutória: Ângelo Ricci. Porto Alegre: Universidade do Rio Grande do Sul, [19--]. (Textos).
Fonte TUFFANI (2006)
Reedições: Universidade do Rio Grande do Sul, 1956 (2. ed.)
- AGOSTINHO, Santo. *Dos bens do matrimônio; A santa virgindade; Dos bens da viuvez; Cartas a Proba e a Juliana*. Tradução: [?]. São Paulo: Paulus, 2000. (Patrística).
Fonte: *Worldcat*
- AGOSTINHO, Santo. *Explicação de algumas proposições da Carta aos Romanos*: Explicação da Carta aos Gálatas; Explicação incoada da Carta aos Romanos. Tradução: Agostinho Frei Belmonte. São Paulo: Paulus, 2009. (Patrística).
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
- AGOSTINHO, Santo. *O cuidado devido aos mortos*. Tradução: Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulinas, 1990.
Fonte: *Index translationum*
Reedições: Paulus (coleção *Patrística*), 2002
- AGOSTINHO, Santo. *O De excidio urbis e outros sermões sobre a queda de Roma*. Tradução: Carlota Miranda Urbano. São Paulo: Annablume, 2012. (Annablume clássica).
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
- AGOSTINHO, Santo. *O livre-arbítrio*. Tradução: Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1995. (Patrística).
Fonte: *Worldcat*
- AGOSTINHO, Santo. *O sermão da montanha*. Tradução: Nair Assis de Oliveira. São Paulo: Paulinas, 1992. (Série espiritualidade).
Fonte: *Index translationum*
- AGOSTINHO, Santo. *Sermões de Natal e Epifania*. Tradução: Monjas Beneditinas. São Paulo: Paulinas, 1960.
Fonte: *Worldcat*
- AGOSTINHO, Santo. *Sobre a potencialidade da alma*. Tradução: Aloysio Jansen de Faria. Revisão da tradução: Frei Graciano González. Petrópolis: Editora Vozes, 1997. (Textos filosóficos).
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
Reedições: Editora Vozes, 2005 (2. ed.) e 2012 (3. ed.)
- AGOSTINHO, Santo. *Sobre o sermão do Senhor na montanha*: comentário. Tradução: Carlos Ancêde Nougé. Formosa: Edições Santo Tomás, 2003.
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional

- AGOSTINHO, Santo. *Solilóquios*. Tradução: Nair Assis de Oliveira. São Paulo: Paulinas, 1993. (Série espiritualidade).
 Fonte: *Index translationum*
 Reedição: Paulus (coleção *Patrística*), 1998
- AGOSTINHO, Santo. *Textos básicos de ética: de Platão a Foucault*. Tradução: Danilo Marcondes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. Inclui os textos *Confissões* e *O livre-arbítrio*
 Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
- AGOSTINHO, Santo. *Tratado de vida Mariana*. Tradução: Tinus van Balen. Curitiba: Editora do Carmo, 1994.
 Fonte: *Worldcat*
 Tradução feita a partir do alemão
- AGOSTINHO, Santo. *Trindade*. Tradução: Arnaldo do Espírito Santo; Domingos Lucas Dias e João Beato. São Paulo: Paulinas, 2007.
 Edição bilíngue
 Fonte: *Worldcat*
- AGOSTINHO, Santo. *Um esboço de filosofia religiosa: De uera religione de Agostinho*. Tradução: Henrique C. de Lima Vaz. Rio de Janeiro: Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1955.
 Fonte: *Worldcat*
- AMBRÓSIO
- AMBRÓSIO, Santo. *A virgindade*. Tradução: Monjas Beneditinas da Abadia de Santa Maria. Introdução, revisão e notas: Hugo D. Baggio. Petrópolis: Editora Vozes, 1980. (Coleção Os padres da Igreja).
 Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
- AMBRÓSIO de Milão. *Examerão: os seis dias da criação*. Tradução: Célia Mariana Franchi Fernandes da Silva. São Paulo: Paulus, [19--]. (Patrística).
 Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
- AMBRÓSIO, Santo. *Explicação do símbolo; Sobre os sacramentos; Sobre os mistérios; Sobre a penitência*. Tradução: Célia Mariana Franchi Fernandes da Silva. São Paulo: Paulus, 1996. (Patrística).
 Fonte: TUFFANI (2006)
- AMBRÓSIO, Santo. *O esplendor do lírio: três livros sobre a virgindade*. Tradução: Monjas Beneditinas da Abadia de Santa Maria. Petrópolis: Editora Vozes, 1945. (Coleção Popular de formação espiritual).
 Fonte: TUFFANI (2006)

AMBRÓSIO, Santo. *Os mistérios; Explicação do simbolismo da iniciação cristã*. Tradução: Monjas Beneditinas da Abadia de Santa Maria. São Paulo: Paulinas, 1957.

Fonte: TUFFANI (2006)

AMBRÓSIO, Santo. *Os sacramentos e os mistérios, de Ambrósio*. Tradução e introdução: Paulo Evaristo Arns. Comentários: Geraldo Majella Agnelo. Petrópolis: Editora Vozes, 1972.

Fonte: *Worldcat*

APULEIO

APULEIO. *Amor e Psiqué*. Tradução: Paulo Rónai e Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956. (Obras imortais).

Fonte: *Worldcat*

APULEIO. *Eros e Psiqué*. Tradução: Ferreira Gullar. São Paulo: FTD, 2009.

Fonte: acervo da Biblioteca Nacional

APULEIO. *O asno de ouro*. Tradução: [?]. São Paulo: Cultura Moderna, 1936. (Série Cultural. Obras primas literárias).

Fonte: *Worldcat*

APULEIO. *O asno de ouro*. Tradução, introdução e notas: Ruth Guimarães. São Paulo: Cultrix, 1963.

Fonte: *Index translationum*

Reedições: Ediouro (coleção *Clássicos de bolso*), 1992 e 1998

AULO GÉLIO

AULO GÉLIO. *Noites áticas*. Tradução: José Rodrigues Seabra Filho. Londrina: EDUEL, 2010.

Fonte: acervo da Biblioteca Nacional

CATULO

CATULO. *O cancionero de Lésbia*. Tradução: Paulo Sérgio de Vasconcellos. São Paulo: Hucitec, 1991.

Fonte: *Worldcat*

CATULO. *O livro de Catulo*. Tradução: João Angelo Oliva Neto. São Paulo: EDUSP, 1996. (Texto & Arte).

Fonte: acervo da Biblioteca Nacional

CATULO. *Poemas*. Tradução: Luís Antônio de Figueiredo e Ênio Aloísio Fonda. São Paulo: Timbre/Expressão, 1986. (Coleção Bagatela).

Fonte: acervo da Biblioteca Nacional

Edição bilíngue

CATULO. *Poemas*. Adaptação: Guilherme Figueiredo. [Rio de Janeiro]: s.n., [1981?].

Fonte: acervo da Biblioteca Nacional

CÉSAR

CÉSAR, Caio Júlio. *A guerra civil*. Tradução: Antonio da Silveira Mendonça. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

Fonte: *Index translationum*

Edição bilíngue

CÉSAR, Caio Júlio. *Comentarii de bello Gallico*. Tradução: [?]. Paris: Aillaud, [s.d.].

Fonte: TUFFANI (2006)

Reedição: Francisco Alves (coleção *Clássicos latinos*), [s.d.]

CÉSAR, Caio Júlio. *Comentários da guerra gaulesa*. Tradução, introdução e notas: João Ravizza. Niterói: Escolas Profissionais Salesianas, 1932.

Fonte: TUFFANI (2006)

CÉSAR, Caio Júlio. *Comentários da guerra gaulesa*. Tradução: [?]. São Paulo: Lusitana, 1941.

Fonte: TUFFANI (2006)

CÉSAR, Caio Júlio. *Comentários sobre a guerra gálica*. Tradução: Francisco Sotero dos Reis. São Luís: Typographia de B. de Mattos, 1863.

Fonte: *Worldcat*

Reedições: Ediouro, [19--]. Cultura, 1941

CÍCERO

CÍCERO. *A amizade*. Tradução: Luiz Feracine. São Paulo: Escala, 2006. (Grandes obras do pensamento universal).

Fonte: acervo da Biblioteca Nacional

CÍCERO. *As catilinárias*. Tradução: Amilcare Carletti. São Paulo: Leud, 1987. (Os grandes oradores da antiguidade).

Fonte: acervo da Biblioteca Nacional

Edição bilíngue

Reedições: Leud, 2000 (2. ed.)

CÍCERO. *As catilinárias*. Tradução: Maximiano Augusto Gonçalves. Rio de Janeiro: H. Antunes, 1952.

Fonte: acervo da Biblioteca Universitária da UFSC

Reedição: Livraria São José, 1964

- CÍCERO. *As catilinárias*. Tradução: Nicolau Firmino. Rio de Janeiro: H. Antunes, 1951.
 Fonte: *Worldcat*
 Edição bilíngue
 Reedições: H. Antunes, 1952 (2. ed.) e 1955 (4. ed.)
- CÍCERO. *A virtude e a felicidade*. Tradução: Carlos Ancêde Nogueé. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Coleção Breves encontros).
 Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
- CÍCERO. *Catão, o velho, ou Diálogo sobre a velhice*. Tradução: Marino Kury. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998. (Filosofia).
 Fonte: acervo da Biblioteca Nacional.
- CÍCERO. *Catilinárias: os quatro discursos de M. T. Cícero contra Lúcio Catilina*. Tradução: Adelino José da Silva de Azevedo. São Paulo: Saraiva, 1953.
 Fonte: *Worldcat*
- CÍCERO. *Da amizade*. Tradução: Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Coleção Breves encontros).
 Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
- CÍCERO. *Da amizade; Da velhice e Sonho de Scipião*. Tradução: Duarte de Rezende e Damião de Góes. Paris: Garnier Irmãos, 1911.
 Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
 Edição bilíngue
- CÍCERO. *Da república*. Tradução: Amador Cisneiros. Rio de Janeiro: Ediouro, [1980?].
 Fonte: acervo da Biblioteca Universitária da UFSC.
 Reedições: Ediouro, 1995 (5. ed.) e 1999 (19. ed.). Abril Cultural, 1985
- CÍCERO. *Das leis*. Tradução: Otávio T. de Brito. São Paulo: Cultrix, 1967.
 Fonte: TUFFANI (2006)
- CÍCERO. *Da velhice; Da amizade*. Tradução: Tassilo Orpheu Spalding. São Paulo: Cultrix, 1964. (Clássicos Cultrix).
 Fonte: *Index translationum*
 Reedições: Cultrix, 1983
- CÍCERO. *De officiis*. Tradução: Maximiano Augusto Gonçalves. São Paulo: H. Antunes, [19--].
 Fonte: TUFFANI (2006)
- CÍCERO. *De suppliciis; Discurso contra Verres*. Tradução: Estevam de Oliveira. Juiz de Fora: Correio de Minas, 1913.
 Fonte: TUFFANI (2006)

- CÍCERO. *Diálogo sobre a amizade*. Tradução: José Perez. São Paulo: Cultura Moderna, [s.d.].
Fonte: TUFFANI (2006)
- CÍCERO. *Diálogo sobre a velhice*. Tradução: J. A. Nunes. São Paulo: Cultura Moderna, 1937. (Série Cultural. As grandes obras).
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
- CÍCERO. *Diálogo sobre as divisões da oratória*. Tradução: Mauro Vieira Maciel. [Uruguaiana]: s.n., 1998.
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
Tradução feita a partir do francês
- CÍCERO. *Dos deveres*. Tradução: Angélica Chiapeta. São Paulo: Martins Fontes, 1999
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional.
- CÍCERO. *Dos deveres*. Tradução: João Mendes Neto. São Paulo: Saraiva, 1965.
Fonte: TUFFANI (2006)
- CÍCERO. *Do sumo bem e do sumo mal*. Tradução: Carlos Ancêde Nougé. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
- CÍCERO. *Epistolae selectae*: nova edição com várias notas em português. Tradução: José Ignacio Roquette. [Paris]: s.n., 1858.
Fonte: *Worldcat*
- CÍCERO. *Lélio ou Tratado sobre a amizade*. Tradução: J. F. Lima Cortes. Rio de Janeiro: Tipografia de Carlos Gaspar da Silva, 1888.
Fonte: *Worldcat*
- CÍCERO. *Manual do candidato às eleições*: Carta do bom administrador público; Pensamentos políticos selecionados. Tradução: Ricardo da Cunha Lima. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
Edição bilíngue
- CÍCERO. *Obras*. Tradução: Antônio Joaquim. São Paulo: Cultura, 1942. (Clássica).
Fonte: TUFFANI (2006)
- CÍCERO. *Oração em favor de Marco Marcello*. Tradução: Augusto Magne. Rio de Janeiro: Drummond, 1920.
Fonte: TUFFANI (2006)
- CÍCERO. *Orações*. Tradução: Antônio Joaquim. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc. editores, 1970. (Coleção Clássicos Jackson).
Fonte: *Index translationum*

- Reedições: Ediouro (Coleção Universidade), 1992
- CÍCERO. *Orações contra Catilina*. Tradução: Washington Garcia. Rio de Janeiro: O social, [19--].
 Fonte: TUFFANI (2006)
 Reedições: O social, 1926 (2. ed.)
- CÍCERO. *Os deveres*. Tradução: Luiz Feracine. São Paulo: Escala, 2008. (Grandes obras do pensamento universal).
 Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
- CÍCERO. *Os três livros de Cícero sobre as obrigações civis traduzidos em língua portuguesa*. Tradução: Miguel Antonio Ciera. Rio de Janeiro: Typographia Litteraria, 1852.
 Fonte: *Worldcat*
 Tradução publicada inicialmente em Portugal, em 1766.
 Reedição: Garnier, 1910
- CÍCERO. *Pro Archia e Pro Marcello*. Tradução: Maximiano Augusto Gonçalves. São Paulo: H. Antunes, [19--].
 Fonte: TUFFANI (2006)
 Edição bilíngue
 Reedições: H. Antunes, 1955 (2. ed.)
- CÍCERO. *Pro Archia, Pro Marcello e Pro Ligario*. Tradução: Maximiano Augusto Gonçalves. São Paulo: H. Antunes, [19--].
 Fonte: TUFFANI (2006)
 Reedições: H. Antunes, 1951 e 1956
- CÍCERO. *Retórica a Herênio*. Tradução: Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.
 Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
- CÍCERO. *Saber envelhecer seguido de A amizade*. Tradução: Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 1997.
 Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
- CÍCERO. *Sobre a amizade*. Tradução: João Teodoro d'Olim Marote. São Paulo: Nova Alexandria, 2006. (Coleção Clássicos da Antiguidade).
 Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
 Edição bilíngue
- CÍCERO. *Sobre o destino*. Tradução: José Rodrigues Seabra Filho. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.
 Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
 Edição bilíngue
- CÍCERO. *Sobre o destino*. Tradução: Zelia de Almeida Cardoso. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.
 Fonte: TUFFANI (2006)

Edição bilingue

CÍCERO. *Tratado das leis*. Tradução: Marino Kury. Caxias do Sul: EDUCS, 2004. (Toledo).

Fonte: acervo da Biblioteca Nacional

CÍCERO. *Tratado da amizade, Sonho de Cipião e Paradoxas*. Tradução: Duarte de Rezende. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1952. (Clássica).

Fonte: TUFFANI (2006)

CÍCERO. *Tratado dos deveres*. Tradução: Nestor Silveira Chaves. São Paulo: Edições Cultura Brasileira, [1937?].

Fonte: acervo da Biblioteca Nacional

Tradução feita a partir do francês

CIPRIANO

CIPRIANO, São. *A conduta das virgens*. Tradução: Monjas Beneditinas. São Paulo: Paulinas, 1960.

Fonte: TUFFANI (2006)

CIPRIANO, São. *A unidade da Igreja Católica*. Tradução: Carlos Beraldo. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.

Fonte: acervo da Biblioteca Nacional

CIPRIANO, São. *O Pai-Nosso. Sobre as boas obras e a esmola*. Tradução: Roberto Vidal da Silva Martins. São Paulo: Quadrante, 1990. (Temas cristãos).

Fonte: TUFFANI (2006)

CORNÉLIO NEPOS

CORNÉLIO NEPOS. *Vida dos capitães célebres*. Tradução: João Ravizza. Niterói: Escolas Profissionais Salesianas, 1928.

Fonte: TUFFANI (2006)

Reedições: Escolas Profissionais Salesianas, 1931 (2. ed.)

Edição bilingue

CORPUS IURIS CIUILIS

DIGESTO de Justiniano (I). Tradução: Hécio Maciel França Madeira. São Paulo: Revista dos Tribunais, [s.d.].

Fonte: acervo da Biblioteca Nacional

Reedições: Revista dos Tribunais, 2000 (2. ed.) e 2002 (3. ed.)

Edição bilingue

INSTITUIÇÕES de Justiniano. Tradução: Sidnei Ribeiro de Souza e Dorival Marques. Curitiba: Tribunais do Brasil, 1979.

Fonte: TUFFANI (2006)

INSTITUTAS do imperador Justiniano. Tradução: Antônio Coelho Rodrigues. Recife: Mercantil Central, [entre 1879 e 1881].

Fonte: TUFFANI (2006)

INSTITUTAS do imperador Justiniano: manual didático para uso dos estudantes de direito de Constantinopla, elaborado por ordem do imperador Justiniano, no ano de 533 d.C. Tradução: Agnes Cretella e José Cretella Júnior. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2000.

Fonte: *Index translationum*

Reedições: Revista dos Tribunais, 2005 (2. ed.)

INSTITUTAS do imperador Justiniano: manual para uso dos estudantes de direito de Constantinopla. Tradução: [?]. São Paulo: Edipro, 2001.

Fonte: *Index translationum*

INSTITUTAS do imperador Justiniano traduzidas e comparadas com o direito civil brasileiro. Tradução: Spencer Vampré. São Paulo: Magalhães, 1915.

Fonte: TUFFANI (2006)

EGÉRIA

EGÉRIA. *Peregrinação, liturgia e catequese em Jerusalém no século IV*. Tradução: Maria da Glória Novak. Petrópolis: Editora Vozes, 1971. (Fontes da catequese).

Fonte: TUFFANI (2006)

EUTRÓPIO

EUTRÓPIO. *Compêndio de história romana: desde a fundação da cidade até os imperadores Valente e Valentiano*. Tradução: Manoel Vaz Lobo. São Paulo: Nacional, 1930.

Fonte: TUFFANI (2006)

Edição bilíngue

EUTRÓPIO. *Compêndio (de história romana) desde a fundação da cidade (de Roma)*. Tradução e notas: João Ravizza. Niterói: Escolas Profissionais Salesianas, 1931.

Fonte: TUFFANI (2006)

Edição bilíngue

EUTRÓPIO. *Resumo de história romana*. Tradução: Augusto Magne. Rio de Janeiro: Flores & Mano, 1929. (Coleção de autores latinos vertidos em português).

Fonte: TUFFANI (2006)

FEDRO

- FEDRO. *Algumas fábulas de Fedro*: acompanhadas de tradução literal, notas de entrelaçamento do português com o latim e vocabulário. Tradução: Álvaro Ferdinando Sousa da Silveira. Rio de Janeiro: Francisco Alves, [s.d.].
Fonte: *Worldcat*
Reedições: Francisco Alves, 1930 (2. ed.). Agir, 1948 (3. ed.)
- FEDRO. *As fábulas*. Tradução: Claudio Brandão. Belo Horizonte: Furtado & Campos, 1928.
Fonte: TUFFANI (2006)
- FEDRO. *As fábulas*. Tradução: Nicolau Firmino. São Paulo: Lusitana, 1941.
Fonte: TUFFANI (2006)
- FEDRO. *Fabulário*. Tradução: João Ravizza. Niterói: Escolas Profissionais Salesianas, 1929.
Fonte: TUFFANI (2006)
- FEDRO. *Fábulas*. Tradução: Antônio Inácio de Mesquita Neves. Rio de Janeiro: Typographia Hamburqueza do Lobão, 1884.
Fonte: *Index translationum*
Reedição: Átomo, 2001
- FEDRO. *Fábulas*. Tradução: A. B. Santos Martins e Manoel de Moraes Soares. São Paulo: Cultura, 1941. (Clássica, Os mestres do pensamento).
Fonte: *Worldcat*
- FEDRO. *Fábulas*. Tradução: Luiz Feracine. São Paulo: Escala, 2006. (Grandes obras do pensamento universal).
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
- FEDRO. *Fábulas*: acompanhadas de tradução literal, notas explicativas e informações mitológicas. Tradução: J. J. Lucas. Rio de Janeiro: Baptista de Souza, 1958.
Fonte: TUFFANI (2006)
- FEDRO. *Fábulas*: com notas gramaticais e versos escandidos por B. Sampaio. Tradução: [?]. São Paulo: Melhoramentos, [s.d.].
Fonte: TUFFANI (2006)
- FEDRO. *Fábulas de Fedro*: significados. Tradução: Napoleão Esteves. Rio de Janeiro: Francisco Alves, [s.d.].
Fonte: *Worldcat*
Reedições: Francisco Alves, 1945 (2. ed.)
- FEDRO. *Fábulas*: escolhidas, comentadas e com uma introdução por Ferruccio Rubbiani. Tradução: [?]. São Paulo: Humberto Ghiggino, 1944. (Coleção Clássicos latinos)

Fonte: TUFFANI (2006).

FEDRO. *Fábulas*: texto latino com notas explicativas em português. Tradução: Frederico Greco. Rio de Janeiro: Indústria do livros, 1933.

Fonte: TUFFANI (2006)

FEDRO. *Tradução das fábulas de Fedro*. Tradução: Maximiano Augusto Gonçalves. Rio de Janeiro: H. Antunes, 1950.

Fonte: *Worldcat*

Reedições: H. Antunes, 1957 (5. ed.)

FRONTINO

FRONTINO. *Das águas da cidade de Roma* (97 d.C. – 104 d. C.). Tradução: Wolfgang Guilherme Wiendl. São Paulo: Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental, 1983.

Fonte: TUFFANI (2006).

GREGÓRIO MAGNO

GREGÓRIO MAGNO. *Vida e milagres de S. Bento*. Tradução: Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1986.

Fonte: TUFFANI (2006)

HORÁCIO

HORÁCIO. *A arte poética*. Tradução: Dante Tringali. São Paulo: Musa, 1993. (Ler os clássicos).

Fonte: TUFFANI (2006)

Edição bilíngue

HORÁCIO. *A lírica*. Tradução: Antonio Ribeiro dos Santos. Recife: Typographia comercial de Meira Henriques, 1851.

Fonte: *Worldcat*

HORÁCIO. *As odes*. Tradução: [?]. Bahia: J. G. Tourinho, 1824.

Fonte: TUFFANI (2006)

HORÁCIO. *Arte poética*. Tradução: Giulio Davide Leoni. São Paulo: Rassegna Brasiliana di studi italiani, 1967. (Biblioteca brasileira de estudos clássicos).

Fonte: TUFFANI (2006)

HORÁCIO. *As odes e o hymno secular*. Tradução: [?]. Rio de Janeiro: Francisco Alves, [s.d.].

Fonte: TUFFANI (2006)

- HORÁCIO. *Arte poética* (Arte poética de Q. Horacio Flacco: epístola aos Pisões). Tradução: Antonio José de Lima Leitão. Salvador: Typographia de Manoel Antonio da Silva Serva, 1818.
Fonte: *Worldcat*
- HORÁCIO. *Arte poética*: epístola aos Pisões. Tradução: [?]. Bahia: Imprensa Econômica, 1887.
Fonte: TUFFANI (2006)
- HORÁCIO. *Horácio, poeta da festa*: navegar não é preciso: 20 odes: latim/português. Tradução: Dante Tringali. São Paulo: Musa Editora, 1995. (Coleção Ler os clássicos/ vol. 3).
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
- HORÁCIO. *Obras completas* (Odes, Épodos, Carme secular, Sátiras e Epístolas). Tradução: Elpino Duriense, José Agostinho de Macedo, Antônio Luís Seabra e Francisco Antônio Picot. São Paulo: Cultura, 1941. (Clássica).
Fonte: TUFFANI (2006)
- HORÁCIO. *Obras seletas*. Tradução: José Ewaldo Scheid. Canoas: Editora da ULBRA, 1997.
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
- HORÁCIO. *Odes*. Tradução: João Ravizza. Niterói: Escolas Profissionais Salesianas, 1932.
Fonte: *Worldcat*
- HORÁCIO. *Odes*. Tradução: José Galdino de Castro Júnior. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1962.
Fonte: TUFFANI (2006)
- HORÁCIO. *Odes, epodos e Poema secular, explicados literalmente, traduzidos em português e anotados por Francisco Antônio Picot*. Tradução e notas: Francisco Antônio Picot. Paris: Librairies-imprimeries réunies, 1893.
Fonte: *Worldcat*
- HORÁCIO. *Odes e epodos*. Introdução de Antonio Medina Rodrigues e organização de Anna Lia Amaral de Almeida Prado. Tradução: Bento Prado de Almeida Ferraz. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção biblioteca Martins Fontes).
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
- HORÁCIO. *Odes*: tradução justalinear e literal para auxílio dos estudantes de latim. Tradução: [?]. São Paulo: Instituto de Ciências e Letras de São Paulo, 1902.
Fonte: TUFFANI (2006)
- HORÁCIO. *Poesia velha e nova*. Tradução: Neyde Ramos de Assis. São Paulo: Nobel, [s.d.]. (Monumentum aere perennius).

Fonte: TUFFANI (2006)

HORÁCIO. *Sátiras*. Tradução: Antônio Luís Seabra. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

Fonte: *Worldcat*

Reedições: Edições de ouro, 1966. W. M. Jackson Inc. editores, 1970. Ediouro, 1993. Tecnoprint, 1998

HORÁCIO. *Sátiras de Horácio*. Tradução: Antonio Augusto Velloso. Belo Horizonte: Graphica Queiroz Breyner, 1944.

Fonte: acervo da Biblioteca Nacional

HORÁCIO. *Sátiras e epístolas de Quinto Horácio Flaco*. Tradução: Antônio Luís Seabra. Paris: H. Garnier, [1908?].

Fonte: acervo da Biblioteca Nacional

HORÁCIO. *Tradução literal das odes de Horácio*. Tradução: Antonio Augusto Velloso. Belo Horizonte: Graphica Queiroz Breyner, [s.d.].

Fonte: acervo da Biblioteca Nacional

JERÔNIMO

JERÔNIMO. *Apologia contra os livros de Rufino*. Tradução: Luís Carlos Lima Carpinetti e Luciana Gomes de Mello. São Paulo: Paulus, 2013. (Patrística).

Fonte: acervo da Biblioteca Nacional

JUVENAL

JUVENAL. *Sátiras*. Tradução: Francisco Antônio Martins Bastos. São Paulo: Cultura, 1945.

Fonte: *Worldcat*

Reedições: Tecnoprint, 1968 e 1988 (Coleção Universidade de bolso). Ediouro (Clássicos de bolso), 1993

LEÃO MAGNO

LEÃO MAGNO. *Sermões*. Tradução: Monjas Beneditinas da Abadia de Santa Maria. São Paulo: Paulinas, 1974. (Liturgia).

Fonte: TUFFANI (2006)

LEÃO MAGNO. *Sermões*. Tradução: Sérgio José Schirato et alii. São Paulo: Paulus, 1996. (Patrística).

Fonte: TUFFANI (2006)

LEÃO MAGNO. *Sermões sobre as coletas, a Quaresma e o jejum de Pentecostes*. Tradução: Monjas Beneditinas da Abadia de Santa Maria. Petrópolis: Editora Vozes, 1977. (Fontes da catequese).

Fonte: TUFFANI (2006)

LEÃO MAGNO. *Sermões sobre o Natal e a Epifania*. Tradução: Maria Teixeira de Lima. Petrópolis: Editora Vozes, 1974. (Fontes da catequese).

Fonte: TUFFANI (2006)

LEÃO MAGNO. *Sermões sobre os santos, jejuns e ordenação episcopal*. Tradução: Monjas Benedictinas da Abadia de Santa Maria. Petrópolis: Editora Vozes, 1978. (Fontes da catequese).

Fonte: TUFFANI (2006)

LUCANO

LUCANO. *Farsália – Cantos de I a IV*. Tradução: Brunno Vinícius Gonçalves Vieira. Campinas: Editora UNICAMP, 2011.

Fonte: acervo da Biblioteca Nacional

LUCRÉCIO

LUCRÉCIO. *Da natureza das coisas*. Tradução: Antonio José de Lima Leitão. São Paulo: Cultura, 1941. (Clássica).

Fonte: TUFFANI (2006)

MANÍLIO

MANÍLIO. *Os astrológicos ou a ciência sagrada do céu*. Tradução: Maria Antonia da Costa Lobo. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.

Fonte: TUFFANI (2006)

MARCIAL

MARCIAL. *Cem epigramas*. Tradução: Giulio Davide Leoni e Neyde Ramos de Assis. São Paulo: Nobel, 1958. (Monumentum aere perennius).

Fonte: TUFFANI (2006)

MARCIAL. *Epigramas*. Tradução: Luís Antônio de Figueiredo e Ênio Aloísio Fonda. São Paulo: Timbre, 1986. (Coleção Bagatela).

Fonte: acervo da Biblioteca Nacional

Edição bilíngue

OVÍDIO

OVÍDIO. *A arte de amar*. Tradução: David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, 1979. (Coleção Universidade).

Fonte: *Index translationum*

Reedições: Tecnoprint, 1982 e 1992

OVÍDIO. *A arte de amar*. Tradução: Foed Castro Chamma. Rio de Janeiro: Calibán, 2009. (Quem lê vive mais).

Fonte: acervo da Biblioteca Nacional

OVÍDIO. *A arte de amar*. Tradução: Jamil Almansur Haddad. Rio de Janeiro: Biblioteca universal popular, 1964. (Clássicos).

Fonte: TUFFANI (2006)

OVÍDIO. *A arte do cosmético feminino*. Tradução: Giulio Davide Leoni. São Paulo: Rassegna brasiliana di studi italiani, 1968. (Biblioteca de estudos clássicos).

Fonte: TUFFANI (2006)

OVÍDIO. *Amores & Arte de amar*. Tradução: Carlos Ascenso André. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2011.

Fonte: acervo da Biblioteca Nacional

OVÍDIO. *Arte de amar*. Tradução: Corah O. Roland. São Paulo: Paulista, 1935.

Fonte: TUFFANI (2006)

OVÍDIO. *Arte de amar*. Tradução: Hélio Gomes da Luz. Rio de Janeiro: Organização Simões, [s.d.]. (Clássica).

Fonte: TUFFANI (2006)

OVÍDIO. *Arte de amar*. Tradução: Natália Correia e David Mourão-Ferreira. São Paulo: Ars Poetica, 1992. (Poesia/Série clássicos/vol. 1).

Fonte: acervo da Biblioteca Nacional

Edição bilíngue

Reedições: Ars Poetica, 1993 (2. ed.)

OVÍDIO. *Arte de amar; Contra Ibis*. Tradução: Tassilo Orpheu Spalding. São Paulo: Cultrix, 1967. (Clássicos Cultrix).

Fonte: *Index translationum*

Reedição: Círculo do Livro, 1985

OVÍDIO. *Arte de amar de Públio Ovídio Nasão*. Tradução: Antonio Feliciano de Castilho. Comentários: José Vitorino Barreto Feio. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1862.

Fonte: VIEIRA (2010)

Reedição: Vecchi (Livros de sempre. Clássicos do amor), 1939

OVÍDIO. *A arte de amar incluindo Os remédios para o amor e Os produtos de beleza para o rosto da mulher*. Tradução: Dunia Marinho da Silva. Porto Alegre: L&PM, 2001.

Fonte: acervo da Biblioteca Nacional

Reedição: L&PM, 2002

OVÍDIO. *A metamorfose de Licáon*. Tradução: Marcos Martinho. In.: PRIETO, Heloísa (org.). *Metamorfoses: antologia de contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Fonte: *Worldcat*

- OVÍDIO. *As metamorfoses*. Tradução: Antonio Feliciano de Castilho. São Paulo: Organização Simões, 1959. (Clássica).
Fonte: TUFFANI (2006)
- OVÍDIO. *As metamorfoses*. Tradução: David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, 1983. (Coleção Universidade).
Fonte: *Index translationum*
Reedições: Ediouro, 1993
- OVÍDIO. *Cartas pânticas*. Tradução: Geraldo José Albino. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
- OVÍDIO. *Heroides: a concepção do amor em Roma através da obra de Ovídio*. Tradução: Walter Vergna. Rio de Janeiro: Museu de Armas Ferreira da Cunha, 1975.
Fonte: TUFFANI (2006)
- OVÍDIO. *Metamorfoses*. Tradução: Bocage. São Paulo: Hedra, 2000.
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
Reedições: Hedra, 2007
- OVÍDIO. *Metamorfoses*. Tradução: Vera Lucia Leitão Magyar. São Paulo: Madras, 2003.
Fonte: *Worldcat*
Edição bilingue
- OVÍDIO. *Metamorfoses de Ovídio*. Tradução: R. Teixeira. São Paulo: Zenith, [1930 ou 1931].
Fonte: *Worldcat*
- OVÍDIO. *Metamorphoseon: libri XV enucleati*. Tradução: Adelino José da Silva de Azevedo. São Paulo: Saraiva, 1950.
Fonte: *Worldcat*
- OVÍDIO. *Os amores e A grinalda ovidiana*. Tradução: Antonio Feliciano de Castilho e José Vitorino Barreto Feio. Rio de Janeiro: Bernardo Xavier Pinto de Sousa, 1858.
Fonte: *Worldcat*
- OVÍDIO. *Os fastos, Os amores, A arte de amar*. Tradução: Antonio Feliciano de Castilho. São Paulo: Cultura, 1943. (Série Clássica de cultura. Os mestres do pensamento).
Fonte: *Worldcat*
Reedições: Edições Cultura (Clássica universal), 1945
- OVÍDIO. *Os remédios do amor e Os cosméticos para o rosto da mulher*. Tradução: Antonio da Silveira Mendonça. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
Edição bilingue

- OVÍDIO. *Poemas da carne e do exílio*. Tradução: José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
- OVÍDIO. *Primeiro Livro dos Amores*. Tradução: Lucy Ana de Bem. São Paulo: Hedra, 2010.
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
- OVÍDIO. *Remédios d'amor e queixume de Dido contra Eneas*. Tradução: José Bento Said. Rio de Janeiro: Imprensa do Governo, 1831. (Oliveira Lima Library).
Fonte: *Worldcat*
- OVÍDIO. *Tristium*. Tradução Antonio Augusto Velloso. São Paulo: Organização Simões, [s.d.].
Fonte: *Worldcat*
Reedições: Organização Simões, 1952 (2. ed.)
- PETRÔNIO
- PETRÔNIO. *Satiricon*. Tradução: Claudio Aquati. São Paulo: CosacNaify, 2008. (Prosa do mundo).
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
- PETRÔNIO. *Satiricon*. Tradução: Marcos Santarrita. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
Reedição: Abril Cultural (Grandes sucessos), 1981
Tradução feita a partir do francês.
- PETRÔNIO. *Satiricon*. Tradução: Miguel Ruas. São Paulo: Atena Editora, [s.d.]. (Biblioteca Clássica).
Fonte: *Worldcat*
Reedições: Edições de ouro (Clássicos de ouro. Gregos e romanos), 1971. Editora Escala, [s.d.]. Tecnoprint, [s.d.]
- PETRÔNIO. *Satiricon*. Tradução: [?]. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.].
Fonte: *Worldcat*
- PETRÔNIO. *Satyricon*. Tradução: Paulo Leminski. São Paulo: Brasiliense, [1985?]. (Circo de letras).
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
Reedições: Brasiliense, 1987 (2. ed.)
- PETRÔNIO. *Satyricon*. Tradução: Sandra Braga Bianchet. Belo Horizonte: Crisálida, 2004.
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional

PLAUTO

PLAUTO. *A comédia da marmita*. Tradução: Walter Medeiros. Brasília: Editora da UnB, 1994. (Clássicos romanos).

Fonte: acervo da Biblioteca Nacional

PLAUTO. *A comédia da panela*: comédia em cinco atos. Tradução: José Dejalma Dezotti. São Paulo: Editora da UNESP, 1996. (Coleção Giz-en-Scene).

Fonte: acervo da Biblioteca Nacional

Reedições: Editora da UNESP, 2002

PLAUTO. *A marmita*: aulularia: comédia em 5 atos. Tradução: João Cardoso de Menezes e Souza. Rio de Janeiro: Typographia Chrysalida, 1888.

Fonte: *Worldcat*

PLAUTO. *As bacanas*. Tradução: Newton Belleza. Rio de Janeiro: Emebê, 1977. (Teatro clássico).

Fonte: TUFFANI (2006)

PLAUTO. *Aulularia, a comédia da panelinha*. Tradução: Aida Costa. São Paulo: Difel, 1967. (Coleção Pequena biblioteca Difel – textos greco-latinos).

Fonte: *Worldcat*

PLAUTO. *Comédias*. Tradução: Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1978.

Fonte: *Worldcat*

Esta edição inclui as seguintes comédias: *O cabo*, *Caruncho*, *Os Menecmos*, *Os prisioneiros* e *O soldado fanfarrão*

PLAUTO. *Estico*. Tradução: Isabella Tardin Cardoso. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

Fonte: acervo da Biblioteca Nacional

Edição bilíngue

PLAUTO. *Os menecmos*. Tradução: Diógenes de Araújo Netto e José Venâncio Ferreira. Carangola: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Carangola, 1975.

Fonte: TUFFANI (2006)

Edição bilíngue

PLAUTO. *Os menecmos*: comédia em 5 atos. Tradução: José Dejalma Dezotti. São Paulo: Editora da UNESP, 1995. (Coleção Giz-en-Scene).

Fonte: *Worldcat*

PLAUTO. *O soldado fanfarrão*. Tradução: José Dejalma Dezotti. São Paulo: Editora da UNESP, 1999. (Coleção Giz-en-Scene).

Fonte: *Worldcat*

PLAUTO. *O truculento*. Tradução: Adriano Milho Cordeiro. São Paulo: Annablume, 2011. (Autores gregos e latinos).
Fonte: catálogo *online* da editora

PROPÉRCIO

PROPÉRCIO. *Elegias de Sexto Propércio*. Tradução: Guilherme Gontijo Flores. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. (Coleção Clássica).

Fonte: catálogo *online* da editora

Edição bilíngue

QUINTILIANO

QUINTILIANO. *Instituições oratórias*. Tradução: Jerônimo Soares Barbosa. São Paulo: Cultura, 1944. (Série clássica universal).

Fonte: TUFFANI (2006).

QUINTILIANO. *Rompendo o silêncio: o discurso oratório em Quintiliano*. Tradução: Antônio Martinez de Rezende. Belo Horizonte: Crisálida, 2010.

Fonte: acervo da Biblioteca Nacional

Esta edição contém a tradução do livro X da *Institutio oratoria*.

QUINTO CÍCERO

CÍCERO, Quinto. *Como ganhar uma eleição*. Tradução: José Ignácio Coelho Mendes Neto. São Paulo: Edipro, 2013.

Fonte: acervo da Biblioteca Nacional

SALÚSTIO

SALÚSTIO. *Guerra Catilinária; Guerra Jugurtina*. Tradução: José Vitorino Barreto Feio. Prefácio: José Perez. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [1987?].

Fonte: acervo da Biblioteca Nacional

Reedições: Ediouro (Coleção universidade), 1993

SALÚSTIO. *Obras*. Tradução: José Vitorino Barreto Feio. São Paulo: Logos, 1959. (Antologia da literatura mundial).

Fonte: TUFFANI (2006)

SÊNECA

SÊNECA. *A brevidade da vida*. Tradução: Luiz Feracine. São Paulo: Escala, 2007. (Grandes obras do pensamento universal).

Fonte: acervo da Biblioteca Nacional

- SÊNECA. *A clemência*. Tradução: Luiz Feracine. São Paulo: Escala, 2007. (Grandes obras do pensamento universal).
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
- SÊNECA. *A constância do sábio*. Tradução: Luiz Feracine, 2007. (Grandes obras do pensamento universal).
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
- SÊNECA. *Agamêmnon*. Tradução: José Eduardo dos Santos Lohner. São Paulo: Globo, 2009.
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
- SÊNECA. *A ira*. Tradução: Antero Barradas Barata. Rio de Janeiro: Vecchi, 1943. (Os grandes pensadores).
Fonte: TUFFANI (2006)
- SÊNECA. *Aprendendo a viver*. Tradução: Carlos Ancêde Nougé et alii. São Paulo: Martins Fontes, 2002. (Breves encontros).
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
- SÊNECA. *Aprendendo a viver*. Tradução: Ellen Itanajara Neves Vranas e Lúcia Sá Rebello. Porto Alegre: L&PM, 2008.
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
- SÊNECA. *As troianas*. Tradução: Zelia de Almeida Cardoso. São Paulo: Hucitec, 1997. (Roma/Grécia/ vol.6).
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
- SÊNECA. *A tranquilidade da alma: a vida retirada*. Tradução: Luiz Feracine. São Paulo: Escala, 2006. (Grandes obras do pensamento universal).
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
- SÊNECA. *A vida feliz*. Tradução: Alfredo Scottini. Blumenau: Eko, 2006.
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
Tradução feita a partir do italiano
- SÊNECA. *A vida feliz*. Tradução: André Bartholomeu. Campinas: Pontes Editores, 1991.
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
- SÊNECA. *Cartas consolatórias*. Tradução: Cleonice Furtado Mendonça van Raji. Campinas: Pontes editores, 1992.
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
- SÊNECA. *Consolação a Políbio*. Tradução: Matheus Trevizam. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
- SÊNECA. *Da felicidade*. Tradução: Ellen Itanajara Neves Vranas e Lúcia Sá Rebello. Porto Alegre: L&PM, 2012.
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional

- SÊNECA. *Da tranquilidade da alma*. Tradução: Ellen Itanajara Neves Vranas e Lúcia Sá Rebello. Porto Alegre: L&PM, 2009.
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
- SÊNECA. *Da vida feliz*. Tradução: João Carlos Cabral Mendonça. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
Fonte: *Worldcat*
- SÊNECA. *Édipo*. Tradução: Johnny José Mafrá. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1982.
Fonte: *Worldcat*
- SÊNECA. *Medeia*. Tradução: Ana Alexandra Alves de Sousa. São Paulo: Annablume, 2012. (Coleção clássica).
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
- SÊNECA. *Medeia*. Tradução: André Bartholomeu. Campinas: Pontes editoras, [1991?].
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
- SÊNECA. *Medeia*. Tradução: Giulio Davide Leoni. Rio de Janeiro: Ediouro, 1993.
Fonte: *Index translationum*
- SÊNECA. *Obras*. Tradução: Giulio Davide Leoni. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.]. (Coleção universidade).
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
Esta edição inclui as seguintes obras: *Medeia*, *Hélvia*, *Tranquilidade da alma* e *Apokolokyntosis*
- SÊNECA. *Sobre a brevidade da vida*. Tradução: Ellen Itanajara Neves Vranas, Gabriel Nocchi Macedo e Lúcia Sá Rebello. Porto Alegre: L&PM, 2006.
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
- SÊNECA. *Sobre a brevidade da vida*. Tradução: William Li. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.
Fonte: *Index translationum*
Edição bilíngue
Reedições: Nova Alexandria, 1995 (7. ed.).
- SÊNECA. *Sobre a providência divina; Sobre a firmeza do homem sábio*. Tradução: Ricardo da Cunha Lima. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
Edição bilíngue
- SÊNECA. *Sobre a tranquilidade da alma; Sobre o ócio*. Tradução: José Rodrigues Seabra Filho. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.
Fonte: *Worldcat*
Edição bilíngue

- SÊNECA. *Sobre a vida feliz*. Tradução: João Teodoro d'Olim Marote. São Paulo: Nova Alexandria, 2005.
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
Edição bilíngue
- SÊNECA. *Sobre os enganos do mundo*. Tradução: Carlos Ancêde Nougé, João Carlos Cabral Mendonça, Mariana Sérvulo da Cunha e William Li. São Paulo: Martins Fontes, 2011. (Ideias vivas).
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
- SÊNECA. *Sobre os enganos do mundo* (Epístolas morais a Lucílio). Tradução: [?]. São Paulo: Martins Fontes, 2011. (Ideias vivas).
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
- SÊNECA. *Tratado sobre a clemência*. Tradução: Ingeborg Baren. Petrópolis: Editora Vozes, 1990. (Vozes de bolso).
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
- SUETÔNIO
- SUETÔNIO. *A vida dos doze cézares*. Tradução: Sady-Garibaldi. São Paulo: Atena, 1937. (Biblioteca Clássica).
Fonte: *Worldcat*
Reedições: Atena, 1950 (3. ed.), 1959. Ediouro (Clássicos de ouro), 1992 e 2003
- SUETÔNIO. *A vida dos doze cézares: a vida pública e privada dos maiores imperadores de Roma*. Tradução: Sady-Garibaldi. São Paulo: Prestígio, 1992. (Clássicos ilustrados).
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
Reedições: Prestígio, 2002 (2. ed.)
- SUETÔNIO. *A vida e os feitos do Divino Augusto*. Tradução: Antônio Martinez de Rezende, Matheus Trevizam e Paulo Sérgio de Vasconcellos. Belo Horizonte: UFMG, 2007. (Palimpsesto).
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
- SUETÔNIO. *Calígula e Nero*. Tradução: Sady-Garibaldi. [s.l.], Pocket ouro, 2009.
Fonte: *Worldcat*
- SUETÔNIO. *O antigo regime*. Tradução: [?]. Prefácio: Quintino Bocaiúva. Rio de Janeiro: Cunha & Irmão, 1896.
Fonte: *Worldcat*
- SUETÔNIO. *Os doze cézares*. Tradução: Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Germape, 2003.
Fonte: *Worldcat*

SULPÍCIO SEVERO

SULPÍCIO SEVERO. *Vida de São Martinho e três epístolas*. Tradução: João Evangelizta Enout. [S.I.]: Cimbra, 1986.
Fonte: TUFFANI (2006)

TÁCITO

TÁCITO. *A Germânia*. Tradução: [?]. São Paulo: Typographia de J. B. Endrizzi & Cia., 1895.
Fonte: TUFFANI (2006)

TÁCITO. *Anais*. Tradução: José Liberato Freire de Carvalho. Paris: Jean Pierre Aillaud, 1830.
Fonte: *Worldcat*
Reedições: W. M. Jackson Inc. editores (Coleção Clássicos Jackson), 1957 e 1970

TÁCITO. *Anais*. Tradução: Leopoldo Pereira. Rio de Janeiro: Departamento de imprensa nacional, 1964.
Fonte: *Worldcat*
Reedições: Ediouro (Coleção clássicos de bolso), 1988 e 1992

TÁCITO. *As histórias*. Tradução: Berenice Xavier. Rio de Janeiro: Athena, 1937. (Biblioteca clássica).
Fonte: TUFFANI (2006)

TÁCITO. *Diálogo dos oradores*. Tradução: Antônio Martinez de Rezende e Júlia Batista Castilho de Avellar. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. (Coleção clássica).
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional

TÁCITO. *Diálogo sobre os oradores e Biografia de Julio Agricola*. Tradução: J. A. P. de M. C. Rio de Janeiro: Machado, 1879.
Fonte: TUFFANI (2006)

TÁCITO. *Germânia*. Tradução: Sady-Garibaldi. Rio de Janeiro: Para Todos, 1943.
Fonte: TUFFANI (2006)

TÁCITO. *Germânia*. Tradução: [?]. Comentários: João Penteadó Erskine Stevenson. São Paulo: Brasil, 1952. (Biblioteca de autores célebres).
Fonte: TUFFANI (2006)

TÁCITO. *Tacitus Germania: latim-português*. Tradução: Luís Martins. [S.I.: s.n.], [19-?].
Fonte: *Worldcat*

TÁCITO. *Vida de Cnêo Juli Agricola*. Tradução: D. G. Bahia: Imprensa econômica, 1887.
Fonte: TUFFANI (2006)

TERÊNCIO

TERÊNCIO. *A sogra*. Tradução: Walter Medeiros. Brasília: Editora da UnB, 1994. (Clássicos romanos).

Fonte: acervo da Biblioteca Nacional

TERÊNCIO. *Comédias*. Tradução: Leonel da Costa Lusitano. São Paulo: Cultura, 1945. (Série clássica universal).

Fonte: TUFFANI (2006)

TERTULIANO

TERTULIANO. *O sacramento do batismo*: teologia pastoral do batismo segundo Tertuliano. Tradução: Urbano Zilles. Petrópolis: Editora Vozes, 1981. (Os padres da igreja).

Fonte: *Worldcat*

TIBULO

TIBULO. *Elegias*. Tradução: Giulio Davide Leoni. São Paulo: Rassegna brasileira de studi italiani, 1968. (Biblioteca brasileira de estudos clássicos).

Fonte: *Worldcat*

TITO LÍVIO

TITO LÍVIO. *História de Roma*. Tradução: Paulo Matos Peixoto. São Paulo: Paumapé, 1990. (Biblioteca Paumapé de história).

Fonte: *Index translationum*

TITO LÍVIO. *História de Roma*: Livro I: A monarquia. Tradução: Mônica Costa Vitorino. Belo Horizonte: Crisálida, 2008.

Fonte: acervo da Biblioteca Nacional

Edição bilíngue

TITO LÍVIO. *História romana*. Tradução: José Vitorino Barreto Feio. Hamburgo: Off. Typographia de Langhoff, 1829.

Fonte: *Worldcat*

VARRÃO

VARRÃO. *Das coisas do campo*. Tradução: Matheus Trevizam. Campinas: Editora da UNICAMP, 2012.

Fonte: acervo da Biblioteca Nacional

VEGÉCIO

VEGÉCIO. *A arte militar*. Tradução: Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Paumapé, 1995. (Clássicos Paumapé)

Fonte: TUFFANI (2006).

VEGÉCIO. *Compêndio da arte militar*. Tradução: José Eduardo Braga. São Paulo: Annablume, 2011.

Fonte: catálogo *online* da editora

Edição bilíngue

VIRGÍLIO

VIRGÍLIO. *A Eneida*. Tradução: Nicolau Firmino. São Paulo: Lusitana, 1941.

Fonte: TUFFANI (2006)

VIRGÍLIO. *As abelhas: versão da quarta geórgica*. Tradução: Nicolau Firmino. Rio de Janeiro: H. Antunes, 1966.

Fonte: TUFFANI (2006)

VIRGÍLIO. *As armas e o varão: leitura e tradução do Canto I da Eneida*. Tradução: Márcio Thamos. São Paulo: Edusp, 2011.

Fonte: acervo da Biblioteca Nacional

VIRGÍLIO. *As bucólicas: diálogo pastoril*. Tradução: João Nunes de Andrade. São Paulo: Brasiliense, 1846.

Fonte: TUFFANI (2006)

VIRGÍLIO. *As bucólicas, As geórgicas e Eneida*. Tradução: Antonio José de Lima Leitão. Rio de Janeiro: Typographia Real, [entre 1818 e 1819]. 3 t.

Fonte: *Worldcat*

Edição composta por três tomos. O tomo 1 contém a tradução d'*As bucólicas*, o tomo 2, a tradução d'*As geórgicas* e os tomos 2 e 3, a tradução da *Eneida*

VIRGÍLIO. *As geórgicas*. Tradução: Antonio Feliciano de Castilho. Paris: Typographie de A. Lainé et J. Havard, 1867.

Fonte: *Worldcat*

Edição bilíngue

Reedições: Heros, 1930. Nacional, 1938

VIRGÍLIO. *Bucólicas*. Tradução: Manuel Odorico Mendes. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

Fonte: acervo da Biblioteca Nacional

VIRGÍLIO. *Bucólicas*. Tradução: Maria Isabel Rebelo Gonçalves. São Paulo: Verbo, 1996. (Biblioteca Verbo de autores clássicos).

Fonte: acervo da Biblioteca Nacional

VIRGÍLIO. *Bucólicas*. Tradução: Péricles Eugênio da Silva Ramos. Brasília: Editora UnB/Melhoramentos, 1982. (Série Clássicos Melhoramentos).

Fonte: acervo da Biblioteca Nacional

- VIRGÍLIO. *Bucólicas*. Tradução: Raimundo Carvalho. Belo Horizonte: Crisálida/Tessitura, 2005.
 Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
 Edição bilíngue
- VIRGÍLIO. *Écoglas*. Tradução: João Baptista Regueira Costa. Pernambuco: J. J. Alves d'Albuquerque, [entre 1890 e 1899].
 Fonte: *Worldcat*
- VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução: Carlos Alberto Nunes. Brasília: Editora da UnB, 1981.
 Fonte: *Worldcat*
- VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução: David Jardim Junior. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1988. (Universidade de bolso).
 Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
 Reedição: Ediouro (Coleção Clássicos de bolso), 1992
- VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução: Domingos Paschoal Cegalla. São Paulo: Difel, 2009. (Clássicos gregos).
 Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
 Esta edição contém a tradução dos Cantos I, II, III e IV da *Eneida*
- VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução: João Gualberto Ferreira dos Santos Reis. Bahia: Typographia de Galdino José Bizerra, [1845 ou 1846].
 Fonte: TUFFANI (2006)
- VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução: José Vitorino Barreto Feio. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
 Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
- VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução: Leopoldo Pereira. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1920.
 Fonte: *Worldcat*
 Reedições: Departamento de Imprensa Nacional, 1968 (3. ed.)
- VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução: Maximiano Augusto Gonçalves. Rio de Janeiro: H. Antunes, [196-?].
 Fonte: *Index translationum*
 Reedições: H. Antunes, 1999 (5. ed.)
- VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução Miécio Tati. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [1973?]. (Edições de ouro. Coleção calouro).
 Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
 Reedições: Tecnoprint, 1982. Ediouro (Clássicos para o jovem leitor), 1998, 2002
- VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução: Milton Marques Júnior. João Pessoa: Editora da UFPB, 2006.
 Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
 Esta edição contém a tradução do Canto IV da *Eneida*

- VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução: Salvador de Oliveira Penna. São Paulo: Globo, [s.d].
 Fonte: TUFFANI (2006)
- VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução: Tassilo Orpheu Spalding. São Paulo: Círculo do Livro, 1981.
 Fonte: *Index translationum*
 Reedições: Círculo do Livro, 1995. Cultrix, 1981, 1985 (2. ed.) e 1999 (19. ed.). Abril Cultural, 1983. Nova Cultural, 2002
- VIRGÍLIO. *Eneida brasileira ou epopeia de Virgílio Maro*. Tradução: Manuel Odorico Mendes. Paris: Editora Rignoux, 1854.
 Fonte: *Worldcat*
 Reedições: H. Garnier, [s.d.]. Atena, 1958 (3. ed.). Ateliê Editorial (Clássicos comentados), 2005. Editora da UNICAMP, 2008 (edição bilíngue)
- VIRGÍLIO. *Geórgicas e Eneida*. Tradução *Geórgicas*: Antonio Feliciano de Castilho. Tradução *Eneida*: Manuel Odorico Mendes. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc. editores, [1948?].
 Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
 Reedições: W. M. Jackson Inc. editores (Coleção Clássicos Jackson), 1952 e 1970
- VIRGÍLIO. *O IV canto das Geórgicas*. Tradução: Elaine Cristina Prado dos Santos. São Paulo: Scortecci, 2007.
 Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
- VIRGÍLIO. *Obras completas*. Tradução: Antonio Feliciano de Castilho, Leonel da Costa Lusitano e Manuel Odorico Mendes. São Paulo: Cultura, 1943. (Série Clássica de Cultura: Os mestres do pensamento).
 Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
 Reedições: Cultura, 1945 (2. ed.)
- VIRGÍLIO. *Poesias avulsas de Américo Elísio*. Tradução: José Bonifácio. [Bordeaux], 1825.
 Fonte: CANDIDO (2000)
 Esta edição contém a tradução da primeira *Bucólica*
- VIRGÍLIO. *Virgílio brasileiro*. Tradução: Manuel Odorico Mendes. Paris: Typographie W. Remquet, 1858.
 Fonte: *Worldcat*
 Reedições: EDUFMA, 1995.
 Esta edição contém a tradução das seguintes obras: *Eneida*, *As bucólicas* e *As geórgicas*

VITRÚVIO

VITRÚVIO. *Da arquitetura*. Tradução: Marco Aurélio Lagonegro. São Paulo: Hucitec e Annablume, 1999.

Fonte: *Worldcat*

Reedições: Hucitec e Annablume, 2002 (2. ed.)

VITRÚVIO. *Tratado de arquitetura*. Tradução: M. Justino Maciel. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Fonte: *Index translationum*

VULGATA

VULGATA. *A Bíblia sagrada*. Tradução: Antonio Pereira de Figueiredo. Paris: Baptiste Louis Garnier, [s.d.]. 2 t.

Fonte: TUFFANI (2006)

Reedições: B. L. Garnier, 1881 (2. ed.). Editora das Américas, 1950. Guarabu, 1960. Lidador, [s.d.]. Livros do Brasil, 1962. Barsa, 1977. Mirador, 1980. Delta, 1980. Paumapé, [s.d.]. Novo Brasil, [s.d.]

VULGATA. *Bíblia sagrada*. Tradução: Manoel de Matos Soares. São Paulo: Paulinas, [s.d.].

Fonte: TUFFANI (2006)

Reedições: 1982 (10. ed)

Apresentamos abaixo o catálogo das coletâneas de literatura latina publicadas no Brasil entre 1808 e 2014, conforme encontradas em nossa pesquisa.

COLETÂNEAS

ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. *Crítica e teoria literária na antiguidade*. Tradução: David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1989.

Fonte: acervo da Biblioteca Nacional

Reedição: Ediouro, 1993 (Clássicos de bolso)

ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. *A poética clássica*. Tradução: Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1981.

Fonte: acervo da Biblioteca Nacional

Reedições: Cultrix, 1985 (2. ed.), 1988 (3. ed.), 1995 (6. ed.), 1997

AUSÔNIO et al. *Medeias latinas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. Tradução: Márcio Meirelles Gouvêa Júnior.

Fonte: catálogo *online* da editora

CATULO et al. *Poesia lírica latina*. Tradução: Maria Luiza Neri e Maria da Glória Novak. São Paulo: Martins Fontes, [s.d.].

Fonte: *Worldcat*

Reedições: Martins Fontes, 1992 (2. ed.)

Edição bilíngue

CÍCERO et al. *Da natureza; Da república; Consolação a minha mãe Hélvia; Da tranquilidade da alma; Medeia; Apocoloquintose ao divino Claudio; Meditações*. Tradução: Agostinho da Silva et al. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

Fonte: *Worldcat*.

Reedições: Abril Cultural, 1980 (2. ed.), 1985. Nova Cultural, 1988

CÍCERO; OVÍDIO; SÊNECA. *Da tranquilidade da alma; Aprendendo a viver; Sobre a brevidade da vida; A arte de amar e Saber envelhecer*. Tradução: [?]. Porto Alegre: L&PM, 2010.

Fonte: *Worldcat*

CÍCERO; PLATÃO; TUCÍDIDES. *Três vezes Siracusa: Cícero, Platão, Tucídides*. Tradução: [?]. Brasília: Fundação Projeto Rondon, 1987.

Fonte: *Worldcat*

- EPICURO; LUCRÉCIO. *Epicuro e Lucrécio: O epicurismo e Da natureza*. Tradução: Agostinho da Silva. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1962. (Biblioteca dos séculos).
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional
Reedições: Ediouro, [s.d.], (Coleção Clássicos de bolso). Edições de ouro, 1966, (Clássicos de bolso, gregos e romanos)
- EURÍPIDES; RACINE; SÊNECA. *Hipólito e Fedra: três tragédias*. Tradução: Joaquim Brasil Fontes. São Paulo: Iluminuras, 2007.
Fonte: *Worldcat*
- EURÍPIDES; RACINE; SÊNECA. *Hipólito*. Tradução: José Eduardo do Prado Kelly. Rio de Janeiro: Agir, 1985.
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional.
- NERI, Maria Luiza; NOVAK, Maria da Glória; PETERLINI, Ariovaldo Augusto (org.). *Historiadores latinos: antologia bilingue*. Tradução: Ariovaldo Augusto Peterlini, Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri. São Paulo: Martins Fontes, [s.d.].
Fonte: *Index translationum*
Reedições: Martins Fontes, 1999 (3. ed.)
Edição bilingue
- PLAUTO; TERÊNCIO. *A comédia latina*. Tradução: Agostinho da Silva. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1952. (Biblioteca dos séculos).
Fonte: *Worldcat*
Reedição: Ediouro/Tecnoprint, 1993, (Coleção universidade)
- PLUTARCO; SUETÔNIO. *Vidas de César (O divino Júlio); César*. Tradução: Antonio da Silveira Mendonça. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.
Fonte: acervo da Biblioteca Nacional.
Edição bilingue
- SALÚSTIO, SÊNECA. *Tratado sobre a clemência, A conjuração de Catilina, A Guerra de Jugurta*. Tradução: Ingeborg Braren e Antonio da Silveira Mendonça. Petrópolis: Editora Vozes, 1990. (Clássicos do pensamento político).
Fonte: *Worldcat*

CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Debemur morti nos nostraque*⁴¹.
(Horácio, 14-13 a.C.)

O duplo objetivo desta tese foi elaborar um catálogo das traduções de literatura latina publicadas no Brasil entre 1808 e 2014 e, a partir deste, fazer um estudo descritivo dessas traduções, nos termos da teoria proposta por Itamar Even-Zohar (1990) e Gideon Toury (1995, 2012). Primeiramente, definimos quais autores e obras entendemos que fazem parte do que chamamos literatura latina. Chegamos a uma lista de 71 autores latinos, que escreveram entre o século III a.C. até o século V d.C., quando chega ao fim o Império Romano do Ocidente, e que constituem o que chamamos, nesta tese, de cânone da literatura latina. Esse cânone foi pensado a partir da leitura de três historiografias da literatura latina: *História da literatura latina*, de Ettore Paratore (1997), *Literatura latina*, de Jean Bayet (1997) e *A literatura latina*, de Zelia de Almeida Cardoso (2003).

Definido o cânone da literatura latina, iniciamos nosso estudo do sistema de literatura latina traduzida no Brasil a partir de uma pesquisa sobre as traduções publicadas no país entre 1808 e 2014. Essa pesquisa foi feita nos acervos *online* de bibliotecas universitárias, no acervo *online* da Biblioteca Nacional e em dois bancos de dados, *Worldcat* e *Index translationum*. O *Repertório brasileiro de lingua e literatura latina* (2006) de Tuffani também foi uma fonte de dados para nossa pesquisa. Buscamos, nessas fontes, as seguintes informações: as obras traduzidas, seus autores, seus tradutores, as editoras que as publicaram, a data da primeira edição, se as edições eram bilíngues ou não, se estavam vinculadas a alguma coleção e se eram traduções indiretas. Também anotamos todas as reedições que encontramos das obras. Essas informações foram organizadas no catálogo de traduções que constitui o quarto capítulo desta tese. Sabemos que uma compilação de traduções publicadas em um período relativamente extenso de tempo pode ter suas lacunas. Como vimos com o método de Pym (1998), nossas listas dependem de outras listas e um dos trabalhos do historiador da tradução é compará-las e, se necessário, compensá-las. Assim, esperamos que pesquisas futuras sobre a história da tradução de literatura latina no

⁴¹ “Somos um haver da morte, nós e o que é nosso.” (Tradução de Jaime Bruna. In: ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. *A poética clássica*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1995, p. 57).

Brasil venham completar nossos dados de maneira que, cada vez mais, tenhamos uma visão mais completa desse sistema de literatura traduzida.

Pensando nas ferramentas de análise viabilizadas pela teoria dos Estudos Descritivos e nos momentos decisivos, para usar a expressão de Antonio Candido (2000), da história da literatura brasileira, analisamos os dados dispostos em nosso catálogo. Optamos por apresentar a análise nos capítulos de fundamentação teórica e da literatura latina no contexto editorial e literário brasileiro, pois, em nossa opinião, dessa maneira o leitor perceberia com mais clareza a relevância da teoria para nosso estudo e as relações possíveis entre nossos dados e o sistema literário brasileiro. A contextualização histórica e a leitura das oito historiografias literárias foram fundamentais para nossa pesquisa pois, como afirma Toury (2012), as traduções são fatos da cultura de chegada e devem ser estudadas a partir dessa cultura.

Segundo a teoria dos polissistemas, como pensada por Even-Zohar (1990), a literatura traduzida não está desconectada da literatura nacional. Esses dois sistemas estão de alguma forma relacionados e sofrem e exercem influência um sobre o outro. Em relação à nossa pesquisa, procuramos apontar momentos em que encontramos conexões entre o sistema literário brasileiro e o sistema de literatura traduzida no Brasil. No período do Arcadismo, por exemplo, das sete traduções publicadas, cinco eram obras de poetas líricos latinos. A partir da leitura das historiografias da literatura brasileira, vimos que os poetas árcades tinham como modelo os poetas líricos latinos e usavam imagens da poesia clássica em suas obras próprias. Assim, estabelecemos uma relação entre a seleção das obras de literatura latina traduzidas e publicadas durante o Arcadismo e o modelo literário canônico vigente no sistema literário brasileiro, naquele momento.

Outra relação que estabelecemos entre o sistema literário brasileiro e o sistema de literatura latina traduzida no Brasil foi no período do Modernismo. Já a partir do Romantismo, os escritores desejavam um afastamento da literatura europeia, considerada ultrapassada, ao mesmo tempo que pretendiam produzir uma literatura genuinamente brasileira. No entanto, a partir das historiografias literárias, vimos que, durante as últimas décadas do século XIX, dois movimentos distintos conviveram no sistema literário brasileiro. De um lado, havia escritores que rejeitavam os modelos europeus e, de outro, escritores que supervalorizavam a cultura e a literatura clássicas. Esses dois grupos refletiam o agitado momento político do Brasil, que vivia o processo da independência.

A literatura clássica, então, assume uma posição mais periférica somente a partir dos primeiros anos do século XX. A análise dos dados mostrou uma queda no número de traduções no período entre as duas últimas décadas do século XIX e os primeiros vinte anos do século XX. Além disso, há uma lacuna nas publicações de traduções de literatura latina no Brasil entre os anos de 1921 e 1927. Explicamos esse intervalo pelo viés da teoria descritiva, pois compreendemos que ele coincidiu com o período no qual os escritores modernistas ocupavam o centro do sistema literário brasileiro e a literatura clássica não era um modelo para eles, diferentemente do que vimos no Arcadismo. Quando a literatura clássica deixa de ocupar uma posição de prestígio no sistema literário brasileiro, há uma queda no número de traduções de literatura latina. Entendemos que, nesse caso, os dois sistemas, o de literatura brasileira e o de literatura traduzida, estavam exercendo influência um sobre o outro.

Há ainda uma consideração a ser feita sobre as conexões que fizemos entre as publicações de literatura latina e os movimentos literários que aconteciam no Brasil. Sabemos que a divisão da literatura em escolas literárias é arbitrária e que os movimentos não começam e acabam de repente, mas que coexistem no fluxo contínuo que é a literatura e suas manifestações. E muito embora o fenômeno da literatura apresente também dinâmicas próprias e complexas com certo grau de imponderável, é certo que ele também é fruto de um contexto literário, social e histórico. Como Toury (2012) e Candido (2000), entendemos que as obras literárias não surgem num vácuo, mas estão integradas a um sistema e circunstanciadas a um momento social e histórico. Foi nesse sentido que nos permitimos estabelecer algumas relações entre o contexto histórico e literário e a publicação das traduções de literatura latina no Brasil.

Em relação às normas pensadas por Toury (2012), como não analisamos textualmente as traduções, nosso estudo nos permitiu verificar somente as normas preliminares, principalmente no que diz respeito à política de tradução, que se refere àqueles fatores que governam a escolha dos textos a serem importados a uma cultura/língua específica, via tradução, num momento particular. Em nosso estudo, encontramos um exemplo de política de tradução na atuação das editoras Paulinas, Paulus e Vozes. As três editoras, todas pertencentes a congregações religiosas, são as que mais publicaram traduções de literatura latina durante o período pesquisado, de 1808 a 2014. Procuramos demonstrar como a política de tradução dessas editoras, de promoção dos textos cristãos do período pós-clássico da literatura latina,

influenciou nos títulos, autores e gêneros literários mais traduzidos no Brasil. Essas editoras colocaram em evidência Agostinho, o autor latino mais traduzido entre 1808 e 2014 no Brasil, e os textos de teologia, que pertencem a um dos gêneros literários mais publicados.

Uma das figuras centrais do sistema de literatura latina traduzida no Brasil é Odorico Mendes. Tradutor e poeta, traduziu toda a obra de Homero e Virgílio para o português brasileiro na segunda metade do século XIX. De acordo com as historiografias consultadas, os procedimentos inovadores usados por Odorico Mendes em suas traduções, como a criação de neologismos, fusão de substantivos e adjetivos também se manifestaram na sua poesia e em escritores brasileiros posteriores a ele. Através da crítica e reconhecimento dos escritores concretistas, na segunda metade do século XX, tornaram-se modelo de tradução. Também atestam sua importância a grande quantidade de estudos a respeito de suas traduções e a permanência destas no sistema de literatura latina traduzida, através de sucessivas reedições.

Observar os tradutores que produziram as traduções de literatura latina encontradas em nossa pesquisa também nos auxiliou na compreensão do sistema de literatura latina traduzida no Brasil. Ao observarmos as traduções publicadas no século XIX, percebemos que a tradução de obras latinas no Brasil ainda era dependente de Portugal, pois dos 20 tradutores que publicaram naquele período, 8 eram portugueses. Isso quer dizer que quase metade das traduções de literatura latina que circularam no Brasil, durante o século XIX, foram feitas por portugueses. O número de traduções portuguesas, nesse período, não é surpreendente se pensarmos que muitos intelectuais portugueses viveram no Brasil no século XIX. No entanto, ao analisar o catálogo de traduções do século XX em diante, constatamos que as traduções de literatura latina feitas por portugueses continuam a circular no mercado editorial brasileiro. Entre 2000 e 2014, 65 tradutores publicaram traduções de literatura latina no Brasil. Dentre esses, 12 são portugueses, e tiveram suas traduções publicadas também em Portugal, ou seja, quase 19% dos tradutores de literatura latina que publicaram no Brasil, nesse período, são portugueses. Isso nos mostrou que, apesar do Brasil ser independente política e culturalmente de Portugal, as traduções portuguesas de literatura latina ainda encontram espaço no mercado editorial brasileiro.

A partir dos anos de 1990, podemos dizer que a tradução de literatura latina no Brasil passa a ocupar espaços muito específicos: das 124 traduções encontradas entre 1990 e 2014, 81 foram traduzidas por

professores universitários e 11 por tradutores ligados a congregações religiosas. A partir da observação do perfil dos tradutores foi possível perceber que o mercado editorial de traduções de literatura é atualmente dominado pela academia e pelas congregações religiosas, estas últimas contando, ainda, com a atuação das editoras Paulinas e Paulus.

A análise dos períodos literários da literatura latina mais traduzidos no Brasil nos mostrou que, durante o período pesquisado, houve uma preferência pela tradução da literatura do período clássico, em primeiro lugar, e do pós-clássico, em segundo. Ao analisar os dados relacionados aos autores mais traduzidos, Agostinho, como já dissemos, foi o mais traduzido, ao lado de Virgílio, Horácio, Cícero e Fedro. Entre as traduções mais publicadas, estão obras de Virgílio, Agostinho, Horácio, Ovídio, Sêneca e Cícero. As motivações por trás dessas preferências parecem ser diferentes: de um lado, as traduções do período pós-clássico e de Agostinho têm relação com a política de tradução de algumas editoras, como notamos. Por outro lado, as traduções do período clássico e dos outros autores citados podem ter sido mais numerosas por ser este o período mais importante da literatura latina e pelo prestígio que possuem os autores Virgílio, Horácio, Cícero, Ovídio, Sêneca e Fedro.

Finalmente, pensamos que o sistema de literatura latina traduzida no Brasil teve diferentes configurações entre 1808 e 2014. Em alguns momentos, os movimentos literários do cenário nacional parecem ter influenciado na seleção e no número de traduções, como vimos no período do Arcadismo e do Modernismo. No entanto, a atuação das editoras e sua política de tradução também exercem sua força, por exemplo, quando vemos que Agostinho é o autor mais traduzido do período pesquisado. Nas últimas duas décadas, a maior parte das traduções de literatura latina é feita por professores universitários, que talvez tenham motivações mais pessoais para a escolha de determinados textos. Portanto, como nos mostra a teoria descritiva, os sistemas literários sofrem influência de diversos fatores: literários, culturais, históricos e/ou políticos. A análise de nossos dados demonstrou que o sistema de literatura latina traduzida no Brasil também sofreu, ao longo desses anos pesquisados, influências distintas, sendo que ora um, ora outro fator se sobressaiu. Nossa análise corrobora a teoria descritiva quando demonstramos que a compreensão do contexto de chegada é fundamental para o estudo das traduções.

No segundo capítulo desta tese vimos que, para Pym (1998), a história da tradução deveria ser baseada na interculturalidade para, assim, dizer-nos mais sobre as culturas. A partir desse conceito,

questionamos: podemos falar em interculturalidade entre a cultura brasileira e a cultura latina? Ao final da tese, pensamos que, embora não exista mais uma civilização latina, no sentido geográfico e linguístico, a interculturalidade entre essa cultura latina e a brasileira existe através da tradução. A leitura de Pym (1998) também provocou as seguintes perguntas: como entender o sistema literário latino se não há mais uma comunidade falante de latim? É possível dizer que a literatura latina existe enquanto sistema literário, mas não existe mais enquanto sistema cultural? A cultura latina chegou ao Brasil de segunda mão, com os portugueses, mas o fato é que, pelas traduções, ela vem se mantendo em nosso sistema cultural e literário até hoje. O aumento no número de traduções de literatura latina desde os anos de 1980 para cá é uma demonstração de sua força e permanência. Assim, entendemos que o sistema literário latino pode ser compreendido através dos textos traduzidos. O sistema literário e cultural latino faz parte do sistema literário e cultural brasileiro, portanto, sua existência é garantida por outros sistemas culturais que mantêm viva a cultura latina.

Esgotar a análise dos dados, por sua dimensão e cruzamentos, seria tarefa árdua. Assim, não pudemos avançar na análise de alguns pontos que nos chamaram a atenção. Mas esperamos que pesquisas futuras abordem essas e outras questões.

Por exemplo, entendemos que a análise textual das traduções pode revelar outras normas que estariam regendo o sistema de literatura latina traduzida no Brasil, especialmente a norma inicial e as normas operacionais, conforme definidas por Toury (2012). A análise textual também permitiria relacionar (ou não) as traduções inovadoras a momentos da literatura brasileira, pensando nas hipóteses de Even-Zohar (1990, p. 47), de que a tradução traz inovações para o sistema de chegada quando uma literatura é jovem, periférica e/ou fraca ou quando há crises ou vácuos literários.

Outro aspecto importante ainda por ser investigado é o das obras de literatura latina que não foram traduzidas e por qual razão são esquecidas, quando não rejeitadas, pelo sistema literário brasileiro. Também merece um estudo futuro o papel de D. Pedro II como incentivador e financiador de traduções de literatura clássica, como vimos no caso dos irmãos Castilho e de suas traduções dos *Amores* (1858) e da *Arte de amar* (1862).

Por fim, estudos individuais que mostrem a história da tradução de cada autor e sua inserção no sistema literário brasileiro também contribuiriam para uma compreensão cada vez maior das relações entre literatura latina e sistema cultural brasileiro pelo intermédio da tradução.

Esta é uma história que ainda continua se fazendo, prova da vitalidade da língua e cultura latinas em nossos dias e também (por que não?) do papel fundamental da tradução na difusão, condições de transmissão e fertilização de todas as culturas.

REFERÊNCIAS

- ACCÁCIO, Manuela Acássia. Tradução indireta: uma prática de divulgação e enriquecimento cultural. **Tradterm**, [s.l.], v. 16, p.97-117, 18 jun. 2010.
- BASSNETT, Susan. **Estudos de tradução: fundamentos de uma disciplina**. Tradução: Vivina de Campos Figueiredo. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 2003.
- BAYET, Jean. **Literatura latina**. Tradução de José-Ignacio Ciruelo. 3. ed. Barcelona: Editorial Ariel, 1996
- BERMAN, Antoine. **L'épreuve de l'étranger: culture et traduction dans l'Allemagne romantique**. Paris: Gallimard, 1984.
- BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil – 1900**. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- _____. **Naturalistas, parnasianos e decadistas: vida literária do Realismo ao Pré-modernismo**. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.
- CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989.
- _____. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 6. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda., 2000.
- CARDOSO, Zelia de Almeida. **A literatura latina**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. O percurso dos estudos clássicos no Brasil. **Classica**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 17-36, mar. 2014.
- CARPEAUX, Otto Maria. **História da literatura ocidental**. 2.ed. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1960.
- CATFORD, F. C. **Uma teoria linguística da tradução**. Tradução: Centro de Especialização de Tradutores de Inglês do Instituto de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. São Paulo: Cultrix, 1980.
- CARVALHO, Raimundo. Tradução de poesia latina clássica: uma tradição sempre renovada. **Revista Letras**, Curitiba, v. 89, n. 1, p.105-116, jan./jun. 2014.
- COSTA, Walter Carlos; GUERINI, Andréia; TORRES, Marie-Hélène C. (Org.). **Literatura traduzida e literatura nacional**. Rio de Janeiro: 7letras, 2008.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. Polysystem studies. **Poetics today**, v. 11, n. 1, 1990.
- FURLAN, Mauri. Quem traduzirá literatura latina no Brasil? In: Simpósio do Grupo de Pesquisa Literatura Traduzida, 2., 2005,

- Florianópolis. **Comunicação**. Florianópolis: UFSC, 2005. Disponível em: <<http://goo.gl/v2xhM>>. Acesso em: 30 abr. 2014.
- GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. Tradução: Álvaro Faleiros. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.
- GENTZLER, Edwin. **Contemporary translation theories**. Clevedon: Multilingual Matters, 2001.
- GUERINI, Andréia; TORRES, Marie-Hélène C.; COSTA, Walter Carlos (Org.). **Literatura e tradução**: Textos selecionados de José Lambert. Rio de Janeiro: 7letras, 2011.
- HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. Tradução: Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.
- HIRSCH, Irene. A tradução e a Inconfidência Mineira. **Tradução em Revista**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 5, p.1-10, mar. 2008.
- LEFEVERE, André. **Tradução, reescrita e manipulação da fama literária**. Tradução: Claudia Matos Seligmann. Bauru, SP: Edusp, 2007.
- MAGALHÃES, Pablo Antonio Iglesias. As servinas em Portugal: a rede comercial intercontinental de livros impressos na Bahia colonial. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 32, p. 223-256, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-101X2016000100223&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 mar. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/2237-101X0173212>.
- MALMKJAER, Kirsten; BAKER, Mona. **Routledge encyclopedia of translation studies**. London: Routledge, 1998.
- MARTINS, Wilson. **História da inteligência brasileira: (1794-1855)**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1978. 2 v.
- OLIVEIRA, José Quintão de. Homero Brasileiro: Odorico Mendes traduz a épica clássica. **Nuntius antiquus**, Belo Horizonte, v. VII, n. 2, p.7-21, jan./jun. 2011. Semestral.
- PAES, José Paulo. **Tradução: a ponte necessária: aspectos e problemas da arte de traduzir**. São Paulo: Ática, 1990.
- PAGANO, Adriana; VASCONCELLOS, Maria Lúcia. Estudos da Tradução no Brasil: reflexões sobre teses e dissertações elaboradas por pesquisadores brasileiros nas décadas de 1980 e 1990. **D.e.l.t.a**, São Paulo, v. 19, n. 1, p.1-25, mar. 2003.
- PARATORE, Ettore. **História da literatura latina**. Tradução: Manuel Losa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.
- PYM, Anthony. **Exploring translation theories**. New York: Routledge, 2010.

- _____. **Method in translation history.** Manchester: St. Jerome Publishing, 1998.
- REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO BRASILEIRO. Tomo XVII. 4º trimestre de 1854.
- ROMERO, Sílvio. **História da literatura brasileira.** 4. ed. v.1. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949. 5 v.
- _____. **História da literatura brasileira.** 7. ed. v. 2. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980. 5 v.
- _____. **História da literatura brasileira.** 7. ed. v. 3. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980. 5 v.
- _____. **História da literatura brasileira.** 7. ed. v. 4. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980. 5 v.
- _____. **História da literatura brasileira.** 4. ed. v. 5. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949. 5 v.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da literatura brasileira: seus fundamentos econômicos.** 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- SOUZA, Germana Henriques Pereira de. Tradução e sistemas literários: Contribuições de Antonio Candido para os Estudos da Tradução. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 35, n. 1, p. 56-74, jan./jun., 2015.
- STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. **História da literatura brasileira.** 2 ed. Tradução: Pérola de Carvalho e Alice Kyoko. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.
- SUASSUNA, Ariano. **O santo e a porca.** 26. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.
- TOURY, Gideon. **Descriptive translation studies and beyond.** Amsterdam: J. Benjamins, 1995.
- _____. **Descriptive translation studies and beyond: revised edition.** Amsterdam: J. Benjamins, 2012.
- TUFFANI, Eduardo. **Repertório brasileiro de língua e literatura latina.** Cotia: Íbis, 2006.
- VENUTI, Lawrence. **The translator's invisibility: a history of translation.** London: Routledge, 1995.
- VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira.** 5. ed. José Olympio: Rio de Janeiro, 1969.
- VIEIRA, Brunno V. G.. Recepção de Odorico Mendes: (a)casos de crítica de tradução no séc. XIX. **Phaos**, Campinas, n. 10, p.139-154, jan./dez. 2010b.

_____. Um tradutor de latim sob D. Pedro II: perspectivas para a história da tradução da literatura greco-romana em português. **Revista Letras**, Curitiba, v. 80, p.71-87, jan./abr., 2010a.

VIRGÍLIO. **Eneida**. Tradução e notas de Odorico Mendes. Cotia: Ateliê Editorial, 2005.

REFERÊNCIAS DOS CATÁLOGOS CONSULTADOS

- ABRIL CULTURAL. Disponível em: <<http://www.abril.com.br/livro/>>. Acesso em: 03 fev. 2015.
- ARS POETICA. Disponível em: <<http://www.arspoetica.com.br/>>. Acesso em 02 mar. 2015.
- ATELIÊ EDITORIAL. Disponível em: <<http://www.atelie.com.br/>>. Acesso em: 12 jan. 2015.
- BRASILIENSE. Disponível em: <<http://www.editorabrasiliense.com.br/>>. Acesso em: 10 jan. 2015.
- COMPANHIA DAS LETRAS. Disponível em: <<http://www.companhiadasletras.com.br/>>. Acesso em: 20 jan. 2015.
- COSACNAIFY. Disponível em: <<http://editor.cosacnaify.com.br/>>. Acesso em: 30 jan. 2015.
- CRISÁLIDA. Disponível em: <<http://www.crisalida.com.br/>>. Acesso em: 28 jan. 2015.
- CULTRIX. Disponível em: <<http://www.pensamento-cultrix.com.br/>>. Acesso em: 05 fev. 2015.
- EDIURO. Disponível em: <<http://www.ediouro.com.br/novo/>>. Acesso em: 28 jan. 2015.
- EDITORA GLOBO. Disponível em: <<http://globolivros.globo.com/>>. Acesso em: 15 fev. 2015.
- EDITORA UNICAMP. Disponível em: <<http://www.funcamp.unicamp.br/>>. Acesso em: 10 fev. 2015.
- EDITORA VOZES. Disponível em: <<http://www.editoravozes.com.br/>>. Acesso em: 10 set. 2015.
- EDUSP. Disponível em: <<http://www.edusp.com.br/>>. Acesso em: 20 jan. 2015.
- ESTANTE VIRTUAL. Disponível em: <<http://www.estantevirtual.com.br/>>. Acesso em: 25 mar. 2015.
- FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Disponível em: <<http://www.bn.br/acervo/>>. Acesso em: 10 jan. 2015.
- GRUPO EDITORIAL SCORTECCI. Disponível em: <<http://www.scortecci.com.br/>>. Acesso em 03 mar. 2015.
- HEDRA. Disponível em: <<http://www.hedra.com.br/>>. Acesso em: 18 jan. 2015.
- LANDY EDITORA. Disponível em: <<http://www.sitiodolivro.pt/>>. Acesso em: 16 jan. 2015.
- L&PM EDITORES. Disponível em: <<http://www.lpm.com.br/>>. Acesso em: 12 jan. 2015.

- MARTINS FONTES. Disponível em: <<http://www.wfmartinsfontes.com.br>>. Acesso em: 15 mar. 2015.
- MUSA EDITORA. Disponível em: <<http://musaeditora.com.br>>. Acesso em: 12 mar. 2015.
- NOVA ALEXANDRIA. Disponível em: <<http://www.novaalexandria.com.br>>. Acesso em: 10 mar. 2015.
- NOVA CULTURAL. Disponível em: <<http://www.obrasprimas.com.br>>. Acesso em 30 jan. 2015.
- PAULINAS. Disponível em: <<http://www.paulinas.org.br/portal/>>. Acesso em: 15 set. 2015.
- PAULUS. Disponível em: <[http:// www.paulus.com.br/portal/](http://www.paulus.com.br/portal/)>. Acesso em: 16 set. 2015.
- PONTES EDITORES. Disponível em: <<http://www.ponteseditores.com.br>>. Acesso em: 21 jan. 2015.
- UNESCO. Index Translationum. Disponível em: <www.unesco.org/xtrans>. Acesso em: 15 fev. 2015.
- WORLDCAT. Disponível em: <<https://www.worldcat.org>>. Acesso em: 20 jan. 2015.

ANEXOS

Tabela 11. Lista dos autores de literatura latina citados em Bayet (1996), Cardoso (2003) e Paratore (1997).

Autores citados por Bayet (1997)	Autores citados por Cardoso (2003)	Autores citados por Paratore (1997)
Ápio Cláudio	Agostinho	A. Cecina
Lívio Andronico	Ambrósio	A. Cornélio Celso
Névio	Apuleio	A. Cremúcio Cordo
Plauto	Aulo Gélío	Ácio
Ênio	Catão	Adriano
Catão	Catulo	Afrânio
Cecílio Estácio	César	Agno Úrbico
Terêncio	Cícero	Agostinho
Titínio	Cipriano	Agripina Menor
T. Quíncio Ata	Claudiano	Albino
Afrânio	Ênio	Albinovano Pedão
Pacúvio	Estácio (poeta)	Álfio Avito
Ácio	Eutrópio	Amafínio
Lucílio	Fedro	Ambrósio
Lúcio Cássio Hemina	Horácio	Amiano Marcelino
Calpúrnio Pisão Frugi	Juvenal	Aneu Cornuto
Cornélio Antipater	Lívio Andronico	Aniano Falisco
Semprônio Aselião	Lucano	Antônio Juliano
Valério	Lucílio	Ápio Cláudio
Q. Cláudio Quadrigário	Lucrécio	Apuleio
L. Cornélio Sisena	Macróbio	Áquila Romano
Élio Tuberão	Marcial	Arator
C. Licínio Macro	Minúcio Félix	Arélio Fusco
L. Élio Estilão	Névio	Arnóbio
Emílio Escauro	Orósio	Arnóbio, o Jovem
Q. Lutácio Catulo	Ovídio	Arrúncio Celso
Marco Antônio	Pérsio	Arusiano Méssio
L. Licínio Crasso	Petrônio	Asínio Polião
Q. Hortênsio Hortalo	Plauto	Asmônio
Cícero	Plínio, o Jovem	Atílio
Lucrécio	Plínio, o Velho	Atílio Fortunaciano
Lévio	Propércio	Aufídio Basso
P. Valério Catão	Prudêncio	Augusto
Hélvio Cina	Quintiliano	Aulo Gélío
Licínio Calvo	Salústio	Aurélio Opílio

Catulo	São Jerônimo	Ausônio
César	São Paulino de Nola	Auxêncio, Bispo de Durostorum
Aulo Hirtio	Sêneca, o Filósofo	Aviano
Salústio	Sêneca, o Retor	Balbo
Cornélio Nepos	Sidônio	Baquiário
Varrão	Suetônio	Boécio
Nóvio	Sulpício Severo	C. Albúcio Silo de Novara
L. Pompônio	Tácito	C. Ateio Capitão
Décimo Labério	Terêncio	C. Concórdio Siríaco
Publílio Siro	Tertuliano	C. Cornélio Sila
Asínio Polião	Tibulo	C. Fânio
C. Cilnio Mecenas	Tito Lívio	C. Júlio Higino
Marco Valério Messala Corvino	Varrão	C. Júlio Vítor
Augusto	Virgílio	C. Licínio Macro
L. Vário Rufo	Vitrúvio	C. Mário Vitorino
Fundânio	Total: 48 autores	C. Melisso
Cássio de Parma		C. Musônio Rufo
C. Válgio Rufo		C. Semprônio Tuditano
Emílio Macro		C. Sulpício Apolinar
Virgílio		C. Tício
Horácio		C. Valério Edítuo
Tito Lívio		C. Válgio Rufo
C. Júlio Higino		C. Vétio Aquilino Juvenco
M. Vérrio Flaco		Cácio Ínsubre
Cecílio Epirota		Calcídio
Cornifício		Calpúrnio Pisão Frugi
Cornélio Galo		Canínio Rufo
Tibulo		Cânio Rufo de Cádiz
Domício Marso		Carvílio Pictor
Ligdamo		Cássio Félix
Sulpícia		Cássio Severo
Propércio		Cassiodoro
Ovídio		Catão
Albinovano Pedão		Catulo
Sêneca, o Retor		Catulo (mimógrafo)
Rabírio		Cecílio Estácio
Cornélio Severo		Cecina

Pôntico
 Tuticano
 Macer, o Jovem
 Manílio
 Quinto Aquílio Níger
 T. Labieno
 Fenestela
 C. Clódio Licínio
 Pompeu Trogo
 M. Antístio Labeão
 C. Ateio Capitão
 Vitrúvio
 M. Pórcio Látron
 Arélio Fusco
 C. Albúcio Silo de Novara
 Fedro
 Germânico
 Columela
 Tito Calpúrnio Sículo
 Júlio Africano
 Gaio Crispo Pasiêno
 Cneu Domício Afêr
 Éprio Marcelo
 Masúrio Sabino
 Próculo
 Quinto Ascônio Pediano
 M. Valério Probo
 Quinto Rêmio Palemão
 A. Cornélio Celso
 Pompônio Mela
 A. Cremúcio Cordo
 Públio Aufídio Baso
 M. Servílio Noniano
 Marco Veleio Patérculo
 Valério Máximo
 Quinto Cúrcio
 Sêneca, o Filósofo
 Pérsio
 Lucano

Célio Antípatro
 Célio Aureliano de Sica
 Célio Sabino
 Censorino
 César
 César Estrabão
 Cesélio Víndex
 Césio Basso
 Cevo Memor
 Cícero
 Cipião
 Cipião Emiliano
 Cipriano
 Ciprião da Gália
 Claudiano
 Claudiano Mamerto
 Cláudio
 Cláudio Diadumeno
 Cláudio Mamertino
 Cláudio Mário Vítor
 Cláudio Polião
 Clúvio Rufo
 Cn. Aruleno
 Cn. Domício Corbulão
 Cn. Gélio
 Cn. Mácio
 Cn. Otávio
 Columela
 Cominiano
 Comodiano
 Consêncio
 Coripo
 Cornélio Boco
 Cornélio Epicado
 Cornélio Galo
 Cornélio Labeão
 Cornélio Nepos
 Cornélio Severo
 Coronato

Petrônio
Plínio, o Velho
Quintiliano
Valério Flaco
Sílio Itálico
Estácio (poeta)
Marcial
Juvenal
Tácito
Plínio, o Jovem
Suetônio
Floro
Justino
M. Cornélio Frontão
Apuleio
Terêncio Escauro
Helênio Ácron
Porfírio de Tiro
Censorino
Solino
Mário Plócio Sacerdote
Aulo Gélio
Gaio (jurista)
Emílio Papiniano
Eneu Domício Ulpiano (Ulpiano de Tiro)
Júlio Paulo
Prudentíssimo
Tertuliano
Minúcio Félix
Cipriano
Arnóbio
Lactâncio
Quinto Aurélio Símaco
Eutrópio
Rúfio Festo
Júlio Obsequente
Aurélio Vítor
Amiano Marcelino
Flávio Sosípatro

Cúrcio Nícias
Cúrcio Rufo
Curiácio Materno
Décimo Labério
Destério
Diomedes
Dionísio
Disário
Domiciano
Domício Afro
Donaciano
Dositeu
Dracôncio
Élio Donato
Élio Esparciano
Élio Festo Aftônio
Élio Júnio Cordo
Elpídio Rústico
Emílio Escauro
Emílio Macro
Emílio Papiniano
Emílio Paulo
Emílio Sura
Eneu Domício Ulpiano (Ulpiano de Tiro)
Ênio
Escribônio Afrodísio
Estabério Erotas
Estácio (poeta)
Euangelo
Eugípio
Eumênio
Eusébio
Eustácio
Eutíquio Próculo
Eutrópio
Evânco
Fábio Rústico
Fausto, abade de Lérins

Carísio

Diomedes

Nônio Marcelo

Evantio

Élio Donato

Sérvio Honorato

Marciano Capela

Macróbio

Rufo Festo Avieno

Ausônio

Claudiano

Rútilio Namaciano

São Hilário

Ambrósio

São Jerônimo

Agostinho

Sulpício Severo

Orósio

Salviano

C. Vétio Aquilino

Juvenco

Comodiano

Prudêncio

São Paulino de Nola

Total: 172 autores

Favônio Eulógio

Fedro

Fenestela

Fido Optato

Flávio Capro

Flávio Félix

Flávio Merobaudes

Flávio Sosípatro

Carísio

Florentino

Floro

Foca

Frontão

Frontino

Fundânio

Fúrio Albino

Fúrio Anciate

Fúrio Bibáculo

Fúrio Filócalo

Gaio (jurista)

Gaio Graco

Gargílio Marcial

Genádio

Germânico

Gilda

Grânio Liciano

Grátio

Gregório

Grílio

Helênio Ácron

Hélvio Cina

Herênio Senecião

Higino (gramático)

Horácio

Hostílio

Hóstio

Idácio

Inocêncio I

João Cassiano

Jordanis, Bispo de
Crotona

Juba

Júlio Africano

Júlio Aquilino

Júlio Capitolino

Júlio Exuperâncio

Júlio Fírmico Materno

Júlio Grecino

Júlio Hilarião

Júlio Modesto

Júlio Obsequente

Júlio Romano

Júlio Rufiniano

Júlio Segundo

Júlio Ticiano

Júlio Tirão

Júlio Valério Polêmio

Junílio Africano

Júnio Aruleno Rústico

Júnio Filargírio

Júnio Galião

Júnio Otão

Justino

Juvenal

Juvêncio

Juvêncio Celso

L. Ampélio

L. Antístio Vétere

L. Apuleio

L. Ateio

L. Céstio Pio de
Esmirna

L. Cíncio Alimento

L. Cornélio Sisena

L. Crassídio

L. Élio Estilão

L. Estácio Úrsulo

L. Licínio Crasso

L. Orbílio Pupilo

L. Plócio

L. Pompônio
L. Valério Primano
L. Vário Rufo
Lactância
Lactância Plácido
Leão Magno
Lélio Menor
Lêntulo
Lévio Melisso
Licínio Calvo
Licínio Imbrex
Licínio Muciano
Lívio Andronico
Lucano
Lucífero de Cagliari
Lucílio
Lúcio Cássio Hemina
Lúcio Septímio
Lucrecio
Lúscio Lanuvino
Lutácio Dáfnide
Luxório
M. Antístio Labeão
M. Antônio Liberal
M. Apro
M. Arrúncio Estela
M. Aurélio Olímpio Nemesiano
M. Célio Faventino
M. Coceio Nerva
M. Epídio
M. Gávio Apício
M. Júnio Nipso
M. Pompílio Andronico
M. Pompônio
M. Pórcio Látron
M. Servílio Noniano
M. Valério Probo
M. Vérrio Flaco
Macróbio
Magno Félix Enódio

Mamerco Escauro

Manílio

Marcelo Empírico

Marcial

Marciano Capela

Márcio Mercator

Márcio Salutar

Marco Antônio

Marco Valério Messala
Corvino

Marco Veleio Patérculo

Mariano

Mário Máximo

Mário Plócio Sacerdote

Marulo

Masúrio Sabino

Maximiano

Minúcio Félix

Nazário

Névio

Nigídio Fígulo

Nônio Marcelo

Nóvio

Numitório

Octávio Teucro

Ópio Carete

Oriêncio

Oro

Orósio

Osídio Geta

Ósio de Córdoba

Otaviano

Otávio Rufo

Ovídio

P. Anteio Rufo

P. Clódio Quirinal

P. Lavinio

P. Optaciano Porfírio

P. Pompônio Segundo

P. Rutilio Lupo

P. Rutilio Rufo

P. Túlio Varrão	
P. Valério Catão	
Pacato Drepânio	
Pácio	
Pacúvio	
Paládio	Rutílio
Emiliano	
Papa Anastásio I	
Papa Anastásio II	
Papa Dâmaso I	
Papa Libério	
Papa Pelágio I	
Papa Pelágio II	
Papa Sirício	
Papírio Justo	
Passeno Paulo	
Passieno Crispo	
Paulino de Petricordia	
Pégaso	
Pelágio	
Pelagônio	
Pentádio	
Pérsio	
Petrônia Proba	
Petrônio	
Plauto	
Plínio, o Jovem	
Plínio, o Velho	
Pompeu	
Pompeu Leneu	
Pompeu Planta	
Pompeu Saturnino	
Pompeu Trogo	
Pompônio Mela	
Pôntico	
Pórcio Licínio	
Porfirião	
Porfírio de Tiro	
Potâmio, Bispo de Lisboa	
Prisciliano	

Probo
 Próculo
 Propércio
 Próspero da Aquitânia
 Prudêncio
 Publílio Siro
 Q. Antério
 Q. Cervídio Cévola
 Q. Cláudio
 Quadrigário
 Q. Fábio Pictor
 Q. Lutácio Catulo
 Q. Múcio Cévola
 Q. Sereno Samônico
 Quintiliano
 Quinto Ascônio
 Pediano
 Quinto Aurélio Símaco
 Quinto Rêmio Palemão
 Quírio Fortunaciano
 Rabírio
 Reposiano
 Retício, Bispo de
 Autun
 Românio
 Rubélio Blando
 Rufino de Antioquia
 Rufino de Aquileia
 Rúfio Festo
 Rufo Festo Avieno
 Rústico
 Rutílio Namaciano
 S. Élio Peto
 S. Ireneu de Lião
 S. Júlio Gabiniano
 S. Pompônio
 Salústio
 Sálvio Juliano
 Santo Agapito I
 Santo Eusébio de
 Vercelli

Santo Optato
Santra
São Bento de Núrsia
São Bonifácio I
São Bonifácio II
São Celestino
São Cesário
São Febádio
São Félix III
São Félix IV
São Filástrio de Bréscia
São Fulgêncio
São Gaudêncio
São Gelásio I
São Hilário
São Hormisdas
São Jerônimo
São João I
São João II
São João III
São Leandro
São Martinho
São Máximo
São Paciano de Barcelona
São Paulino de Nola
São Pedro Crisólogo
São Quodvultdeus
São Símaco
São Simplício
São Sixto III
São Zenão de Verona
São Zósimo
Saserna
Saviano (usava o codinome “Timóteo”)
Sedúlio
Semprônio Aselião
Sêncio Augurino
Sêneca, o Filósofo
Sêneca, o Retor

Septímio Sereno
 Ser. Clódio
 Ser. Sulpício Galba
 Ser. Sulpício Rufo
 Sérvio Honorato
 Sescênio Iaco
 Sévio Nicanor
 Sexto Aurélio Vítor
 Sexto Clódio
 Sexto Plácido
 Papiriense
 Sículo Flaco
 Sidônio
 Sílio Itálico
 Sínio Capitão
 Solino
 Sp. Mécio Tarpa
 Suetônio
 Sulpícia
 Sulpício Cartaginês
 Sulpício Severo
 T. Césio Taurino
 T. Labieno
 T. Quíncio Ata
 Tácito
 Tarquínio Prisco
 Tarrutênio Paterno
 Teodoro Prisciano
 Terenciano Mauro
 Terêncio
 Terêncio Escauro
 Tertuliano
 Tib. Cláudio Donato
 Tibério Graco
 Tibulo
 Ticônio
 Títinio
 Títinio Capitão
 Tito Calpúrnio Sículo
 Tito Lívio
 Trábea

Tráseas Peto
Trebélio Polião
Trósio Apros
Turpílio
Úmbrio Primo
Urseio Ferox
Urso
Valério Anciate
Valério Flaco
Valério Máximo
Válio
Varrão
Varrão Atacino
Vélio Longo
Venâncio Fortunato
Venônio
Vespa
Vétio Agório
Pretextato
Vetrônio
Víbio Sequestre
Vicente
Vigílio
Vigílio de Tapso
Vipstano Messala
Virgílio
Virgílio Romano
Virgínio Flavo
Vírio Nicômaco
Flaviano
Vítor de Tununa
Vítor de Vita
Vitrúvio
Vocieno Montano
Volcácio Galicano
Voltácio
Total: 497 Autores

APÊNDICE A – TABELA DAS TRADUÇÕES DE LITERATURA LATINA PUBLICADAS NO BRASIL ENTRE 1808 E 2014

Autor	Título da obra (traduzido/ original)	Tradutor(es)	Editora	Coleção	1ª edição
Horácio	<i>Arte poética (Arte poética de Q. Horacio Flacco: epistola aos pisões) Epistula ad Pisones</i>	Antonio José de Lima Leitão	Typographia de Manoel Antonio da Silva Serva		1818
Virgílio	<i>As bucólicas (tomo 1), As geórgicas (tomo 1) e Eneida (tomos 2 e 3)/ Bucolica; Georgica; Aeneis</i>	Antonio José de Lima Leitão	Typographia Real		1818-19
Horácio	<i>As odes/ Carmina</i>	Tradutor desconhecido	J. G. Tourinho		1824
Virgílio	<i>Poesias avulsas de Américo Elísio/ Bucolica</i>	José Bonifácio	Editora desconhecida		1825
Tito Lívio	<i>História Romana/ Ab urbe condita libri</i>	José Vitorino Barreto Feio	Off. de Langhoff (Hamburgo)		1829
Tácito	<i>Anais/ Annales</i>	José Liberato Freire de Carvalho	J. P. Aillaud (Paris)		1830
Ovídio	<i>Remédios d'amor e queixume de Dido contra Eneas/ Remedia amoris; Heroidum epistolae</i>	José Bento Said	Imprensa do Governo	Oliveira Lima Pamphlet Collection (Oliveira Lima Library)	1831
Virgílio	<i>Eneida/ Aeneis</i>	João Gualberto Ferreira dos Santos Reis	Correio Mercantil		1845-46
Virgílio	<i>As bucólicas: diálogo pastoril/ Bucolica</i>	João Nunes de Andrade	Brasiliense		1846
Horácio	<i>A lírica/ Carmina; Epodoi</i>	Antonio Ribeiro dos Santos	Meira Henriques		1851
Cícero	<i>Os Três Livros de Cícero sobre as Obrigações civis traduzidos em</i>	Miguel Antonio Ciera	Typographia Litteraria		1852

	<i>língua portuguesa</i> ⁴² / <i>De officiis</i>			
Virgílio	<i>Eneida brasileira ou Epopeia de Virgílio Maro</i>	Odorico Mendes	Editora Rignoux	1854
Cícero	<i>Epistolae selectae Nova edição com varias notas em portuguez/ Epistolae</i>	José Ignacio Roquette, Le P.	Editora desconhecida	1858
Ovídio	<i>Os amores e A grinalda ovidiana: apêndice à paráfrase dos amores</i> ⁴³ / <i>Amores</i>	Antonio Feliciano de Castilho; José Vitorino Barreto Feio	Bernardo Xavier Pinto de Sousa	1858
Virgílio	<i>Virgílio brasileiro (Eneida, As bucólicas e As geórgicas)/ Aeneis; Bucolica; Georgica</i>	Odorico Mendes	Typ. W. Remquet (Paris)	1858
Ovídio	<i>Arte de amar de Publio Ovidio Nasão/ Ars amatoria</i>	Antonio Feliciano de Castilho	Eduardo & Henrique Laemmert	1862
César	<i>Comentários sobre a guerra gálica/ Comentarium de bello Gallico</i>	Francisco Sotero dos Reis	Typographia de B. de Mattos	1863
Virgílio	<i>As geórgicas/ Georgica</i>	Antonio Feliciano de Castilho	Typ. de Ad. Lainé e J. Havard (Paris)	1867
Tácito	<i>Diálogo sobre os oradores e Biografia de Julio Agricola Dialogus de oratoribus; De uita et moribus Iulii Agricolae</i>	J. A. P. De M. C.	Machado	1879
Corpus Iuris Ciuilibis	<i>Institutas do imperador Justiniano/</i>	A. Coelho Rodrigues	Mercantil Central	1879-81

⁴² Tradução publicada inicialmente em Portugal, em 1766.

⁴³ Segundo Vieira (2010a, p. 75), “trata-se de uma monumental edição composta pela tradução – ou paráfrase, como os autores preferem chamá-la – de Antonio Feliciano de Castilho em 3 volumes e pela “Grinalda Ovidiana” redigida por Castilho José [José Vitorino Barreto Feio], um compêndio de notas, comentários e referências intertextuais de Ovídio que perfaz um total de 8 volumes, 785 páginas (cf. Ovídio, 1858).”

<i>Institutas</i>				
Fedro	<i>Fábulas/ Fabularum Aesopiarum</i>	Antônio Inácio de Mesquita Neves	Typ. Hamburqueza do Lobão	1884
Horácio	<i>Arte poética: epistola aos Pisões/ Epistula ad Pisonem</i>	Tradutor desconhecido	Imprensa Econômica	1887
Tácito	<i>Vida de Cnêo Julio Agricola/ De uita et moribus Iulii Agricolae</i>	D. G. Bahia	Imprensa Econômica	1887
Cícero	<i>Lélio ou, Tratado sobre a amizade/ De amicitia</i>	J. F. Lima Cortes	Carlos Gaspar da Silva	1888
Plauto	<i>A marmita: aulularia: comedia em 5 actos/ Aulularia</i>	João Cardoso de Menezes e Souza, Barão de Paranapiacaba	Typographia Chrysalida	1888
Virgílio	<i>Églogas (Bucólicas)/ Bucolica</i>	João Baptista Regueira Costa	J.J. Alves d'Albuquerque	1890- 99 (?)
Horácio	<i>Odes, Epodos e Poema secular, explicados litteralmente, traduzidos em portuguez e annotados por Francisco Antonio Picot/ Carmina; Epodoi</i>	Francisco Antonio Picot	Librairies- imprimeries réunies	1893
Tácito	<i>A Germânia/ De Origine et situ Germanorum</i>	Tradutor desconhecido	J. B. Endrizzi	1895
Suetônio	<i>O antigo regimen/ Não identificado</i>	Tradutor desconhecido	Cunha & Irmão	1896
Agostinho	<i>A vida cristã/ Não identificado</i>	Matheus Nogueira Garcez	Instituto social Morumbi	19-?
Tácito	<i>Tacitus Germania: latim-português/ De Origine et situ Germanorum</i>	Luis Martins (?)	Mercedes-Benz do Brasil (?)	19-?
Horácio	<i>Odes: tradução justilinear e literal para auxílio dos estudantes de latim/ Carmina</i>	Tradutor desconhecido	Instituto de Ciências e Letras de São Paulo	1902
Agostinho	<i>Confissões/ Confessiones</i>	Tradutor desconhecido	H. Garnier	1905
Horácio	<i>Sátiras e epístolas</i>	Antônio Luís	H. Garnier	1908

	<i>de Quinto Horácio Flaco/ Sermones; Epistolae</i>	Seabra		(?)
Cícero	<i>Da amizade; Da velhice e Sonho de Scipião/ De amicitia; De senectute; Scipionis somnium</i>	Duarte de Rezende e Damião de Goes	Garnier Irmãos	1911
Cícero	<i>De suppliciis; Discurso contra Verres/ De suppliciis; In Verrem</i>	Estevam de Oliveira	Correio de Minas	1913
Corpus Iuris Ciuilis	<i>Institutas do imperador Justiniano traduzidas e comparadas com o direito civil brasileiro/ Institutas</i>	Spencer Vampré	Magalhães	1915
Cícero	<i>Oração em favor de Marco Marcello/ Pro Marcello</i>	Aug. Magne	Drummond	1920
Virgílio	<i>Eneida/ Aeneis</i>	Leopoldo Pereira	Imprensa Oficial do Estado de Minas (Belo Horizonte)	1920
Cornélio Nepos	<i>Vidas dos capitães célebres/ De uiris illustribus</i>	João Ravizza	Escolas Prof. Salesianas	1928
Fedro	<i>As fábulas/ Fabularum Aesopiarum</i>	Claudio Brandão	Furtado & Campos	1928
Eutrópio	<i>Resumo de história romana/ Breuiarium historiae Romanae</i>	Aug. Magne	Flores & Mano, Moura	Coleção de autores latinos vertidos em português
Fedro	<i>Fabulário/ Fabularum Aesopiarum</i>	João Ravizza	Escolas Prof. Salesianas	1929
Eutrópio	<i>Compêndio de história romana; desde a fundação da cidade até os imperadores Valente e Valentiano/ Breuiarium historiae Romanae</i>	Manoel Vaz Lobo	Nacional	1930

Ovídio	<i>Metamorphoses de Ovídio/ Metamorphoseon libri</i>	R. Teixeira	Livraria Zenith		1930-31
Eutrópio	<i>Compêndio (de história romana) desde a fundação da cidade (de Roma)/ Breuiarium historiae Romanae</i>	João Ravizza	Escolas Prof. Salesianas		1931
Horácio	<i>Odes/ Carmina</i>	João Ravizza	Escolas Prof. Salesianas		1932
César	<i>Commentarios da guerra gaulesa/ Comentarium de bello Gallico</i>	João Ravizza	Escolas Prof. Salesianas		1932
Fedro	<i>Fábulas: texto latino com notas explicativas em português/ Fabularum Aesopiarum</i>	Frederico Greco	Indústria do livro		1933
Ovídio	<i>Arte de amar/ Ars amatoria</i>	Corah O. Roland	Paulista		1935
Apuleio	<i>O asno de ouro/ Libri Metamorphoseon</i>	Tradutor desconhecido	Cultura Moderna	Série Cultural. Obras primas literárias	1936
Cícero	<i>Diálogo sobre a velhice/ De senectute</i>	J. A. Nunes	Cultura Moderna	Série Cultural. As grandes obras	1937
Suetônio	<i>A vida dos doze césares/ Título original ignorado</i>	Sady-Garibaldi	Atena	Biblioteca Clássica	1937
Tácito	<i>As histórias/ Historiae</i>	Berenice Xavier	Athena	Biblioteca clássica	1937
Fedro	<i>Fábulas/ Fabularum Aesopiarum</i>	A.B. Santos Martins; Manoel de Moraes Soares	Cultura		1941
Fedro	<i>As fábulas/ Fabularum Aesopiarum</i>	Nicolau Firmino	Lusitana		1941
Horácio	<i>Obras completas (Odes, Épodos, Carne secular, Sátiras e Epístolas)/ Carmina; Epodoi; Carmen saeculare;</i>	Elpino Duriense; José Agostinho de Macedo; Antônio Luís de Seabra; Francisco	Cultura	Clássica	1941

	<i>Sermones; Epistolae</i>	Antônio Picot			
César	<i>Os comentários sobre a guerra gaulesa/ Comentarii de bello Gallico</i>	Tradutor desconhecido	Lusitana		1941
Lucrécio	<i>Da natureza das coisas/ De rerum natura</i>	Antonio José de Lima Leitão	Cultura	Clássica	1941
Virgílio	<i>A Eneida/ Aeneis</i>	Nicolau Firmino	Lusitana		1941
Cícero	<i>Obras/ Não identificado</i>	Pe. Antônio Joaquim	Cultura	Clássica	1942
Ovídio	<i>Os Fastos, os Amores, a Arte de amar/ Fasti; Amores; Ars amatoria</i>	Antonio Feliciano de Castilho	Cultura	Série Clássica de Cultura. Os mestres do pensamento	1943
Sêneca	<i>A ira/ De ira</i>	Antero Barradas Barata	Vecchi	Os grandes pensadores	1943
Tácito	<i>Germânia/ De Origine et situ Germanorum</i>	Sady-Garibaldi	Para Todos		1943
Virgílio	<i>Obras completas (Bucólicas; Geórgicas; Eneida)/ Bucolica; Georgica; Aeneis</i>	Leonel da Costa Lusitano (Bucólicas); Antonio Feliciano de Castilho (Geórgicas); Odorico Mendes (Eneida)	Cultura	Série Clássica de Cultura: Os mestres do pensamento	1943
Fedro	<i>Fábulas: escolhidas, comentadas e com uma introdução por Ferruccio Rubbiani/ Fabularum Aesopiarum</i>	Tradutor desconhecido	Humberto Ghiggino	Clássicos latinos	1944
Horácio	<i>Sátiras de Horácio/ Sermones</i>	Antonio Augusto Velloso	Queiroz Breyner		1944
Quintiliano	<i>Instituições oratórias/ Institutio Oratoria</i>	Jerônimo Soares Barbosa	Cultura	Série clássica universal	1944
Ambrósio de Milão	<i>O esplendor do lírio: três livros sobre a</i>	Monjas Beneditinas da Abadia de	Editora Vozes	Popular de Formação Espiritual	1945

	<i>virgindade/ De uirginibus; De uirginitate; Exhortatio uirginitatis</i>	Santa Maria			
Juvenal	<i>Sátiras/ Satyrae</i>	Francisco Antônio Martins Bastos	Cultura		1945
Terêncio	<i>Comédias/ Não identificado</i>	Leonel da Costa Lusitano	Cultura	Série clássica universal	1945
Virgílio	<i>Geórgicas e Eneida/ Georgica; Aeneis</i>	Antonio Feliciano de Castilho (Geórgicas) e Odorico Mendes (Eneida)	W.M. Jackson Inc. editores		1948 (?)
Cícero	<i>Tratado dos deveres/ De officiis</i>	Nestor Silveira Chaves	Atena		1949
Fedro	<i>Tradução das fábulas de Fedro/ Fabularum Aesopiarum</i>	Maximiano Augusto Gonçalves	H. Antunes		1950
Ovídio	<i>Metamorphoseon: libri XV enucleati/ Metamorphoseon libri</i>	Adelino José da Silva de Azevedo	Saraiva		1950
Cícero	<i>As catilinárias/ In Lucium Catilinam orationes</i>	Nicolau Firmino	H. Antunes		1951
Cícero	<i>As catilinárias/ In Lucium Catilinam orationes</i>	Maximiano Augusto Gonçalves	H. Antunes		1952
Cícero	<i>Tratados da Amizade; Sonho de Cipião e Paradoxos/ De amicitia; Scipionis somnium; Paradoxa Stoicorum</i>	Duarte de Rezende	Organização Simões	Clássica	1952
Tácito	<i>Germânia/ De Origine et situ Germanorum</i>	Tradutor desconhecido	Brasil	Biblioteca de autores célebres	1952
Cícero	<i>Catilinárias: os quatro discursos de M. T. Cícero contra Lúcio Catilina/ In Lucium Catilinam orationes</i>	Adelino José da Silva de Azevedo	Saraiva		1953
Horácio	<i>Sátiras/ Sermones</i>	Antônio Luís	Organização		1953

		Seabra	Simões		
Agostinho	<i>Um esboço de filosofia religiosa: "De uera religione" de Agostinho/ De uera religione</i>	Henrique C. de Lima Vaz	Universidade Católica do Rio de Janeiro		1955
Apuleio	<i>Amor e Psiqué/ Libri Metamorphoseon</i>	Paulo Rónai; Aurélio Buarque de Holanda Ferreira	Civilização Brasileira	Obras imortais	1956
Ambrósio de Milão	<i>Os mistérios; explicação do simbolismo da iniciação cristã De mysteriis; Explanatio symboli</i>	Monjas Beneditinas da Abadia de Santa Maria	Paulinas		1957
Fedro	<i>Fábulas: acompanhadas de tradução literal, notas explicativas e informações mitológicas/ Fabularum Aesopiarum</i>	J. J. Lucas	Baptista de Souza		1958
Marcial	<i>Cem epigramas/ Epigramae libri</i>	Giulio Davide Leoni; Neyde Ramos de Assis	Nobel	Monumentum aere perennius	1958
Ovídio	<i>As metamorfoses/ Metamorphoseon libri</i>	Antonio Feliciano de Castilho	Organização Simões	Clássica	1959
Salústio	<i>Obras/ Não identificado</i>	José Vitorino Barreto Feio	Logos	Antologia da literatura mundial	1959
Agostinho	<i>Sermões de Natal e Epifania/ Sermo beati Augustini de natale Domini</i>	Monjas beneditinas	Paulinas		1960
Cipriano	<i>A conduta das virgens/ De Habitu Virginum</i>	Monjas Beneditinas	Paulinas		1960
Virgílio	<i>Eneida/ Aeneis</i>	Maximiano Augusto Gonçalves	H. Antunes		196-?
Agostinho	<i>Cidade de Deus/ De ciuitate Dei</i>	Oscar Paes Leme	Editora das Américas		1961-64
Horácio	<i>Odes/ Carmina</i>	José Galdino de Castro Júnior	Imprensa Oficial		1962

Apuleio	<i>O asno de ouro/ Libri Metamorphoseon</i>	Ruth Guimarães	Cultrix		1963
Cícero	<i>Da velhice; Da Amizade/ De senectute; De amicitia</i>	Tassilo Orpheu Spalding	Cultrix	Clássicos Cultrix	1964
Ovídio	<i>A arte de amar/ Ars amatoria</i>	Jamil Almansur Haddad	Biblioteca universal popular	Clássicos	1964
Tácito	<i>Anais/ Annales</i>	Leopoldo Pereira	Departamento de Imprensa Nacional		1964
Cícero	<i>Dos deveres/ De officiis</i>	João Mendes Neto	Saraiva		1965
Virgílio	<i>As abelhas; versão da quarta geórgica/ Georgica</i>	Nicolau Firmino	H. Antunes		1966
Cícero	<i>Das leis/ De legibus</i>	Otávio T. De Brito	Cultrix		1967
Horácio	<i>Arte Poética/ Epistula ad Pisonem</i>	Giulio Davide Leoni	Rassegna Brasiliana di Studi Italiani	Biblioteca brasileira de estudos clássicos	1967
Ovídio	<i>Arte de amar; Contra Ibis/ Ars amatoria; Ibis</i>	Tassilo Orpheu Spalding	Cultrix	Clássicos Cultrix	1967
Plauto	<i>Aulularia, a comédia da panelinha/ Aulularia</i>	Aída Costa	Difel	Coleção Pequena biblioteca Difel - Textos greco- latinos	1967
Ovídio	<i>A arte do cosmético feminino/ De medicamine faciei feminae</i>	Giulio Davide Leoni	Rassegna Brasiliana di Studi Italiani	Biblioteca de estudos clássicos	1968
Tíbulo	<i>Elegias/ Elegi</i>	Giulio Davide Leoni	Rassegna Brasiliana de Studi Italiani	Biblioteca brasileira de estudos clássicos	1968
Agostinho	<i>As confissões/ Confessiones</i>	Frederico Ozanam Pessoa de Barros	Ediouro/Tecno- print		1968- 88 (?)
Cícero	<i>Orações/ Orationes (In Lucium Catilinam orationes; Philippicae orationes)</i>	Pe. Antônio Joaquim	W.M. Jackson Inc. editors	Coleção Clássicos Jackson	1970

Egéria	<i>Peregrinação, liturgia e catequese em Jerusalém no século IV/ Peregrinatio ad loca sancta</i>	Maria da Glória Novak	Editora Vozes	Fontes da catequese	1971
Ambrósio de Milão	<i>Os sacramentos e os mistérios, de Ambrósio/ De Incarnationis Dominicæ Sacramento; De mysteriis</i>	Paulo Evaristo Arns	Editora Vozes		1972
Agostinho	<i>Confissões; Do mestre/ Confessiones/ De magistro</i>	Angelo Ricci; J. Oliveira Santos	Abril Cultural		1973
Agostinho	<i>A instrução dos catecúmenos: teoria e prática da catequese/ De Catechizandis rudibus</i>	Maria da Glória Novak	Editora Vozes	Fontes de catequese	1973
Cipriano	<i>A unidade da Igreja Católica</i>	Carlos Beraldo	Editora Vozes		1973
Virgílio	<i>Eneida/ Aeneis</i>	Miécio Táci	Tecnoprint	Edições de ouro, Coleção calouro	1973 (?)
Leão Magno	<i>Sermões/ Sermones</i>	Monjas Beneditinas da Abadia de Santa Maria	Paulinas	Liturgia	1974
Leão Magno	<i>Sermões sobre o Natal e a Epifania/ Sermones</i>	Irmã Maria Teixeira de Lima	Editora Vozes	Fontes da catequese	1974
Manílio	<i>Os astrológicos ou a ciência sagrada do céu/ Astronomica</i>	Maria Antonia da Costa Lobo	Artenova		1974
Ovídio	<i>Heroides: a concepção do amor em Roma através da obra de Ovídio/ Heroides</i>	Walter Vergna	Museu de Armas Ferreira da Cunha		1975
Plauto	<i>Os menecos/ Menaechmi</i>	Diógenes de Araújo Netto; José Venâncio Ferreira	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Carangola		1975
Leão Magno	<i>Sermões sobre as coletas, a</i>	Monjas Beneditinas da	Editora Vozes	Fontes da catequese	1977

	<i>Quaresma e o jejum de Pentecostes/ Sermones</i>	Abadia de Santa Maria			
Plauto	<i>As bacanas/ Bacchides</i>	Newton Belleza	Emebê	Teatro clássico	1977
Leão Magno	<i>Sermões sobre os santos, jejuns e ordenação episcopal/ Sermones</i>	Monjas Beneditinas da Abadia de Santa Maria	Editora Vozes	Fontes da catequese	1978
Plauto	<i>Comédias (inclui: O cabo; Caruncho; Os Menecmos; Os prisioneiros; O soldado fanfarrão)/ Rudens; Curculium; Menaechmi; Captiui; Miles gloriosus</i>	Jaime Bruna	Cultrix		1978
Corpus Iuris Ciuilis	<i>Instituições de Justiniano/ Institutas</i>	Sidnei Ribeiro de Souza; Dorival Marques	Tribunais do Brasil (Curitiba)		1979
Ovídio	<i>A arte de amar/ Ars amatoria</i>	David Jardim Júnior	Ediouro	Coleção Universidade	1979
Ambrósio de Milão	<i>A virgindade/De uirginibus</i>	Monjas Beneditinas da Abadia de Santa Maria	Editora Vozes	Coleção Os padres da Igreja	1980
Petrônio	<i>Satiricon/ Satyricon libri</i>	Marcos Santarrita	Círculo do Livro		1980
Agostinho	<i>Confissões/ Confessiones</i>	J. Oliveira Santos	Abril Cultural		1980
Cícero	<i>Da república/ De Republica</i>	Amador Cisneiros	Ediouro	Coleção Clássicos de Bolso	1980 (?)
Catulo	<i>Poemas/ Carmina</i>	Guilherme Figueiredo	Editora desconhecida		1981
Tertuliano	<i>O sacramento do batismo: teologia pastoral do batismo segundo Tertuliano/ De baptismo</i>	Urbano Zilles	Editora Vozes	Os padres da igreja	1981
Virgílio	<i>Eneida/ Aeneis</i>	Carlos Alberto Nunes	Editora da UnB		1981
Virgílio	<i>Eneida/Aeneis</i>	Tassilo Orpheu Spalding	Círculo do Livro		1981

Sêneca	<i>Edipo/ Oedipus</i>	Johnny José Mafra	UFMG/PROED		1982
Virgílio	<i>Bucólicas/ Bucolica</i>	Péricles Eugênio da Silva Ramos	Editora UnB: Melhoramentos	Série Clássicos Melhoramentos	1982
Frontino	<i>Das águas da cidade de Roma (97 d. C. – 104 d. C.)/ De aquis urbis Romae</i>	Wolfgang G. Wiendl	Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental		1983
Ovídio	<i>As metamorfoseos/ Metamorphoseon libri</i>	David Jardim Júnior	Ediouro	Coleção Universidade	1983
Agostinho	<i>Confissões/ Confessiones</i>	Maria Luiza Jardim de Amarante	Paulinas	Série Espiritualidade	1984
Agostinho	<i>Confissões/ Confessiones</i>	Jorge Pimentel Cintra	Quadrante		1985
Petrônio	<i>Satyricon/ Satyricon libri</i>	Paulo Leminski	Brasiliense	Circo de Letras	1985 (?)
Catulo	<i>Poemas/ Carmina</i>	Luis Antonio de Figueiredo; Ênio Aloisio Fonda	Timbre	Coleção Bagatela	1986
Gregório Magno	<i>Vida e milagres de S. Bento/ De uita et miraculis uenerabilis Benedicti</i>	Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro	Lumen Christi		1986
Marcial	<i>Epigramas/ Epigramae libri</i>	Luiz Antonio de Figueiredo; Ênio Aloisio Fonda	Timbre	Coleção Bagatela	1986
Sulpício Severo	<i>Vida de São Martinho e três epístolas/ Vita Martini</i>	João Evangelista Enout	Cimbra		1986
Cícero	<i>As catilinárias/ In Lucium Catilinam orationes</i>	Amilcare Carletti	Leud	Os grandes oradores da antiguidade	1987
Agostinho	<i>A verdadeira religião/ De uera religione</i>	Nair de Assis Oliveira	Paulinas	Série Espiritualidade	1987
Salústio	<i>Guerra Catilinária; Guerra Jugurtina/ De conturatione Catilinae; Bellum Iugurtinum</i>	José Vitorino Barreto Feio	Tecnoprint		1987 (?)
Virgílio	<i>Eneida/ Aeneis</i>	David Jardim Júnior	Tecnoprint	Universidade de Bolso	1988

Agostinho	<i>Comentário da primeira Epístola de São João/ In Epistolam Ioannis ad Parthos, tractus decem</i>	Nair de Assis Oliveira	Paulinas	Série Espiritualidade	1989
Agostinho	<i>O cuidado devido aos mortos/ De cura pro mortuis gerenda</i>	Nair de Assis Oliveira	Paulinas		1990
Agostinho	<i>Coração inquieto: textos de Agostinho/ Não identificado</i>	Attilio Cancian	Cidade Nova	Clássicos da espiritualidade	1990
Cipriano	<i>O Pai-Nosso. Sobre as boas obras e a esmola De Pater Noster; De Opere et eleemosynis</i>	Roberto Vidal da Silva Martins	Quadrante	Temas cristãos	1990
Sêneca	<i>Tratado sobre a clemência/ De clementia</i>	Ingeborg Braren	Editora Vozes	Vozes de bolso	1990
Tito Lívio	<i>História de Roma⁴⁴/ Ab urbe condita libri</i>	Paulo Matos Peixoto	Paumapé	Biblioteca Paumapé de história	1990
Agostinho	<i>A virgindade consagrada/ De sancta uirginitate</i>	Nair de Assis Oliveira	Paulinas		1990-91
Catulo	<i>O cancionero de Lésbia/ Carmina</i>	Paulo Sérgio de Vasconcellos	Hucitec		1991
Agostinho	<i>A doutrina cristã : manual de exegese e formação cristã/ De doctrina christiana</i>	Nair de Assis Oliveira	Paulinas		1991
Sêneca	<i>A vida feliz/ De uita beata</i>	André Bartholomeu	Pontes		1991
Sêneca	<i>Medéia/ Medea</i>	André Bartholomeu	Pontes		1991 (?)
Ovídio	<i>Arte de amar/ Ars amatoria</i>	Natália Correia e David Mourão-Ferreira ⁴⁵	Ars Poetica	Poesia/Série Clássicos/ vol. I	1992
Agostinho	<i>O sermão da montanha/ De sermone Domini in</i>	Nair de Assis Oliveira	Paulinas	Espiritualidade	1992

⁴⁴ Tradução publicada em seis volumes.

⁴⁵ Esta edição possui um apêndice com a tradução de Antonio Feliciano de Castilho.

<i>monte</i>					
Sêneca	<i>Cartas consolatórias/ Consolationes</i>	Cleonice Furtado Mendonça van Raij	Pontes		1992
Suetônio	<i>A vida dos doze césares: a vida pública e privada dos maiores imperadores de Roma/ Título original ignorado</i>	Sady-Garibaldi	Prestígio	Clássicos Ilustrados	1992
Cícero	<i>Sobre o destino/ De fato</i>	José Rodrigues Seabra Filho	Nova Alexandria		1993
Cícero	<i>Sobre o destino/ De fato</i>	Zelia de Almeida Cardoso	Nova Alexandria		1993
Horácio	<i>A arte poética/ Epistula ad Pisones</i>	Dante Tringali	Musa	Ler os clássicos	1993
Agostinho	<i>Solilóquios/ Soliloquia</i>	Nair de Assis Oliveira	Paulinas		1993
Agostinho	<i>A vida feliz: diálogo filosófico/ De beata uita</i>	Nair de Assis Oliveira	Paulinas	Espiritualidade	1993
Agostinho	<i>Agostinho dia a dia: breves meditações diárias tomadas dos escritos de Agostinho/ Não identificado</i>	Iara Kastrup Schlaepfer; Gilberto Figueiredo Martins	Loyola		1993
Sêneca	<i>Medeia/ Medea</i>	Giulio Davide Leoni	Ediouro		1993
Sêneca	<i>Sobre a brevidade da vida/ De breuitate uitae</i>	William Li	Nova Alexandria		1993
Ovídio	<i>Os remédios do amor e Os cosméticos para o rosto da mulher/ Remedia amoris; De medicamine faciei feminae</i>	Antonio da Silveira Mendonça	Nova Alexandria		1994
Plauto	<i>A comédia da marmita/ Aulularia</i>	Walter Medeiros	Editora da UnB	Clássicos romanos	1994
Agostinho	<i>Tratado de vida Mariana/ Não identificado</i>	Tinus van Balen	Instituto de Espiritualidade		1994
Sêneca	<i>Sobre a tranquilidade da alma; Sobre o ócio/ De</i>	José Rodrigues Seabra Filho	Nova Alexandria		1994

	<i>tranquilidade animi; De otio</i>				
Terêncio	<i>A sogra/ Hecyra</i>	Walter Medeiros	Editora da UnB	Clássicos romanos	1994
Horácio	<i>Horácio Poeta da Festa: navegar não é preciso: 28 odes: latim/português/ Carmina; Epodoi</i>	Dante Tringali	Musa Editora	Coleção Ler os Clássicos/ vol. 3	1995
Plauto	<i>Os menecmos: comédia em 5 atos/ Menaechmi</i>	José Dejalma Dezotti	UNESP	Coleção Giz-en-Scene	1995
Agostinho	<i>O livre-arbitrio/ De libero arbitrio</i>	Nair de Assis Oliveira	Paulus	Patrística	1995
Agostinho	<i>A trindade/ De Trinitate</i>	Agustinho Frei Belmonte	Paulus	Patrística	1995
Vegécio	<i>A arte militar/ Epitoma Rei Militaris</i>	Gilson César Cardoso de Souza	Paumapé	Clássicos Paumapé	1995
Ambrósio de Milão	<i>Explicação do simbolo; Sobre os sacramentos; Sobre os mistérios; Sobre a penitência/ Explanatio symboli; De sacramentis; De mysterii; De paenitentia</i>	Célia Mariana Franchi Fernandes da Silva	Paulus	Patrística	1996
Catulo	<i>O livro de Catulo/ Carmina</i>	João Angelo Oliva Neto	EDUSP	Texto & Arte	1996
Leão Magno	<i>Sermões/ Sermones</i>	Sérgio José Schirato et alii	Paulus	Patrística	1996
Plauto	<i>A comédia da panela: comédia em cinco atos/ Aulularia</i>	José Dejalma Dezotti	UNESP	Coleção Giz-en-Scene	1996
Virgílio	<i>Bucólicas/ Bucolica</i>	Maria Isabel Rebelo Gonçalves	Verbo	Biblioteca Verbo de autores clássicos	1996
Cícero	<i>Saber envelhecer seguido de A amizade/ De senectute; De amicitia</i>	Paulo Neves	L&PM		1997
Horácio	<i>Obras seletas/ Não identificado</i>	José Ewaldo Scheid	Editora da ULBRA		1997
Ovídio	<i>Poemas da carne e do exílio/ Amores; Tristia; Epistolae</i>	José Paulo Paes	Companhia das Letras		1997

	<i>ex Ponto</i>				
Agostinho	<i>Sobre a potencialidade da alma/ De quantitate animae</i>	Aloysio Jansen de Faria	Editoras Vozes	Textos filosóficos	1997
Sêneca	<i>As troianas/ Troades</i>	Zelia de Almeida Cardoso	Hucitec	Roma Grécia/ vol.6	1997
Cícero	<i>Diálogo sobre as divisões da oratória/ De partitioe oratoria dialogus</i>	Mauro Vieira Maciel	Editora desconhecida		1998
Cícero	<i>Catão, o velho, ou, Diálogo sobre a velhice/ De senectute</i>	Marino Kury	EDIPUCRS	Filosofia	1998
Agostinho	<i>Comentário aos salmos: salmos 101 – 150/ Enarrationes in psalmos</i>	Monjas beneditinas	Paulus	Patrística	1998
Agostinho	<i>A graça/ De spiritu et littera; De natura et gratia; De gratia Christi et peccato originali</i>	Agustinho Frei Belmonte	Paulus	Patrística	1998
Cícero	<i>Dos deveres/ De officiis</i>	Angélica Chiappetta	Martins Fontes		1999
César	<i>A guerra civil/ De bello ciuili comentarii</i>	Antonio da Silveira Mendonça	Estação liberdade		1999
Plauto	<i>O soldado fanfarrão: comédia/ Miles gloriosus</i>	José Dejalma Dezotti	UNESP	Coleção Giz-en-Scene	1999
Vitrúvio	<i>Da arquitetura/ De architectetura</i>	Marco Aurélio Lagonegro	Hucitec e AnnaBlume		1999
Cícero	<i>Manual do candidato às eleições : Carta do bom administrador público; Pensamentos políticos selecionados/ Epistolae ad quintum fratrem, I, 1; Selectae ciceronis sententiae</i>	Ricardo da Cunha Lima	Nova Alexandria		2000
Corpus Iuris	<i>Institutas do</i>	Agnes Cretella;	Revista dos		2000

Ciúlis	<i>Imperador Justiniano: manual didático para uso dos estudantes de direito de Constantinopla, elaborado por ordem do Imperador Justiniano, no ano de 533 d. C./ Institutas</i>	J. Cretella Júnior	Tribunais		
Ovídio	<i>Metamorfoses/ Metamorphoseon libri</i>	Bocage	Hedra		2000
Agostinho	<i>Dos bens do matrimônio; A santa virgindade; Dos bens da viuvez; Cartas a Proba e a Juliana/ De bono coniugali; De sancta uirginitate; De bono uiduitatis</i>	Tradutor desconhecido	Paulus	Patrística	2000
Agostinho	<i>As confissões de Agostinho: as mais belas páginas de uma obra-prima imortal/ Confessiones</i>	Marcos Van Acker	Paulinas		2000
Sêneca	<i>Sobre a providência divina; Sobre a firmeza do homem sábio De Prouidentia; De constantia sapientis</i>	Ricardo da Cunha Lima	Nova Alexandria		2000
Cícero	<i>Da amizade/ De amicitia</i>	Gilson César Cardoso de Souza	Martins Fontes	Coleção Breves encontros	2001
Corpus Iuris Ciúlis	<i>Institutas do Imperador Justiniano : manual para uso dos estudantes de direito de Constantinopla/ Institutas</i>	Tradutor desconhecido	Édipro		2001
Ovídio	<i>A arte de amar incluindo Os remédios para o</i>	Dunia Marinho da Silva	L&PM		2001

	<i>amor e Os produtos de beleza para o rosto da mulher/ Ars amatoria; Remedia amoris; De medicamine faciei feminae</i>				
Sêneca	<i>Da vida feliz/ De uita beata</i>	João Carlos Cabral Mendonça	Martins Fontes		2001
Sêneca	<i>Aprendendo a viver/ Epistolae Morales ad Lucilium</i>	Carlos Ancêde Nougé et. alii	Martins Fontes	Breves encontros	2002
Horácio	<i>Odes e Epodos/ Carmina; Epodoi</i>	Bento Prado de Almeida Ferraz	Martins Fontes	Coleção biblioteca Martins Fontes	2003
Ovídio	<i>Metamorfoses/ Metamorphoseon libri</i>	Vera Lucia Leitão Magyar	Madras		2003
Agostinho	<i>Sobre o sermão do Senhor na montanha: comentário/ De sermone Domini in monte</i>	Carlos Ancêde Nougé	Edições Santo Tomás		2003
Suetônio	<i>Os doze Césares/ Título original ignorado</i>	Gilson César Cardoso de Sousa	Germape		2003
Cícero	<i>Tratado das leis/ De legibus</i>	Marino Kury	EDUCS	Toledo	2004
Petrônio	<i>Satyricon/ Satyricon libri</i>	Sandra Braga Bianchet	Crisálida		2004
Virgílio	<i>Eneida/ Aeneis</i>	José Vitorino Barreto Feio; José Maria da Costa e Silva ⁴⁶	Martins Fontes		2004
Cícero	<i>Do sumo bem e do sumo mal/ De finibus bonorum et malorum</i>	Carlos Ancêde Nougé	Martins Fontes		2005
Cícero	<i>A virtude e a felicidade/ Tusculanarum disputationum liber quintus</i>	Carlos Ancêde Nougé	Martins Fontes	Coleção Breves encontros	2005

⁴⁶ José Maria da Costa e Silva traduziu os livros IX a XII, pois Barreto Feio morreu antes de concluir sua tradução.

Cícero	<i>Retórica a Herênio/ Rhetorica ad Herennium</i>	Ana Paula Celestino Faria, Adriana Seabra	Hedra		2005
Agostinho	<i>Comentário ao Gênesis/ Não identificado</i>	Agustinho Frei Belmonte	Paulus	Patrística	2005
Agostinho	<i>A natureza do bem/ De natura boni contra manichaeus</i>	Carlos Ancêde Nougé	Sétimo selo		2005
Sêneca	<i>Sobre a vida feliz/ De uita beata</i>	João Teodoro d'Olim Marote	Nova Alexandria		2005
Virgílio	<i>Bucólicas</i> ⁴⁷ / <i>Bucolica</i>	Raimundo Carvalho	Crisálida/Tessitura		2005
Cícero	<i>A amizade/ De amicitia</i>	Luiz Feracine	Escala	Grandes obras do pensamento universal	2006
Cícero	<i>Sobre a amizade/ De amicitia</i>	João Teodoro d'Olim Marote	Nova Alexandria	Coleção Clássicos da Antiguidade	2006
Fedro	<i>Fábulas/ Fabularum Aesopiarum</i>	Luiz Feracine	Escala	Grandes obras do pensamento universal	2006
Plauto	<i>Estico/ Stichus</i>	Isabella Tardin Cardoso	Editora Unicamp		2006
Agostinho	<i>Agostinho de A a Z/ Não identificado</i>	Paulo José Benício	Vida acadêmica		2006
Sêneca	<i>Sobre a brevidade da vida/ De breuitate uitae</i>	Lúcia Sá Rebello; Ellen Itanajara Neves Vranas e Gabriel Nocchi Macedo	L&PM		2006
Sêneca	<i>A tranquilidade da alma: A vida retirada/ De tranquillitate animi</i>	Luiz Feracine	Escala	Grandes obras do pensamento universal	2006
Sêneca	<i>A vida feliz/ De uita beata</i>	Alfredo Scottini	Eko		2006
Virgílio	<i>Eneida (Canto IV)/ Aeneis</i>	Milton Marques Júnior	Editora da UFPB		2006
Agostinho	<i>Textos básicos de ética: de Platão a Foucault (contém</i>	Danilo Marcondes	Jorge Zahar		2007

⁴⁷ Esta edição possui um apêndice com a tradução das *Bucólicas* de Odorico Mendes.

	<i>O livre-arbitrio e Confissões)/ Confessiones; De libero arbitrio</i>				
Agostinho	<i>Trindade/ De Trinitate</i>	Arnaldo do Espírito Santo; Domingos Lucas Dias; João Beato	Paulinas		2007
Sêneca	<i>A brevidade da vida/ De breuitate uitae</i>	Luiz Feracine	Escala	Grandes obras do pensamento universal	2007
Sêneca	<i>A clemência/ De clementia</i>	Luiz Feracine	Escala	Grandes obras do pensamento universal	2007
Sêneca	<i>A constância do sábio</i>	Luiz Feracine	Escala	Grandes obras do pensamento universal	2007
Sêneca	<i>Consolação a Políbio</i>	Matheus Trevizam	UFMG		2007
Suetônio	<i>A vida e os feitos do Divino Augusto/ De uiris illustribus</i>	Matheus Trevizam; Paulo Sérgio de Vasconcellos; Antônio Martínez de Rezende	UFMG	Palimpsesto	2007
Virgílio	<i>O IV canto das Geórgicas/ Georgica</i>	Elaine C.P. dos Santos	Scortecci		2007
Vitrúvio	<i>Tratado de arquitetura/ De architectura</i>	M. Justino Maciel	Martins Fontes		2007
Cícero	<i>Os deveres/ De officiis</i>	Luiz Feracine	Escala	Grandes obras do pensamento universal	2008
Petrônio	<i>Satíricon/ Satyricon libri</i>	Claudio Aquati	CosacNaify	Prosa do Mundo	2008
Agostinho	<i>Contra os acadêmicos: A ordem; A grandeza da alma; O mestre/ De quantitate animae; De magistro</i>	Agustinho Frei Belmonte	Paulus	Patrística	2008
Sêneca	<i>Aprendendo a viver/ Epistolae Morales ad Lucilium</i>	Lúcia Sá Rebello; Ellen Itanajara Neves Vranas	L&PM		2008

Tito Lívio	<i>História de Roma - Livro I - A Monarquia/ Ab urbe condita libri</i>	Monica Costa Vitorino	Crisálida		2008
Virgílio	<i>Bucólicas/ Bucolica</i>	Odorico Mendes	Ateliê Editora		2008
Ambrósio de Milão	<i>Examerão: os seis dias da criação/ Hexaemeron</i>	Célia Mariana Franchi Fernandes da Silva	Paulus	Patrística	2009
Apuleio	<i>Eros e Psiqué/ Libri Metamorphoseon</i>	Ferreira Gullar	FTD		2009
Ovídio	<i>Cartas pânticas/ Epistolae ex Ponto/ Epistolae ex Ponto</i>	Geraldo José Albino	Martins Fontes		2009
Ovídio	<i>A arte de amar/ Ars amatoria</i>	Foed Castro Chamma	Calibán	Quem lê vive mais	2009
Agostinho	<i>De magistro/ De magistro</i>	Bento Silva Santos	Editora Vozes	Textos fundantes de educação	2009
Agostinho	<i>Explicação de algumas proposições da Carta aos Romanos; Explicação da Carta aos Gálatas; Explicação incoada da Carta aos Romanos/ Expositio epistolae ad Galatas; Epistolae ad Romanos inchoata expositio</i>	Agustinho Frei Belmonte	Paulus	Patrística	2009
Sêneca	<i>Da tranquilidade da alma/ De tranquillitate animi</i>	Lúcia Rebello; Ellen Itanajara Neves Vranas	L&PM		2009
Sêneca	<i>Agamêmnon/ Agamemnon</i>	José Eduardo dos Santos Lohner	Globo		2009
Suetônio	<i>Calígula e Nero/ Título original ignorado</i>	Sady-Garibaldi	Pocket-ouro		2009
Virgílio	<i>Eneida (Cantos I, II, III e IV)/ Aeneis</i>	Domingos Paschoal Cegalla	Difel	Clássicos gregos	2009
Aulo Gêlio	<i>Noites áticas/ Noctes atticae</i>	José Rodrigues Seabra Filho	EDUEL		2010
Ovídio	<i>Primeiro livro dos Amores/ Amores</i>	Lucy Ana de Bem	Hedra		2010

Ovídio	<i>A metamorfose de Licáon/ Metamorphoseon libri (Lycaon)</i>	Marcos Martinho	Companhia das Letras		2010
Quintiliano	<i>Rompendo o silêncio: o discurso oratório em Quintiliano (tradução do livro Institutio Oratoria X da Institutio Oratoria)/ Institutio Oratoria</i>	Antônio Martinez de Rezende	Crisálida		2010
Lucano	<i>Farsália - Cantos de I a V/ Pharsalia</i>	Brunno V. G. Vieira	Editora Unicamp		2011
Ovídio	<i>Amores & Arte de amar/ Amores; Ars amatoria</i>	Carlos Ascenso André	Companhia das Letras		2011
Plauto	<i>O Truculento/ Truculentus</i>	Adriano Milho Cordeiro	AnnaBlume	Autores Gregos e Latinos	2011
Sêneca	<i>Sobre os enganos do mundo/ Epistolae Morales ad Lucilium</i>	Willian Li; Mariana Sérvulo da Cunha; João Carlos Cabral Mendonça; Carlos Ancêde Nougé	Martins Fontes	Ideias Vivas	2011
Sêneca	<i>Sobre os enganos do mundo (Epístolas morais a Lucílio)/ Epistolae Morales ad Lucilium</i>	Tradutor desconhecido	Martins Fontes	Ideias vivas	2011
Vegécio	<i>Compêndio da arte militar/ Epitoma Rei Militaris</i>	José Eduardo Braga	AnnaBlume		2011
Virgílio	<i>As armas e o varão - Leitura e Tradução do Canto I da Eneida/ Aeneis</i>	Márcio Thamos	Edusp		2011
Agostinho	<i>O De Excídio Vurbis e outros Sermões sobre a queda de Roma/ Sermones (De Excídio Vrbis)</i>	Carlota Miranda Urbano	Annablume	Annablume clássica	2012
Sêneca	<i>Medeia</i>	Ana Alexandra Alves de Souza	Annablume	Coleção clássica	2012
Sêneca	<i>Da felicidade/ De uita beata</i>	Lúcia Sá Rebello; Ellen	L&PM		2012

		Itanajara Neves Vranas			
Varrão	<i>Das coisas do campo/ De re rustica</i>	Matheus Trevizam	Editora Unicamp		2012
Cícero	<i>Como ganhar uma eleição/ Commentariolum petitionis</i>	José Ignácio Coelho Mendes Neto	Édipro		2013
Jerônimo	<i>Apologia contra os livros de Rufino/ Apologia aduersus libros Rufini</i>	Luís Carlos Lima Carpinetti; Luciana Gomes de Mello	Paulus	Patrística	2013
Propércio	<i>Elegias de Sexto Propércio/ Sexti Properti Elegi</i>	Guilherme Gontijo Flores	Autêntica	Coleção Clássica	2014
Tácito	<i>Diálogo dos oradores/ Dialogus de oratoribus</i>	Júlia Batista Castilho de Avellar; Antônio Martínez de Rezende	Autêntica	Coleção Clássica	2014
Cícero	<i>Pro Archia e Pro Marcello/ Pro Archia; Pro Marcello</i>	Maximiano Augusto Gonçalves	H. Antunes		s/d
Cícero	<i>Pro Archia, Pro Marcello e Pro Ligario/ Pro Archia; Pro Marcello; Pro Ligario</i>	Maximiano Augusto Gonçalves	H. Antunes		s/d
Cícero	<i>De officiis/ De officiis</i>	Maximiano Augusto Gonçalves	H. Antunes		s/d
Cícero	<i>Diálogo sobre a amizade/ De amicitia</i>	José Perez	Cultura Moderna		s/d
Cícero	<i>Orações contra Catilina/ In Lucium Catilinam</i>	Washington Garcia	O Social		s/d
Fedro	<i>Algumas fábulas de Fedro: acompanhadas de tradução literal, notas de entrelaçamento do português com o latim, e vocabulário/ Fabularum Aesopiarum</i>	Álvaro Ferdinando Sousa da Silveira	Francisco Alves		s/d

Fedro	<i>Fábulas de Fedro: significados/ Fabularum Aesopiarum</i>	Napoleão Esteves	Francisco Alves		s/d
Fedro	<i>Fábulas: com notas gramaticais e versos escandidos por B. Sampaio/ Fabularum Aesopiarum</i>	Tradutor desconhecido	Melhoramentos		s/d
Horácio	<i>Tradução literal das odes de Horácio/ Carmina</i>	Antonio Augusto Velloso	Queiroz Breyner		s/d
Horácio	<i>As odes e o Hymno secular/ Carmina; Carmen Saeculare</i>	Tradutor desconhecido	Francisco Alves	Coleção de livros clássicos	s/d
Horácio	<i>Poesia velha e nova/ Não identificado</i>	Neyde Ramos de Assis	Nobel	Monumentum aere perennius	s/d
César	<i>Comentarii de bello Gallico</i>	Tradutor desconhecido	Aillaud/Francisco Alves	Clássicos latinos	s/d
Ovídio	<i>Arte de amar/ Ars amatoria</i>	Hélio Gomes da Luz	Organização Simões	Clássica	s/d
Ovídio	<i>Tristium/ Tristia</i>	Antonio Augusto Velloso	Organização Simões		s/d
Petrônio	<i>Satiricon/ Satyricon libri</i>	Miguel Ruas	Atena Editora	Biblioteca Clássica	s/d
Petrônio	<i>Satiricon/ Satyricon libri</i>	Tradutor desconhecido	Ediouro		s/d
Agostinho	<i>Confissões/ Confessiones</i>	J. Oliveira Santos; A. Ambrósio de Pina	Nova Cultural	Coleção Os pensadores	s/d
Agostinho	<i>Cartas a Proba e a Juliana/ Epistolae</i>	Nair de Assis Oliveira	Paulus	Espiritualidade	s/d
Agostinho	<i>Textos básicos de filosofia: dos Pré-Socráticos a Wittgenstein (contém traduções de dois trechos das Confissões VII)/ Confessiones</i>	Danilo Marcondes	Jorge Zahar		s/d
Agostinho	<i>Confissões/ Confessiones</i>	Tradutor desconhecido	Progresso		s/d
Agostinho	<i>Confissões/ Confessiones</i>	Luiz Anesi	Boa Imprensa		s/d
Agostinho	<i>De magistro/ De magistro</i>	Ângelo Ricci	Universidade do Rio Grande do Sul	Textos	s/d

Sêneca	<i>Obras (inclui: Medéia; Hélvia; Tranquilidade da alma; Apokolokyntosis)/ Medea; De consolatione ad Heluiam Matrem; De tranquillitate animi; Apokolokyntosis</i>	Giulio Davide Leoni	Ediouro	Coleção Universidade	s/d
Virgílio	<i>Eneida/ Aeneis</i>	Salvador de Oliveira Penna	Globo		s/d
Vulgata	<i>Bíblia sagrada/ Vulgata</i>	Manoel de Matos Soares	Paulinas		s/d
Vulgata	<i>A Bíblia sagrada/Vulgata</i>	Antonio Pereira de Figueiredo	B.L. Garnier		s/d
Corpus Iuris Ciuilis	<i>Digesto de Justiniano (I)/ Corpus Juris Ciuilis</i>	Hélcio Maciel França Madeira	Revista dos Tribunais		s/d

Fonte: desenvolvido pela autora.

APÊNDICE B – TABELA DAS COLETÂNEAS COMPOSTAS DE DIFERENTES AUTORES LATINOS PUBLICADAS NO BRASIL ENTRE 1808 E 2014

Autores	Obras (título traduzido/ título original)	Tradutor(es)	Editora/Coleção	1ª edição
Vários	<i>Historiadores latinos : antologia bilíngue/ Não identificado</i>	Maria Luiza Neri; Maria da Gloria Novak; Ariovaldo Augusto Peterlini	Martins Fontes	s/d
Vários (Catulo; Virgílio; Horácio; Tibulo; Sulpícia; Propércio; Ovídio; Estácio; Marcial; Vigília de Vênus; Ausônio; Claudiano; Rutilio Namaciano; Prudêncio).	<i>Poesia lírica latina/ Não identificado</i>	Maria Luiza Neri; Maria da Gloria Novak	Martins Fontes	s/d
Plauto; Terêncio	<i>A comédia latina (inclui: Anfitrião; Aululária; Os cativos; O gorgulho, Os adelfos; O eunuco) Amphitruo/ Aulularia/ Captiui/ Curculium/ Adelphoe/ Eunuchus</i>	Agostinho da Silva	Editora Globo/ Biblioteca dos Séculos	1952
Lucrécio; Epicuro	<i>Epicuro e Lucrécio – O Epicurismo e “Da Natureza”/ De rerum natura</i>	Agostinho da Silva	Globo/ Biblioteca dos séculos	1962
Horácio; Ovídio	<i>Sátiras, Os fastos/ Sermones/ Fasti</i>	Antônio Luís Seabra (Sátiras) e Antonio Feliciano de Castilho (Os Fastos)	W.M. Jackson Inc. editores/ Coleção Clássicos Jackson	1964
Lucrécio;	<i>Da natureza; Da</i>	Agostinho da Silva et al.	Abril Cultural	1973

Cícero; Sêneca; Marco Aurélio	<i>república; Consolação a minha mãe Hélvia; Da tranquilidade da alma; Medeia; Apocoloquintose ao divino Claudio; Meditações/ De rerum natura/ De republica/ De consolatione ad Heluam Matrem/ De tranquillitate animi/ Medeia/ Apokolokyntosis/ Comentarii</i>			
Horácio; Aristóteles; Longino	<i>A poética clássica/ Epistula ad Pisones</i>	Jaime Bruna	Cultrix	1981
Sêneca	<i>Hipólito/ Fedra</i>	José Eduardo do Prado Kelly	Agir	1985
Cícero; Platão; Tucídides	<i>Três vezes Siracusa : Cícero, Platão, Tucídides/ Tusculanarum disputationum</i>	Tradutor desconhecido	Fundação Projeto Rondon/ Leituras universitárias	1987
Horácio; Aristóteles; Longino	<i>Crítica e teoria literária na antiguidade: Aristóteles, Horácio, Longinus/ Epistula ad Pisones</i>	David Jardim Júnior	Tecnoprint	1989
Salústio; Sêneca	<i>Tratado sobre a clemência, A conjunção de Catilina, A Guerra de Jugurta/ De clementia/ De coniuratione Catilinae/ Bellum Iugurthinum</i>	Ingeborg Braren (<i>Tratado sobre a clemência</i>) e Antonio da Silveira Mendonça (<i>A conjuração de Catilina, A Guerra de Jugurta</i>)	Editora Vozes/ Clássicos do pensamento político	1990
Sêneca	<i>Hipólito e Fedra: três tragédias/ Fedra</i>	Joaquim Brasil Fontes	Iluminuras	2007
Suetônio; Plutarco	<i>Vidas de César (O divino Júlio); César/ Título original ignorado</i>	Antonio da Silveira Mendonça	Estação Liberdade	2007
Cícero; Ovídio;	<i>Da tranquilidade da alma,</i>	Tradutor desconhecido	L&PM	2010

Sêneca	<i>Aprendendo a viver, Sobre a brevidade da vida, A arte de amar e Saber envelhecer/ De tranquilitate animi/ Epistolae Morales ad Lucilium/ De breuitate uitae/ Ars amatoria/ De senectute</i>			
--------	--	--	--	--

Ausônio; Dracôncio; Ênio; Higino; Hosídio Gueta; Lúcio Ácio; Ovídio; Pacúvio; Sêneca; Valério Flaco; Varrão de Átax	<i>Epigramas, Medeia, Medeia Desterrada, Fábulas, Medeia de Hosídio Gueta – tragédia composta de centões virgilianos; Medeia ou Argonautas; Heroides XII; Metamorfoses; Medeia; Medo; Medeia; Os Argonautas; Argonautas / Epigramma/ Medea/ Medea Exul/ Fabulae/ Hosidii Getae Medea – tragoedia ex centonibus uirgilianis conflata/ Medea siue Argonautae/ Heroides/ Metamorphoseon libri/ Medea/ Medus/ Medea/ Argonautica/ Argonautae</i>	Márcio Meirelles Gouvêa Júnior	Autêntica/ Coleção Clássica	2014
--	--	-----------------------------------	-----------------------------------	------

Fonte: desenvolvido pela autora.

APÊNDICE C – TABELA DAS OBRAS DE LITERATURA LATINA TRADUZIDAS NO BRASIL ENTRE 1808 E 2014

Autor	Título da obra	Autor	Título da obra
Tito Lívio	<i>Ab urbe condita libri</i>	Santo Agostinho	<i>De Trinitate</i>
Virgílio	<i>Aeneis</i>	Santo Agostinho	<i>De uera religione</i>
Sêneca	<i>Agamemnon</i>	Ambrósio de Milão	<i>De uirginibus</i>
Ovídio	<i>Amores</i>	Ambrósio de Milão	<i>De uirginitate</i>
Tácito	<i>Annales</i>	Sêneca	<i>De uita beata</i>
Sêneca	<i>Apokolokyntosis</i>	Gregório Magno	<i>De uita et miraculis uenerabilis Benedicti</i>
São Jerônimo	<i>Apologia aduersus libros Rufini</i>	Cornélio Nepos	<i>De uiris illustribus</i>
Ovídio	<i>Ars amatoria</i>	Suetônio	<i>De uiris illustribus</i>
Manílio	<i>Astronomica</i>	Tácito	<i>De uita et moribus Iulii Agricola</i>
Plauto	<i>Aulularia</i>	Tácito	<i>Dialogus de oratoribus</i>
Plauto	<i>Bacchides</i>	Tíbulo	<i>Elegi</i>
Salústio	<i>Bellum Iugurtinum</i>	Santo Agostinho	<i>Enarrationes in psalmos</i>
Eutrópio	<i>Breuiarium historiae Romanae</i>	Marcial	<i>Epigramae libri</i>
Virgílio	<i>Bucolica</i>	Horácio	<i>Epistolae</i>
Plauto	<i>Captiui</i>	Santo Agostinho	<i>Epistolae</i>
Horácio	<i>Carmen Saeculare</i>	Cícero	<i>Epistolae</i>
Catulo	<i>Carmina</i>	Ovídio	<i>Epistolae ex Ponto</i>
Horácio	<i>Carmina</i>	Sêneca	<i>Epistolae Morales ad Lucilium</i>
Júlio César	<i>Comentarii de bello Gallico</i>	Horácio	<i>Epistula ad Pisones</i>
Quinto Cícero	<i>Commentariolum petitionis</i>	Vegécio	<i>Epitoma Rei Militaris</i>
Santo Agostinho	<i>Confessiones</i>	Horácio	<i>Epodoi</i>
Sêneca	<i>Consolationes</i>	Ambrósio de Milão	<i>Exhortatio uirginitatis</i>
Justiniano	<i>Corpus Iuris Ciuilis</i>	Ambrósio de Milão	<i>Explanatio symboli</i>
Plauto	<i>Curculium</i>	Fedro	<i>Fabularum Aesopiarum</i>

Cícero	<i>De amicitia</i>	Ovídio	<i>Fasti</i>
Frontino	<i>De aquis urbis Romae</i>	Virgílio	<i>Georgica</i>
Vitrúvio	<i>De architectura</i>	Terêncio	<i>Hecyra</i>
Tertuliano	<i>De baptismo</i>	Ovídio	<i>Heroides</i>
Santo Agostinho	<i>De beata uita</i>	Ambrósio de Milão	<i>Hexaemeron</i>
Júlio César	<i>De bello ciuili comentarii</i>	Tácito	<i>Historiae</i>
Santo Agostinho	<i>De bono coniugali</i>	Ovídio	<i>Ibis</i>
Santo Agostinho	<i>De bono uiduitatis</i>	Santo Agostinho	<i>In Epistolam Ioannis ad Parthos, tractus decem</i>
Sêneca	<i>De breuitate uitae</i>	Cícero	<i>In Lucium Catilinam</i>
Santo Agostinho	<i>De Catechizandis rudibus</i>	Cícero	<i>In Verrem</i>
Santo Agostinho	<i>De ciuitate Dei</i>	Justiniano	<i>Institutas</i>
Sêneca	<i>De clementia</i>	Quintiliano	<i>Institutio Oratoria</i>
Salústio	<i>De coniuratione Catilinae</i>	Apuleio	<i>Libri Metamorphoseon</i>
Sêneca	<i>De consolatione ad Heluiam Matrem</i>	Sêneca	<i>Medea</i>
Sêneca	<i>De constantia sapientis</i>	Plauto	<i>Menaechmi</i>
Santo Agostinho	<i>De cura pro mortuis gerenda</i>	Ovídio	<i>Metamorphoseon libri</i>
Santo Agostinho	<i>De doctrina christiana</i>	Plauto	<i>Miles gloriosus</i>
Cícero	<i>De fato</i>	Santo Agostinho	Não identificado
Cícero	<i>De finibus bonorum et malorum</i>	São Cipriano	Não identificado
Santo Agostinho	<i>De gratia Christi et peccato originali</i>	Suetônio	Não identificado
São Cipriano	<i>De Habitu Virginum</i>	Aulo Gélío	<i>Noctes atticae</i>
Ambrósio de Milão	<i>De Incarnationis Dominicae Sacramento</i>	Sêneca	<i>Oedipus</i>
Sêneca	<i>De ira</i>	Cícero	<i>Paradoxa Stoicorum</i>
Cícero	<i>De legibus</i>	Egéria	<i>Peregrinatio ad loca sancta</i>
Santo Agostinho	<i>De libero arbitrio</i>	Lucano	<i>Pharsalia</i>
Santo Agostinho	<i>De magistro</i>	Cícero	<i>Philippicae orationes</i>
Ovídio	<i>De medicamine faciei feminae</i>	Cícero	<i>Pro Archia</i>
Ambrósio de	<i>De Mysteriis</i>	Cícero	<i>Pro Ligario</i>

Milão

Santo Agostinho	<i>De natura boni contra manichaeus</i>	Cícero	<i>Pro Marcello</i>
Santo Agostinho	<i>De natura et gratia</i>	Ovídio	<i>Remedia amoris</i>
Cícero	<i>De officiis</i>	Cícero	<i>Rhetorica ad Herennium</i>
São Cipriano	<i>De Opere et eleemosynis</i>	Plauto	<i>Rudens</i>
Tácito	<i>De Origine et situ Germanorum</i>	Juvenal	<i>Satyrae</i>
Sêneca	<i>De otio</i>	Petrônio	<i>Satyricon libri</i>
Ambrósio de Milão	<i>De paenitentia</i>	Cícero	<i>Scipionis somnium</i>
Cícero	<i>De partitione oratoria dialogus</i>	Horácio	<i>Sermones</i>
São Cipriano	<i>De Pater Noster</i>	Leão Magno	<i>Sermones</i>
Sêneca	<i>De Prouidentia</i>	Santo Agostinho	<i>Sermones (De Excidio Urbis)</i>
Santo Agostinho	<i>De quantitate animae</i>	Propércio	<i>Sexti Properti Elegi</i>
Varrão	<i>De re rustica</i>	Santo Agostinho	<i>Soliloquia</i>
Cícero	<i>De republica</i>	Plauto	<i>Stichus</i>
Lucrécio	<i>De rerum natura</i>	Suetônio	Título original ignorado (A vida dos doze césores)
Ambrósio de Milão	<i>De sacramentis</i>	Ovídio	<i>Tristia</i>
Santo Agostinho	<i>De sancta uirginitate</i>	Sêneca	<i>Troades</i>
Cícero	<i>De senectute</i>	Plauto	<i>Truculentus</i>
Santo Agostinho	<i>De sermone Domini in monte</i>	Cícero	<i>Tusculanarum disputationum liber quintus</i>
Santo Agostinho	<i>De spiritu et littera</i>	Sulpício Severo	<i>Vita Martini</i>
Cícero	<i>De suppliciis</i>	Vulgata	<i>Vulgata</i>
Sêneca	<i>De tranquillitate animi</i>		